

Rossanna dos Santos Santana Rubim

LEITURA LITERÁRIA E TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

UM ESTUDO DE CASO



Edifes

Rossanna dos Santos Santana Rubim

LEITURA LITERÁRIA E TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

UM ESTUDO DE CASO



Edifes

Vitória - ES, 2019



Edifes

Editora do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Espírito Santo
R. Barão de Mauá, nº 30 – Jucutuquara
29040-689 – Vitória – ES
www.edifes.ifes.edu.br | editora@ifes.edu.br

Reitor: Jadir Jose Pela
Pró-Reitor de Administração e Orçamento: Lezi José Ferreira
Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional: Luciano de Oliveira Toledo
Pró-Reitora de Ensino: Adriana Pionttkovsky Barcellos
Pró-Reitor de Extensão: Renato Tannure Rotta de Almeida
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: André Romero da Silva
Coordenador da Edifes: Nelson Martinelli Filho

Conselho Editorial

Ediu Carlos Lopes Lemos • Eliana Mara Pellerano Kuster • Diego Ramiro Araoz
Alves (Suplente) Estéfano Aparecido Vieira • Karin Satie Komati (Suplente) • Felipe
Zamborlini Saiter • Marcela Ferreira Paes (Suplente) • Nelson Martinelli Filho •
Poliana Daré Zampirolli Pires • Oscar Luiz Teixeira de Rezende (Suplente) • Raoni
Schmitt Huapaya • Marcos Vinicius Forecchi Accioly (Suplente) • Ricardo Ramos
Costa • Ana Paula Klauck (Suplente) • Priscila de Souza Chisté • Robson Malacarne
(Suplente) • Rossanna dos Santos Santana Rubim • Norma Pignaton Recla Lima
(Suplente) • Wallisson da Silva Freitas

Revisão e produção editorial: Roberta Patrocínio de Amorim
Projeto Gráfico, Diagramação e Capa: Assessoria de Comunicação Social do Ifes
Imagem de capa: shutterstock_47326840.jpg/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Norma Pignaton Recla Lima – CRB6-ES - 207

R896L Rubim, Rossanna dos Santos Santana, 1975-
Leitura literária e tecnologias de informação e comunicação :
um estudo de caso / Rossanna dos Santos Santana Rubim. – Vitória,
ES : Edifes, 2018.
156 p.

ISBN: 9788582633137 (e-book.).

1. Livros e leitura. 2. Literatura. 3. Livros eletrônicos. 3. Instituto
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. Campus
São Mateus. I. Título.

CDD 22 – 372.4

@ 2019 Instituto Federal do Espírito Santo

Todos os direitos reservados.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada a fonte.

O conteúdo dos textos é de inteira responsabilidade do autor.

Agradecimentos

Muitas são as pessoas dignas de agradecimento por este livro e, sem sombra de dúvidas, não poderiam todas serem mencionadas, apropriadamente, num breve texto. Por isso, digo de ações e não de nomes. Que cada pessoa, desta populosa vila de colaboradores, sinta-se reconhecida de acordo com os seus méritos.

Agradeço àquelas pessoas que me deram condições de existência e permanência neste mundo, com amor, (muita) paciência, inspiração e fé no que eu me propunha a fazer. Olhar para o lugar de onde vim deu-me forças para prosseguir, por saber que teria para onde voltar.

Agradeço às pessoas que, durante o processo de pesquisa e escrita, me mantiveram sã e guiaram os meus pensamentos por meio de diálogos e leituras feitas com base em amizade, boa vontade, disponibilidade, rigor, profissionalismo e competência. Conviver com fabulosas mentes barulhentas fez com que eu quisesse mais, e não sei como fazer parar este desejo.

Porque autores escrevem textos, e não fabricam livros, agradeço às pessoas que com competência e boa dose de criatividade deram cor e forma bibliográfica, mesmo que eletrônica, aos escritos selvagens de uma bibliotecária e leitora capixaba. Aos copistas de hoje, meu muito obrigada!

Por fim, agradeço às leitoras e aos leitores literários do Ifes – Campus São Mateus. Sem vocês, tudo o mais não teria sentido.

Sumário

PREFÁCIO	5
APRESENTAÇÃO	11
INTRODUÇÃO	14
1 – ALGO SOBRE A HISTÓRIA CULTURAL	24
1.1. ROGER CHARTIER E AS NOÇÕES DE REPRESENTAÇÃO, PRÁTICA E REPRESENTAÇÃO	30
2 – PROTOCOLOS DE LEITURA E SUPORTES DE AGORA E OUTRORA	36
2.1. SUPORTES MANUSCRITOS E IMPRESSOS: VELHAS E NOVAS PRÁTICAS ...	39
2.2. TEXTOS ELETRÔNICOS E PROTOCOLOS DE LEITURA	47
3 – A BIBLIOTECA DO IFES – CAMPUS SÃO MATEUS E SEUS LEITORES LITERÁRIOS	58
3.1. PRIMEIRAS IMPRESSÕES SOBRE AS PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA: ANÁLISE DE REGISTROS DE EMPRÉSTIMO	61
3.2. ESTUDO DE USUÁRIOS “LEITURA LITERÁRIA: O QUÊ, COMO E ONDE VOCÊ TEM LIDO?”	70
3.3. ENTRE RELATÓRIOS E QUESTIONÁRIO	97
4 – GRUPO FOCAL: FALAM OS LEITORES	103
4.1. SOBRE A MATERIALIDADE DOS SUPORTES	105
4.2. DESENVOLVIMENTO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	114
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS	139
APÊNDICES	149
APÊNDICE A – PUBLICAÇÕES DE CHARTIER SOBRE A TEMÁTICA HISTÓRIA DO LIVRO E DA LEITURA (ATÉ 2017)	149
APÊNDICE B – ACERVO LITERÁRIO DA BIBLIOTECA DO CAMPUS SÃO MATEUS (ATÉ 2014)	151
APÊNDICE C – QUANTIDADE DE EMPRÉSTIMOS POR ÁREA DO CONHECIMENTO (2011-2012/ 2013-2014)	153
APÊNDICE D – ROTEIRO DO GRUPO FOCAL	155

Prefácio

*Maria Amélia Dalvi*¹

Há, basicamente, dois modos de se fazer um prefácio: alguns autores privilegiam os aspectos mais propriamente acadêmico-científicos, a discussão do conteúdo da obra, a contribuição para o campo do conhecimento; outros, sua relação pessoal ou profissional com aquele que assina a obra. No meu caso, as duas opções interessam; na verdade, são incontornáveis.

Por honestidade intelectual, preciso também dizer que há dois tipos de sujeitos aos quais se convida para escrever um prefácio para o próprio livro: uma referência de pesquisa no campo de estudo ou alguém que conhece bem nosso percurso intelectual e foi decisivo para ele. No meu caso, suspeito que não atendo bem à primeira categoria (sou, quando muito, uma estudiosa das relações entre literatura e educação, e, por isso mesmo, uma eterna curiosa sobre experiências atinentes à leitura literária – as discussões sobre novos suportes e novas tecnologias, embora me interessem, não constituem o meu campo mais privilegiado de estudos). Mas o fato é: talvez também não atenda bem à segunda categoria. Tenha o leitor paciência que eu explico.

¹ Professora na Universidade Federal do Espírito Santo e coordenadora do Grupo de Pesquisa Literatura e Educação. E-mail: dalvimariaamelia@gmail.com e maria.dalvi@ufes.br.

Rossanna dos Santos Santana Rubim e eu nos conhecemos apenas em 2012, quando ela já tinha todo um percurso formativo desenhado no campo da Biblioteconomia e dos estudos da leitura e já era servidora efetiva no campus São Mateus do Instituto Federal do Espírito Santo. Eu acabara de ingressar como docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo e ofertava minha primeira disciplina, denominada Literatura e Leitura. O objetivo era apresentar, ao mesmo tempo, uma breve história da cultura escrita (dos primeiros suportes do escrito às novas tecnologias), um panorama dos estudos brasileiros de história do livro e da leitura e, enfim, sugerir indicações iniciais para quem se dispusesse a percorrer as contribuições teórico-metodológicas da Nova História Cultural, notadamente do pensamento de Roger Chartier.

Ela chegou ali, nessa disciplina tão pretensiosa (sim, hoje eu me dou conta...), na condição de aluna especial – nós duas aventurando-nos a fazer algo que nunca tínhamos feito. Logo destacou-se, com sua dedicação, seriedade, empenho, comprometimento, na defesa do lugar da biblioteca, do mediador de leitura e da profissionalização do trabalho na biblioteca escolar. Ao longo da disciplina, em diversos momentos, contribuiu com seu saber especializado – mas também com seu saber apaixonado de leitora curiosa. Não foi surpresa para nenhum de nós que testemunhamos suas qualidades como estudante a posterior aprovação no processo seletivo para ingresso como aluna regular no curso de Mestrado em Letras, em um momento em que a nossa instituição ainda não tinha (como agora tem!) um programa de pós-graduação em Ciências da Informação.

Não disse até aqui, mas agora chegou a hora de dizer: além de professora na disciplina “Literatura e Leitura” no curso de Mestrado em Letras, tive o privilégio de ser indicada como orientadora de Rossanna, do ingresso à defesa. Suas qualidades se confirmaram entre nós do Grupo de Pesquisa Literatura e Educação – ao qual, mesmo após o encerramento da pós-graduação, para nossa felicidade, ela permanece associada. Foi enriquecedor para nós, um

grupo constituído fundamentalmente de gente com formação em Pedagogia e em Letras, percebermos como mesmo entre áreas tão próximas (Biblioteconomia, Educação, Letras) a cultura académica e universitária forja práticas, valores e experiências tão distintas. Digo isso porque me lembro – hoje com vontade de rir, mas à época seriamente preocupada – de como ela ficou abalada com as ponderações e sugestões da banca de qualificação: como se alguém pudesse sair ileso de um evento como esse! Seu cuidado, zelo e quase-perfeccionismo se fizeram sentir todo o tempo; e muitos de nós tomamos as indicações de Rossanna sobre normas técnicas e sobre procedimentos no tratamento da informação como “lição de vida”.

O projeto, certamente, sofreu transformações entre sua apresentação inicial à comissão de seleção do Programa e a apresentação à banca do relatório final na forma de uma dissertação, com o título “Leitura literária de alunos do Campus São Mateus do Instituto Federal do Espírito Santo frente às tecnologias de informação e comunicação contemporâneas”. Foram decisivas não apenas as disciplinas cursadas e os encontros do Grupo de Pesquisa, mas também a leitura crítica, rigorosa e atenta da Comissão Examinadora, constituída pelas professoras Adriana Pin (na defesa), Dulcinea Rosemberg (na qualificação) e Leni Ribeiro Leite (na qualificação e na defesa), às quais agradecemos muito sempre.

O trabalho transformou-se de novo, agora, na sua passagem da condição de dissertação à condição de livro: partes foram reescritas, outras cortadas e um ou outro acréscimo fundamental inserido na nova versão. E em tudo Rossanna mostrou o quanto é autônoma e independente – ou seja, uma intelectual, a seu modo, já “formada”: portanto, meu trabalho de orientadora foi, certamente, muito menos decisivo do que em outros percursos formativos, quando nos chegam estudantes bem menos maduros e experientes. (E foi por isso que eu disse, nas linhas iniciais deste prefácio, que talvez eu não seja essa figura tão decisiva no seu percurso...).

A despeito das inevitáveis (e desejáveis) transformações ao longo da realização do curso de Mestrado, desde sempre sua proposta foi

praticamente a mesma: estudar como usuários potenciais da biblioteca institucional do Instituto Federal do Espírito Santo (campus São Mateus, onde Rossanna trabalha como bibliotecária) têm se relacionado com as ditas novas tecnologias da informação e comunicação na experiência de leitura literária. Um tema tão instigante e tão pouco contemplado nas pesquisas realizadas na área de Letras – como o demonstra o excelente levantamento e a boa (criteriosa, correta, enxuta, precisa) revisão bibliográfica que Rossanna apresenta ao leitor, neste livro. A decisão de privilegiar a leitura de uma obra literária juvenil premiadíssima e reconhecida no campo (**O fazedor de velhos**, de Rodrigo Lacerda) reforça a importância e a amplitude que adquire o estudo realizado.

Subsidiariamente, além do tema que constitui o eixo em torno do qual Rossanna organizou sua pesquisa, ela nos oferta importantes contribuições: uma boa sistematização da Nova História Cultural e das noções teóricas de práticas, de representação, de protocolos de leitura e de comunidade de interpretação, com a adição de uma breve história do livro e uma discussão ponderada sobre a passagem (da qual somos testemunhas vivas!) entre as textualidades impressas e as novas textualidades eletrônicas, considerando, tanto do ponto de vista teórico, quanto do ponto dos sujeitos da pesquisa, as questões que envolvem a materialidade dos suportes e seus impactos sobre a experiência de leitura literária. Merece destaque, também, ainda na discussão sobre as questões da materialidade, sua categorização e análise dos protocolos de leitura em diferentes suportes – uma oferta generosa dela aos leitores e aos pesquisadores que vierem a se debruçar sobre questões semelhantes às suas.

Mas Rossanna não minimizou o humano no seu estudo: pelo contrário, ao invés de concentrar-se privilegiadamente nos objetos e na relação sujeito de pesquisa-objeto, ela nos faz ver as pessoas e sua ação no mundo. Isso talvez porque, no nosso Grupo de Pesquisa, temos uma espécie de mantra: fazemos pesquisa para que os seres humanos vivam melhor e transformem a realidade em direção a maior equanimidade e liberdade. Talvez por isso, não à toa, ela nos

apresenta a biblioteca, seus frequentadores/usuários, os profissionais que ali trabalham e suas práticas de registro, um estudo dos usuários e a ajuda que teve, de colegas, na mediação do grupo focal, sem desconsiderar algumas dificuldades e surpresas do percurso. Além disso, na transcrição das conversas ou debates no grupo focal, conseguimos enxergar as pessoas que leem ou não, que hesitam, que se posicionam, que têm o que dizer sobre o assunto.

Tudo isso foi possível – é preciso registrar! – em decorrência de políticas públicas, financiadas com os recursos decorrentes dos impostos de nosso povo: concursos públicos para seleção de pessoal para trabalhar nas instituições públicas de ensino (meu caso, caso de Rossanna e caso de grande parte do pessoal de nosso Grupo de Pesquisa); editais públicos para acesso à pós-graduação de qualidade (sim, o PPGL/Ufes é nota 5, conforme avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior); licença remunerada para formação continuada no serviço público federal; e bolsa para dedicação integral a pesquisa de pós-graduação considerada estratégica. E é também mais uma política pública o que permite que o leitor tenha em mãos este livro: o investimento em editoras públicas que podem dar a público material de pesquisa, sem que precisem se submeter à lógica predatória do lucro e da concorrência. É contra o ataque a tais políticas públicas que continuaremos fazendo o que fazemos de melhor: estudar, produzir e socializar conhecimento, investir nas pessoas. Porque são as pessoas que transformam a realidade.

O leitor não se engane: as páginas deste livro, “Leitura literária e tecnologias da informação e comunicação: um estudo de caso”, têm como lastro muito estudo, muitos dados, muito investimento pessoal e profissional de sua autora, muito debate no interior de um coletivo bastante engajado e uma mensagem que ecoa ao fundo: é preciso que este país invista em políticas públicas consequentes decorrentes de pesquisa séria, é preciso que este país invista na profissionalização da educação e da mediação de leitura, que invista em bibliotecas, em tecnologia, em formação continuada de seus

quadros. Mas, acima de tudo, é preciso que assuma, na radicalidade que o termo precisa ter, que: *Gente é pra brilhar!* Seja nas páginas do impresso, seja na luz que emana dos novos dispositivos eletrônicos.

Que o leitor perdoe o desfecho pouco ortodoxo deste texto (mas padrão e norma existem é para isso mesmo: a gente pensar sobre eles e, quando for o caso, quebrar): para mim, a pesquisa de Rossanna & e a leitora que Rossanna é, o trabalho como bibliotecária de Rossanna & os livros e bibliotecas no mundo, e Rossanna mesma – o ser humano que ela é! – estão brilhando, nos ajudando a ver caminhos em meio ao obscurantismo que grassa parte da sociedade brasileira.

Vitória, abril de 2018

Apresentação

Esta publicação é resultado de pesquisa de mestrado realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Ufes, na área de conhecimento em Estudos Literários. O trabalho discorre sobre as práticas de leitura de um grupo de alunos do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), delimitando a área pesquisada ao campus São Mateus, com o intuito de compreender como se dão, atualmente, as relações entre leitores e leituras literárias frente a suportes tecnológicos não imaginados há algumas décadas. Para tal, faz uso de viés da história cultural, observando e valorizando um microcosmo em busca de alguma compreensão de um universo complexo, tendo o cuidado de não considerar os resultados como projeção de um todo, pois necessário se faz observar as variações que compõem e organizam cada segmento social e comunidade cultural e, por meio delas, problematizar como pensam e constroem o mundo.

A escolha do público pesquisado foi definida de acordo com a realidade vivenciada pela autora, que há aproximadamente onze anos exerce suas atividades como Bibliotecária na referida instituição de ensino, atendendo a um público peculiar, uma vez que naquele campus são ofertados cursos técnicos subsequentes e integrados ao Ensino Médio (Mecânica e Eletrotécnica), curso superior (Engenharia Mecânica) e cursos diversos de curta duração (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego), o que garante atendimento a alunos de faixas etárias variadas, prove-

nientes das mais diferentes realidades socioeconômicas e culturais.

Tal trabalho encontra-se inscrito nas atividades do grupo de pesquisa “Literatura e Educação”², na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), coordenado pela professora Maria Amélia Dalvi, o qual tem estudado tanto a prática de leitores “concretos” (SOUZA, 2015), quanto as possibilidades de leitura em novos suportes (LEMOS, 2015; SILVA, 2015); e importa ao campo dos Estudos Literários na medida em que vai à busca de diálogo junto a uma comunidade de leitores literários inscritos em grupo social e cultural específico.

Os sujeitos que participam dessa comunidade (usuários potenciais³ e reais⁴ da biblioteca do Ifes – campus São Mateus) estão inseridos no contexto de uma discussão pulsante em torno das novas formas assumidas pelo livro e, conseqüentemente, de novos modos de ler, possibilitados pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) contemporâneas. No bojo disso, escolheu-se olhar para as práticas, representações e apropriações de leituras literárias mediadas pelas TICs de modo a conectar-se com o interesse cunhado nos últimos 40 ou 50 anos pelo polo da leitura (ou da recepção) no processo de produção de sentidos para os textos literários.

Definindo Roger Chartier como principal aporte teórico, trabalhou-se com trio conceitual elaborado sobre a ótica da história cultural: representações, práticas e apropriações. Esses conceitos apresentam-se indissociáveis de acordo com a perspectiva do autor mencionado. São conceitos que e envolvem muitas variantes, tornando a suas sumarizações um tanto complexa. Nesse contexto,

² Grupo constituído por estudantes de graduação, mestrado, doutorado e por professores doutores, interdisciplinar e com articulações no Brasil e em outros países da América Latina, que se dedica a estudos das relações entre livros, leitura, leitores e literatura, quer sejam ou não atravessadas pelas práticas de educação formal, privilegiando as perspectivas teórico-metodológicas sócio-históricas e histórico-culturais (GRUPO DE PESQUISA LITERATURA E EDUCAÇÃO, 2014).

³ Usuário potencial é definido como aquele que está vinculado ao atendimento da missão e dos objetivos da instituição onde a biblioteca está inserida, podendo utilizar os produtos e serviços dela (CUNHA; CAVALCANTI, 2008).

⁴ Usuário real é aquele “[...] com o qual a biblioteca já estabeleceu contato por meio de seus produtos e/ou serviços informacionais; usuário ativo” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 373).

é possível dizer que essas noções permitem pensar como os atores sociais se apropriam e dão sentido à realidade e como, a partir de constantes (re)configurações, orientam suas práticas culturais. Da mesma forma, se por um lado as práticas tanto refletem quanto constroem certas representações do real, por outro, há a possibilidade de o sujeito romper com práticas e representações consolidadas em determinado contexto social, o que se dá em decorrência das incontáveis variantes que influenciam as formas de apropriação (CHARTIER, 1990, 2002).

Por isso, o estudo das práticas, representações e apropriações de leitura literária de alunos do Ifes – campus São Mateus volta-se para as condições materiais (concretas) em que ocorrem, entendendo que importa compreender as trocas possíveis nos processos de leitura ora postos, coadunando com a premissa de que “[...] os textos não são depositados nos objetos [...] que os suportam, como em receptáculos, e não se inscrevem no leitor como o fariam em cera mole” (CHARTIER, 1990, p. 25).

Introdução

Ao ser observada a história do homem, percebe-se a evolução/ transformação dos recursos tecnológicos de comunicação criados no decorrer do desenvolvimento das formas de registro da palavra escrita. Pedras de argila, cascas de árvores, couro de animais, pergaminhos e outros recursos, cada um em seu tempo, foram utilizados como suporte para a escrita, de forma revolucionária, com o intuito maior de transmitir ou perpetuar o pensamento humano, sendo ele considerado científico ou não. Todavia, desde a propagação do papel como substituto do pergaminho, o que se deu por volta do século XII, a partir da disseminação do papel na Europa (MARTINS, 2002, p. 114), ele tem sido o suporte de leitura com maior representação junto aos leitores. Esse cenário tem perdurado até os dias atuais.

Mas as TICs não pararam de experimentar constantes transformações, contribuindo para uma nova visão em relação à produção e ao acesso ao registro da produção intelectual do homem, principalmente no que se refere à invenção de dispositivos tecnológicos eletrônicos, alterando práticas possíveis de leitura. Dizer, historicamente, da aplicação de diferentes suportes, assim como visualizar o processo de evolução através de diferentes tempos e espaços, pode ser de utilidade para uma melhor compreensão do mundo digital, que forçosamente se faz presente no dia a dia de muitos.

Embora não seja possível precisar em que momento da evolução o homem desenvolveu a oralidade, no que tange à escrita, especu-

la-se que esta tenha surgido devido à necessidade de evitar que se perdesse a gama de informações produzidas pelo homem pré-histórico. Tal pensamento é corroborado por Gontijo (2004) e Proença (2009, p. 11), especificamente quando esta destaca uma das hipóteses a respeito do significado dos desenhos rupestres, que, sendo tratados como sistema de comunicação, evidenciam parte de um ritual realizado por caçadores, no intuito de manifestar, por meio do desenho, o desejo de aprisionamento e abate da presa, como se esse ato os aproximasse do seu intento.

Uma vez estabelecida a comunicação simbólica escrita, começa a jornada da evolução dos suportes para ela. A partir da leitura das obras de Proença (2009), Fischer (2006), Manguel (1997) e Martins (2002), é possível traçar uma linha temporal das tecnologias desenvolvidas pelo homem e que constituíram paradigmas na área da leitura.

À luz do exposto pelos autores supracitados é possível afirmar que o homem pré-histórico gravando seus petróglifos; os sumérios cozendo tabuletas de argila em que a escrita cuneiforme estava aposta; os egípcios desenvolvendo um vocabulário pictográfico em busca da transmissão do sagrado que transcende o mundo material; os gregos e outros povos acelerando o processo de criação de novo suporte para a palavra escrita, no intuito de garantir o registro da produção intelectual; os chineses desenvolvendo a primeira “versão” do papel a partir de insumos provenientes do reino vegetal, em busca do melhor suporte para seus ideogramas; um tipógrafo alemão dando início a uma inovação tecnológica que, em busca de maior agilidade do processo de reprodução da palavra escrita, populariza o papel mundialmente. Enfim, todos estes sujeitos, em um determinado momento de sua existência, deixaram pistas para que a humanidade percebesse que o desejo de descobrir, adaptar e criar suportes para registrar a palavra escrita estava associado ao desejo de perpetuar a produção intelectual de cada cultura, imprimindo-lhe mobilidade e continuidade.

O desenvolvimento das chamadas, e por vezes temidas, novas TICs alterou as realidades dos processos de comunicação. Sobre essa importante transformação, Gontijo (2004, p. 432) assim se posiciona:

A revolução cibernética produzida pelo computador transformou radicalmente o diálogo dos diferentes povos com suas culturas e a relação das audiências com a informação. A informática e o sistema digital tornaram o saber, antes disponível no universo dos átomos e moléculas, agora acessível e difundido no universo dos dígitos.

Um novo paradigma define-se em relação aos suportes para a palavra escrita. O que outrora se simplificara a partir de definições de suportes materiais diretos, ou seja, a palavra aposta sobre o papel, mergulha na complexidade do mundo digital e do hipertexto (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009) e traz à superfície novos conceitos de suportes que surgem a partir da franca evolução de dispositivos de TIC (BELLEI, 2012). Esses dispositivos, além de terem utilidade na mediação entre o registro da palavra e o ato da leitura e de sua recuperação, também podem apresentar-se como unidades de armazenamento de dados digitais, proporcionando maior portabilidade ao livro, no formato eletrônico, como no caso dos *tablets* (computador com tecnologia *touch screen*), largamente comercializados nos dias de hoje (GARCÍA MARCO, 2014), cuja nomenclatura e formato remetem, curiosamente, ao primeiro suporte portátil na história da escrita, a tabuleta suméria de argila.

No contexto dessas inovações, Procópio (2010) destaca dispositivos de TI desenvolvidos em prol de uma convergência tecnológica, ou seja, a possibilidade de possuir um único dispositivo com funcionalidades características a vários. Por exemplo: um *smartphone* que também fotografa, filma, acessa contas de e-mails e portais da Internet e permite pagar contas e “ler um livro”. Esse cenário é propício ao surgimento/desenvolvimento de práticas leitoras diferenciadas e, conseqüentemente, de um novo público leitor e de um leitor habitual que migra para outros suportes.

O mercado editorial tem se preparado para essa nova realidade, pois a produção de livros eletrônicos tem aumentado (PROCÓPIO,

2010, 2013; BARON, 2015). Por certo, tais mudanças em relação ao suporte material da palavra escrita têm mesmerizado e, ao mesmo tempo, preocupado educadores e pesquisadores da área de leitura, seja literária ou não, dando margem a discussões relativas aos usos de novos suportes tecnológicos e da leitura de textos eletrônicos, com o fito principal de compreender os impactos desses processos nas práticas de leitura e mediação desta. Um exemplo disso é o discutido por Lúcia Santaella (2004) a respeito das habilidades de leitura do chamado “receptor de hipermídia” (o usuário/leitor que acessa o ciberespaço), a quem a autora categoriza “leitor imersivo”.

Ainda na perspectiva nas inovações tecnológicas, também a discussão sobre a leitura na tela do computador, que ganhou maior proporção a partir da evolução das ferramentas da Internet, traz à tona alguma inquietação em relação ao que seria melhor para o leitor. Em entrevista publicada pela *Revista Nova Escola*, Chartier (2007b) expõe as características do livro eletrônico⁵ e da tecnologia aplicada à educação e às práticas de leitura em si, não deixando, porém, de citar questões inerentes aos modos de ler, por exemplo, na tela de um computador, que dispõe o texto de forma fragmentada na Internet (hipertexto), chamando também atenção para as questões relativas à credibilidade do que se lê.

Na Internet, não há nada que obrigue o leitor a ler uma obra inteira e a compreender em sua totalidade. Mas cabe às escolas, bibliotecas e meios de comunicação mostrar que há outras formas de leitura que não estão na tela dos computadores. O professor deve ensinar que um romance é uma obra que se lê lentamente, de forma reflexiva. E que isso é muito diferente de pular de uma informação a outra, como fazemos ao ler notícias ou um site. [...] A leitura do texto eletrônico priva o leitor dos critérios de julgamento que existem no

⁵ Adotou-se, prioritariamente, a terminologia “livro eletrônico”, com base no que explicita a Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos, que diz: “Um documento eletrônico é acessível e interpretável por meio de um equipamento eletrônico (aparelho de videocassete, filmadora, computador), podendo ser registrado e codificado em forma analógica ou em dígitos binários. Já um documento digital é um documento eletrônico caracterizado pela codificação em dígitos binários e acessado por meio de sistema computacional.” (CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVO, 2014).

mundo impresso. Uma informação histórica publicada num livro de uma editora respeitada tem mais chance de estar correta do que uma que saiu numa revista ou num *site*. É claro que há erros nos livros e ótimos artigos em revistas e *sites*. Mas há um sistema de referências que hierarquiza as possibilidades de acerto no mundo impresso e que não existe no mundo digital. Isso permite que haja tantos plágios e informações falsas. Precisamos fornecer instrumentos críticos para controlar e corrigir informações na Internet, evitando que a máquina seja um veículo de falsificação (CHARTIER, 2007b, acesso em 10 abr. 2014).

Independentemente das preocupações apresentadas, é perceptível que a palavra impressa já considera o novo formato sugerido pelos meios eletrônicos. Livros didáticos e literários trazem complementos acessíveis a partir de material digital adicionado à obra, seja no formato de CD-ROM, DVD, QR-code⁶ ou mesmo num *link* na Internet, nos quais é possível encontrar material de apoio ao professor e ao aluno, áudio relacionado ao texto apresentado, ilustrações extras, mapas virtuais etc.; o que pode ser verificado nos catálogos virtuais de editoras, tais como: Atlas, Moderna, Pearson, Grupo A e outras. Ou seja, o livro/texto impresso já se insere no processo de mutação tanto discutido.

E o leitor? Seria possível relacionar seus modos de compreender e lidar com diferentes suportes de leitura, uma vez que não é possível dissociar textos e leitores? Manguel, em sua obra *Uma história da leitura* (1997), ao discorrer sobre “o primeiro escritor anônimo”, esse que faz a incisão textual em uma tábua de argila, diz do surgimento da figura do leitor, que é ensejado pelo que escreve o texto, sendo criado antes mesmo de vir a materializar-se na prática concreta de uma atividade de leitura.

⁶ Do inglês *quick-response code* (código de resposta rápida), trata-se de uma matriz de código de barras que ao ser fotografada usando um smartphone ou outro dispositivo móvel que acesse a internet, a partir de um aplicativo próprio, acessa imediatamente local na web relacionado à origem do código (DICTIONARY.COM, 2015).

Com um único ato – a incisão de uma figura sobre uma tabuleta de argila –, o primeiro escritor anônimo conseguiu de repente ter sucesso em todas essas façanhas aparentemente impossíveis. Mas escrever não é o único invento que nasceu no instante daquela primeira incisão: uma outra criação aconteceu no mesmo momento. Uma vez que o objetivo do ato de escrever era que o texto fosse resgatado – isto é, lido –, a incisão criou simultaneamente o leitor, um papel que nasceu antes mesmo de o primeiro leitor adquirir presença física (MANGUEL, 1997, p. 207).

De acordo com Zilberman (2001, p. 57-58), é na virada dos anos 1960 para os 70 que o processo da leitura passa a ser de interesse dos estudos literários, a partir do postulado pelos pensadores Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, representantes da chamada estética da recepção e da teoria do efeito estético, que primam por uma teoria da literatura na qual o leitor precisa estar em evidência. A autora afirma que “[...] daí para frente as inquirições que se referem à leitura e ao indivíduo responsável por ela obtiveram maior consistência e grande diversidade” (2001, p. 58).

Anteriormente às possibilidades de discussão sobre a relação do leitor com as inovações tecnológicas correntes, encontra-se a necessidade de entender como ele era visto e quais suas necessidades, com base nos registros históricos. Nesta perspectiva, Roger Chartier apresenta várias nuances do perfil do leitor, seja na França do Antigo Regime (2003), na Europa entre os séculos XIV e XVIII (1996, 1999a, 2002b, 2004) ou no mundo globalizado e dominado pelas relações eletrônicas e cibernéticas (1998b). Este autor traz à tona a importância de se observarem as mutações ocorridas nos registros da palavra escrita, pois “[...] essas mutações comandam, inevitavelmente, imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com a escrita, novas técnicas intelectuais” (CHARTIER, 1999b, p. 101).

No Brasil, com o intuito de subsidiar estudos sobre leitores e suas práticas, é realizada a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, conduzida pelo Instituto Pró-Livro, cuja edição mais recente, a terceira, remonta ao ano de 2012, com o objetivo de “[...] medir intensidade, forma, motivação e condições de leitura da população brasileira”

(INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2012, p. 24). No entanto, a compreensão dos novos modos de leitura mencionados até então exige também discussões relativas à materialidade do texto, que, de acordo com Chartier, é indissociável da textualidade do livro (2010, p. 40), ou seja, importa saber como o leitor se inscreve naquilo que advém tanto do livro como objeto quanto do texto que caracteriza, que o permite existir. Nessa perspectiva, é importante buscar entendimento das relações pretendidas nos novos tipos de contrato de leitura propiciado pelas TICs contemporâneas.

Numa abordagem similar à chartieriana, Armando Petrucci (1998), com o que às vezes parece ser um saudosismo velado, também discorre sobre as alterações nos modos de ler, perceptíveis à época do ensaio, na qual os ditos leitores “anárquicos” – que leem o que querem, quando querem e como querem –, já demonstravam o rompimento para com os convencionais modos de ler. Era perceptível, nos locais de estudos superiores, destacando-se bibliotecas universitárias estadunidenses, que não mais se observavam os modos convencionais de leitura. Não somente a postura se apresentava alterada (leitores deitados no chão, com pés em cima das mesas etc.), como também o relacionamento havia mudado:

Finalmente, o novo *modus legendi* compreende também uma **relação física intensa** e direta com o livro, muito mais do que nos modos tradicionais. **O livro é fortemente manipulado, amassado, dobrado, forçado, carregado junto ao corpo, e dele se toma posse, através do uso intensivo, prologado e violento**, que é típico de uma relação não tanto de leitura e de aprendizagem quanto de consumo (PETRUCCI, 1998, p. 222, grifo nosso).

Petrucci (1998, p. 225), então, apontava para tempos incertos quanto aos modos de leitura, ciente de que metamorfoses comportamentais já aconteciam, mas não encarava como definitivas tais mudanças, dizendo ser “cedo demais” para afirmá-lo.

No caminho de tais transformações se encontram os avanços tecnológicos antes mencionados que, a partir do final do século XIX, trouxeram novas expectativas e têm acarretado quebra de para-

digmas em relação ao que até então era considerado suporte informacional, aumentando a discussão sobre o perfil do leitor moderno e fomentando questionamentos a respeito de um anunciado fim do livro impresso num futuro muito próximo, afirmação esta que é refutada por estudiosos como Chartier (2007b) e por Eco e Carrière (2010).

Chartier (2002c) e Regina Zilberman (2001), a despeito desses novos modos de leitura e desse prenúncio de um desaparecimento do suporte livro de papel para a palavra escrita, vêm dizer do conseqüente desaparecimento do leitor, como antes entendido, e das figurações futuras desse diante dos avanços tecnológicos. Para Chartier (2002c, p. 107),

[...] o mais provável para as próximas décadas é a coexistência, que não será forçosamente pacífica, entre as duas formas do livro e os três modos de inscrição e de comunicação dos textos: a escrita manuscrita, a publicação impressa, a textualidade eletrônica. [...]. Essa provável coexistência convida-nos a refletir na nova forma de construção dos discursos eruditos e nas modalidades específicas de suas leituras permitidas pelo livro eletrônico.

Zilberman (2001, p. 115) apresenta o conceito de indivisibilidade do livro e da literatura, dizendo que um não prescindirá do outro, entendendo também que “as mudanças decorrentes dos novos instrumentos de computação e multimídia afetam profundamente o processo de produção de escrita e de leitura”.

Segundo Sueli Bortolin (2006, p. 61), a leitura literária, exercitada tanto dentro quanto fora da perspectiva escolar, tem no livro eletrônico uma grande ferramenta para o mediador da leitura para jovens leitores, seja suportado em CD-ROM ou em *sites* da Internet (formato HTML⁷), “[...] que, em geral, são criativos e bem elaborados, exercendo atração sobre esse público por serem ilustrados, coloridos, interativos e divertidos”. A autora, porém, não deixa de observar que o uso de tais artifícios mais largamente, quiçá

⁷ Linguagem universal na qual são escritas as páginas da Web (*Hyper Text Markup Language* – Linguagem de Marcação de Hipertexto) (ANTONIO, 2009, p. 582).

lançando mão do leitor portátil ou do PC particular, pensadas fora do ambiente educacional, ainda seria uma abordagem elitista, afirmação esta que pode ser inerente ao alto custo praticado na venda dos equipamentos mencionados.

Resgatando a discussão sobre esses novos modos de leitura possíveis e do leitor literário, que se pretende entender em tal contexto, necessário se faz, então, debruçar sobre as possibilidades permitidas pelas noções de representações, práticas e apropriações apresentadas por Chartier (1990, p. 27) num contexto de compreensão de como se constitui “o objeto de uma história cultural”, essa que

[...] deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido. Rompendo com a antiga ideia que dotava os textos e as obras de um sentido intrínseco, absoluto, único [...], dirige-se às práticas que, pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo. Daí a caracterização das práticas discursivas como produtoras de ordenamento, de afirmação de distâncias, de divisões; daí o reconhecimento das práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação (CHARTIER, 1990, p. 27-28).

O entendimento de como se dão as práticas de leitura literária em determinado grupo social promove discussões que também dizem respeito às ações de mediação da leitura literária, tanto nos ambientes formais de ensino quanto nos não formais, pois o chamado mediador de leitura literária precisa se aproximar do público com o qual pretende lidar, lançando um olhar de reconhecimento a ele de modo a obter sucesso em suas intervenções.

Sobre esse mediador, Petit (2009, p. 148-149) afirma:

[...] o iniciador ao livro desempenha um papel-chave: quando um jovem vem de um meio em que predomina o medo do livro, um mediador pode autorizar, legitimar um desejo inseguro de ler ou aprender, ou até mesmo revelar esse desejo. E outros mediadores poderão em seguida acompanhar o leitor, em diferentes momentos de seu percurso.

Esse mediador é com frequência um professor, um bibliotecário ou, às vezes, um livreiro, um assistente social ou um animador voluntário de alguma associação, um militante sindical ou político, até um amigo ou alguém com quem cruzamos.

Pode-se então dizer que antes de qualquer ação direta de incentivo/interlocução junto a um possível leitor literário por parte desses que podem acumular o papel de mediador – não entendendo essa como atividade única e definitiva, sob o risco de esvaziar o sentido da atuação dos profissionais que por vezes somam ao seu fazer o ato da mediação –, mister é estar constantemente em busca de compreensão dos desdobramentos inerentes à evolução/trans-formação desse leitor dito “anárquico” (PETRUCCI, 1998) e, definitivamente, globalizado.

É ansiando envolver-se nesse universo de preparação e refinamento de possibilidades de melhor mediação que esta pesquisa se apresenta, no intuito de, por meio de instrumentos viabilizados pelo ambiente bibliotecário do Ifes – Campus São Mateus (cadastros de usuários, relatórios de empréstimo, contatos da *fanpage* da Biblioteca no Facebook⁸), fazer conhecidas as práticas de leitura literária de seus usuários, segundo amostragem de determinado espaço temporal e no relato de alguns representantes desse público.

⁸ <https://www.facebook.com/bibliotecaifessaomateus>.

1 ALGO SOBRE A HISTÓRIA CULTURAL

Ao eleger abordagem teórica atinente a viés da história cultural, esperou-se valorizar o imaginário do público leitor de literatura do campus São Mateus, coadunando, assim, com a proposição de Pesavento (2004, p. 47), quando diz que é “[...] com o advento da História Cultural que o imaginário se torna um conceito central para a análise da realidade, a traduzir a experiência do vivido e do não-vivido, ou seja, do suposto, do desconhecido, do desejado, do temido, do intuído”.

Burke (2008, p. 16) diz de uma história cultural que retoma fôlego por volta de 1970, ou seja, movimento similar já existira, de outras formas. Diz também que o período entre 1800 e 1950 teria sido uma etapa que “poderia se chamar de história cultural clássica”. Porém, é o período compreendido entre as décadas de 1960 e 1990 que o autor considera como mais característico da prática dessa história, a partir do que ele chama de uma “virada em direção à antropologia” (BURKE, 2008, p. 44), destacando como um importante evento o uso da palavra “cultura” no plural, num contexto mais amplo. Chama-se, então, atenção para esse novo modo de a história trabalhar cultura:

Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.

A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portando já um significado e uma apreciação valorativa (PESAVENTO, 2004, p. 15).

Dalvi (2014, p. 219), em síntese introdutória do artigo “Livro e leitura: o medo do mato, de Rodrigo Britto, e Guido, a folha e o capim, de Paulo Roberto Sodré”, fala sobre essa história cultural tributária da antropologia, porém, chama atenção para contribuições teóricas outras:

[...] não é apenas a Antropologia quem pavimenta esse percurso que permite a existência da História Cultural tal como a estamos entendendo aqui: para além dela, tem-se, especialmente, a contribuição da escola neomarxista inglesa [...], com sua revisão radical dos modelos de análise marxistas “clássicos”, pautando a cultura como questão histórica de fulcro próprio e denunciando o que chamaram de “postura positivista de análise do marxismo” e o que chamaram de “idealismo althusseriano”, e, claro, tem-se como contribuição a severa (auto) crítica a postulados dos *Annales*⁹ [...] – ambos os movimentos (revisão do marxismo clássico e da escola dos *Annales*) como sintomas evidentes de fortes abalos aos pilares da História tradicional no séc. XX.

Deve ser ressaltada, ainda, a imensa contribuição da Teoria Crítica (com Walter Benjamin, Theodor Adorno, Max Horkheimer e Jürgen Habermas, p. ex.) e do pensamento de Antônio Gramsci – ao deslocarem a cultura para o centro de suas ocupações, no âmbito de uma perspectiva histórico-dialética –, e a também inestimável contribuição [...] da abordagem polifônica da cultura, a partir de trabalhos como os de Mikhail Bakhtin, Carlo Ginzburg e Paul Zumthor, potencializadas todas essas contribuições pelo fato de o discurso científico-histórico ter sido colocado em xeque.

Ao se reconhecer que existe uma pluralidade cultural, com base na premissa de que há várias culturas e práticas em diferentes

⁹ Grupo de historiadores franceses que, no período que separou as duas Guerras Mundiais, formularam uma outra maneira de escrever a história, em torno da revista *Annales d'Historie Économique et Sociale* (FERRARI, 2009) desde então representantes da chamada história das mentalidades, história social das ideias, história sociocultural etc. (CHARTIER, 1990).

comunidades, seria possível dizer que a história cultural se caracteriza pela multiplicidade de possibilidades de pesquisa, embora essa não seja uma característica exclusiva dessa área de estudos.

Práticas cotidianas que muitos podem vir a desmerecer, tais como aquelas que são herdadas por conta de tradições, podem ser foco de observação para melhor compreensão de determinada comunidade, do conhecimento de como e o que representam rituais que por vezes estão entranhados no dia a dia, mas que não são desencarnados de intenções que se constituíram historicamente. Sobre essas múltiplas possibilidades de pesquisa, Burke (2008, p. 46) chega a dizer que está próxima uma “[...] história cultural de tudo: sonhos, comida, emoções, viagem, memória, gesto, humor, exames e assim por diante”; coadunando com Pesavento (2004, 96-97), que, ao discorrer sobre o amplo espectro de fontes passíveis de pesquisa fazendo uso de uma abordagem da história cultural, afirma: “[...] uma idéia na cabeça, uma pergunta suspensa nos lábios, o mundo dos arquivos diante dos olhos e das mãos. Nessa medida, tudo pode vir a tornar-se fonte ou documento para a história, dependendo da pergunta que for formulada”.

Um novo paradigma e a história cultural do livro e da leitura

Burke (2008) adota o termo Nova História Cultural (NHC) para denominar o que, segundo ele, seria a forma dominante da histórica cultural praticada nos dias de hoje, explicando o uso das palavras “nova” e “cultural”: a primeira, usada para distinguir essa história contemporânea daquelas possíveis em tempos e espaços anteriores; a segunda, para diferenciá-la de uma história intelectual, “[...] sugerindo uma ênfase em mentalidades, suposições e sentimentos e não em ideias ou sistemas de pensamento” (BURKE, 2008, p. 69). Para o autor,

[...] a diferença entre as duas abordagens pode ser verificada em termos do famoso contraste de Jane Austen entre “razão e sensibilidade”. A irmã mais velha, a história intelectual, é mais séria e precisa, enquanto a caçula é mais vaga, contudo também mais imaginativa.

Em meados da década de 1980, a partir de um rompimento com a escola dos *Annales*, ou seja, com a chamada história cultural das mentalidades, que, na década de 1970, estava atrelada a métodos de observação de fontes massivas, a análises seriais e estatísticas; ocorre uma transição de uma “história social da cultura” para uma “história cultural da sociedade”, sendo o historiador Roger Chartier, representante da terceira geração dos *Annales*, a exemplo do que afirma Peter Burke, um dos principais militantes desse segmento, descrito pela historiadora Helenice Rodrigues da Silva como “[...] uma história cultural do social, por meio de uma ciência dos textos e de uma antropologia das atitudes” (SILVA, 2010, p. 314). Nesse contexto, Chartier afirma que “a história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (1990, p. 16-17).

Obras de quatro teóricos são apresentadas por Burke (2008) como de grande contribuição para os praticantes da Nova História Cultural, tendo levado os historiadores a pensarem nos paradigmas **representações** e **práticas**, “[...] os dois aspectos característicos da NHC segundo um de seus líderes, Roger Chartier” (p. 78). São os teóricos Mikhail Bakhtin, com suas discussões a respeito de gêneros de fala e de diferentes vozes perceptíveis em um texto; o sociólogo Nobert Elias, a partir de seus questionamentos acerca de um processo civilizador de exercício de controle e de censura sobre movimentos espontâneos; Michel Foucault – “[...] que primeiro foi filósofo e se tornou historiador, depois historiador das ideias que se tornou historiador social” (BURKE, 2008, p. 74) –, com diversas colaborações nos campos da história e da filosofia; e o sociólogo Pierre Bourdieu, com contribuições que “incluem o conceito de ‘campo’,

a teoria da prática, a ideia de reprodução cultural e a noção de ‘distinção’” (BURKE, 2008, p. 76). A contribuição dos nomes citados, entretanto, não invalida as presenças de vários outros teóricos, que, cada qual a seu tempo, provocaram novos olhares, novos deslocamentos, tanto no campo da história quanto em disciplinas derivadas da história cultural.

Essa história cultural contemporânea não está sozinha na área das humanidades, sendo que Burke já diz da inexistência de um monopólio dessa disciplina (2008, p. 170-178), pelo contrário, ela pode ser categorizada como multidisciplinar, e interdisciplinar; sendo considerados vizinhos próximos dela: a antropologia, a história literária e a história da arte, que por sua vez se aproximam cada vez mais dos estudos culturais e visuais. Também conta com as colaborações da bibliografia, com ênfase no trabalho do bibliógrafo neozelandês Don Mackenzie, cuja obra *Bibliography and the sociology of texts*, publicada originalmente em 1986, serviu de inspiração ao trabalho de Roger Chartier, no que diz respeito aos aspectos materiais dos livros. Sobre a bibliografia, Mackenzie (1999, posição 153, tradução nossa) assim se manifesta:

O princípio que eu gostaria de sugerir como básico é simplesmente este: bibliografia é a disciplina que estuda os textos como formas gravadas, e os processos de sua transmissão, incluindo a sua produção e recepção. Assim dito, isso não parecerá muito surpreendente. O que a palavra “textos” também permite, no entanto, é a extensão da prática atual de incluir todas as formas de textos, e não apenas livros ou sinais de Greg¹⁰ em pedaços de pergaminho ou de papel. Também aceita francamente que bibliógrafos deveriam estar preocupados em mostrar que formas afetam o significado.

Também sobre essa segmentação, Lopes (2012, p. 19), ao fazer breve levantamento da produção autoral de Roger Chartier,

¹⁰ Don Mackenzie faz uma referência a um pronunciamento do bibliógrafo inglês, Sir Walter Greg, que afirma que o bibliográfico preocupa-se com pedaços de papel ou pergaminho escritos ou com certos “sinais”, não considerando seus significados (MACKENZIE, 1999, posição 95).

principalmente no que diz respeito à história do livro, uma importante área de pesquisa desse historiador, assim se manifesta:

Essa história social das práticas culturais, utilizadora e produtora dos conceitos e métodos dessa nova subdisciplina¹¹ da história cultural, se faz assim através da gênese das noções de público, publicidade e publicação, e através da diversidade tanto das práticas de escritura e leitura, quanto de formas de circulação de textos e de apropriações culturais.

Essa história do livro e da leitura inaugura novos olhares no sentido de pensar como se dão as práticas culturais inerentes tanto aos modos de se perceber quanto aos de se apreender determinadas leituras, levando em conta fatores variados como os hábitos típicos de determinado grupo social e os entrecruzamentos decorrentes das variações das formas dos suportes para a palavra escrita.

No que diz respeito à importância de se observar como se organizam determinados grupos sociais, atribuindo a eles, no âmbito de uma história cultural do livro e da leitura, o papel de comunidades interpretativas, Chartier (1990, p. 17) pontua:

Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado.

A noção de comunidades interpretativas é tomada de empréstimo do trabalho intelectual do teórico literário estadunidense Stanley Fish, que, em sua obra *“Is There a Text in this Class? The Authority of Interpretative Communities”* (1980), traz à luz discussões a respeito de uma teoria de interpretação voltada para o leitor, aventando a hipótese de que “[...] se os falantes de uma língua compartilham um sistema de regras que cada um deles de alguma maneira

¹¹ Lopes (2010) utiliza o termo “subdisciplina” para referir-se àquelas que são derivadas da disciplina história cultural, como se desencadeadas. Tal menção não incorre em uma expressão de juízo de valor sobre as mesmas.

internalizou, o entendimento será, em algum sentido, uniforme” (FISH, 1980, p. 5, tradução nossa). Na perspectiva chartieriana, tais comunidades arranjam-se como grupos que compartilham culturas e as possíveis relações de leitura perpassam também as referências culturais do leitor, ou seja:

A leitura não é somente uma operação abstrata de intelecção: ela é uso do corpo, inscrição em um espaço, relação consigo ou com o outro. É por essa razão que devem ser reconstruídas as maneiras de ler próprias a cada comunidade de leitores, a cada uma dessas *interpretative communities* de que fala Stanley Fish (CHARTIER, 2002a, p. 70).

Pensado nas possibilidades dadas a ver por essa história cultural do social, que atribui valor às práticas, observando os variados grupos culturais, no sentido de melhor compreender um determinado universo, é que se propõe a observação e a valorização de um microcosmo, a saber: alunos do campus São Mateus, visando a entender e a dar a conhecer como se dão atualmente as relações entre leitores e leituras literárias frente a suportes tecnológicos não imaginados há algumas décadas.

1.1 ROGER CHARTIER E AS NOÇÕES DE REPRESENTAÇÃO, PRÁTICA E APROPRIAÇÃO

Roger Chartier tem realizado pesquisas no campo da história das práticas culturais e, de acordo com Silva (2010), a trajetória do autor inscreve-se em três diferentes momentos, transitando de uma história social do cultural, ou história das mentalidades, para uma história cultural do social e, posteriormente, para uma subdisciplina histórica do livro e da leitura, cujas contribuições se voltam para questões intrínsecas à materialidade dos textos.

No Brasil, a produção científica de Chartier se dá a conhecer, inicialmente, quando da publicação portuguesa de 1990, pela editora Difel, do título *História Cultural: entre práticas e representações*. Trata-se de uma coletânea de ensaios, na qual o autor também se ocupa de

apresentar as três noções norteadoras de seu pensamento: **representação, prática e apropriação**, afirmando ser a partir dessas que a referida obra é construída (CHARTIER 1990, p. 27). A partir de então, o referencial chartieriano tem sido amplamente utilizado nas produções acadêmicas que adotam o aporte teórico histórico-cultural para as discussões de questões relativas às práticas de leitura, literárias ou não, e às formas materiais do livro. O Apêndice A apresenta um quadro das publicações do historiador (CAVALLO; CHARTIER, 1998a, 1999a; CHARTIER, 1996, 1999b, 2002a, 2002b, 2002c, 2003, 2004, 2014), que delineiam um perfil de autor ensaísta.

Representação, prática e apropriação

O ideário chartieriano vai diretamente ao encontro das questões de leitura, tanto do objeto que suporta o texto, que se constitui culturalmente, quanto do texto, que não prescinde da materialidade, podendo tais questões serem cotejadas ao se tratar dos processos de produção de cada um, como afirma Chartier (2010, p. 40):

[...] convém recordar que a produção não só dos livros, mas também dos próprios textos, é um processo que implica, além do gesto da escritura, diferentes momentos, diferentes técnicas e diferentes intervenções. As transações entre as obras e o mundo social não consistem unicamente na apropriação estética e simbólica de objetos ordinários, de linguagens, de práticas rituais ou cotidianas, como quer o *New Historicism*. Referem-se, mais fundamentalmente, às relações múltiplas, móveis, instáveis, entre a obra e suas inscrições.

Para melhor compreender essas relações mencionadas por Chartier é preciso lançar mão das noções de **representação, prática e apropriação**. Acrescente-se, porém, que não há como dissociá-las, pois estão interligadas, não sendo possível pensar em uma noção sem considerar outra.

O entendimento dessas “[...] transações entre as obras e mundo social” (CHARTIER, 2010, p. 40), requer também uma compreensão das noções de **comunidades interpretativas** e de **objeto cultural**,

sendo esse um conceito relativamente pouco trabalhado nos textos de Chartier, assim transcrito, mas que não se apresenta desentranhado dos demais que ora são mencionados. Quando atribuído o papel de objeto cultural ao livro, seja ele impresso ou eletrônico, há que se levar em consideração o exposto por Mackenzie (1999, posição 63, tradução nossa):

Um livro nunca é simplesmente um objeto notável. Como toda e qualquer tecnologia ele é invariavelmente o produto de um agenciamento humano em contextos complexos e altamente voláteis, os quais um estudo responsável deve procurar recuperar se quisermos entender melhor a criação e comunicação de significado como característica definidora das sociedades humanas.

É necessário compreender essa intrincada disposição de noções de modo que haja aplicação real dos pressupostos de uma história cultural do livro e da leitura, quando se pretende discorrer sobre como se dão práticas de leitura literária num universo onde está em evidência um suporte para o texto que não é o impresso e que concorre para um anunciado desaparecimento do papel e, conseqüentemente, do livro como há muito se conhece (ou seja, baseado no formato de códex).

A noção de representação parece estar em evidência nessa tríade conceitual (representação, prática e apropriação), sendo considerada “[...] um dos conceitos mais importantes utilizados pelos homens do Antigo Regime, quando pretendem compreender o funcionamento da sua sociedade ou definir as operações intelectuais que lhes permitem apreender o mundo” (CHARTIER, 1990, p. 23). Todavia, a visão chartieriana desse conceito apresenta-se alterada, rejeitando possíveis relações simbólicas relacionadas ao termo e afirmando o papel da representação como formadora do real, podendo essa ser entendida, em sua forma plural, como “[...] classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real” (CHARTIER, 1990, p. 17), ou seja, as diversas formas de ver e realmente perceber o mundo à volta de certo indi-

víduo ou comunidade cultural, formas essas que são decorrentes de necessidades próprias de um meio, dando origem a **práticas sociais** diversas, ou também em decorrência dessas, num exercício de uma quase “retroalimentação”.

Para Certeau (2014, p. 37), “[...] maneiras de fazer [cotidianas] constituem as mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sociocultural”, espaço esse que é influenciado e influenciador nas noções de formação de real dos indivíduos. Com isso, percebe-se a impossibilidade de se estabelecer divisões rígidas das práticas mencionadas e, também, de desmerecê-las ao tentar compreender funcionamentos sociais, em decorrência do fato de que “[...] não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias ou afrontadas, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido a seu mundo” (CHARTIER, 2002, p. 67).

No ensaio intitulado “Discursos eruditos e práticas populares”, Chartier (2010, p. 49-50) chama atenção para a necessidade de os historiadores revisitarem clássicos das ciências sociais e para a importância do conceito de representação:

[...] essa noção permite vincular estreitamente as posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais. As representações coletivas, na maneira como são definidas pela sociologia de Durkheim e Mauss, incorporam nos indivíduos, sob a forma de esquemas de classificação e juízo, as próprias divisões do mundo social. São elas [as representações] que transmitem as diferentes modalidades de exibição da identidade social ou da potência política tal como as fazem ver e crer os signos, as condutas e os ritos. Por último, essas representações coletivas e simbólicas encontram, na existência de representantes individuais ou coletivos, concretos ou abstratos, as garantias de sua estabilidade e de sua identidade.

É preciso identificar de que forma tais representações podem vir a originar e/ou interferir nas práticas cotidianas dos sujeitos, principalmente o sujeito leitor, que é ator primeiro no campo da história da leitura. Deve-se perguntar como identificar quais os discursos

que dão condições de existência e possibilidade às representações do real, experimentadas e vivenciadas por determinado segmento social, produzindo assim específicas práticas sociais, políticas, escolares etc. (CHARTIER, 1990). Torna-se então mote central da história cultural fazer conhecer de que forma se articulam os discursos e as práticas (CHARTIER, 2010, p. 47).

Em relação à noção de apropriação, Silva (2010, p. 315) apresenta as possibilidades de abordagem próximas a Paul Ricoeur (sentido hermenêutico e fenomenológico, mundo dos leitores) e outra diferenciada, trazida por Michel Foucault (apropriação como processos de controle e sujeição do discurso). No entanto, Chartier (1990, p. 26) diz da necessidade de reformulação de tal conceito e afirma que:

A apropriação, tal como a entendemos, tem por objectivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem.

Em prol de uma história do livro e da leitura que considera determinantes as condições morfológicas e materiais de inscrição dos textos, Chartier lança mão dessas três noções como norteadoras de seu trabalho e traz, ainda, para discussão o importante papel dos indivíduos leitores, membros de comunidades de leitores que se organizam de acordo com as delimitações inerentes aos arranjos sociais e culturais que lhes são próprios e nos quais se fundam suas práticas. No centro desse cenário passível de observação e de descobertas, está o livro e as formas que ele assume, bem como as intervenções (cortes, supressões, acréscimos, edições etc.) sofridas pelo texto durante o processo de produção de cada objeto cultural.

Contra uma definição puramente semântica do texto [...] é preciso levar em conta que as formas produzem sentidos e que um texto, estável por extenso, passa a investir-se de uma significação e de um *status* inéditos, tão logo se modifiquem os dispositivos que convidam à sua interpretação.

Deve-se levar em conta, também, que a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos (CHARTIER, 1999b, p. 13).

Os mesmos conceitos (práticas, representações, apropriações, comunidades interpretativas e objeto cultural) norteiam esta pesquisa, na medida em que tenta investigar como se figura a comunidade de leitores de literatura do campus São Mateus, em relação às suas práticas de leitura e às percepções (apropriações) deles frente ao texto literário inscrito em suportes eletrônicos ou digitais.

2 PROTOCOLOS DE LEITURA E SUPORTES DE AGORA E OUTRORA

Tendo dito sobre as fundamentações teóricas e metodológicas que subsidiam esta pesquisa, a qual versa sobre práticas de leitura literária considerando mídias contemporâneas de leitura, importa trazer à tona alguns apontamentos a respeito de questões materiais próprias ao objeto cultural que é o livro, impresso e eletrônico, indo ao encontro do que diz Chartier (1999b, p. 17, grifo nosso):

[...] Contra a representação elaborada pela própria literatura e retomada pela mais quantitativa das histórias do livro – segundo a qual o texto existe em si mesmo, isolado de toda materialidade – deve-se lembrar que não há texto fora do suporte o que o dá a ler (ou a ouvir), e sublinhar o fato de que não existe a compreensão de um texto, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele atinge o seu leitor. Daí a distinção necessária entre dois **conjuntos de dispositivos**: os que destacam estratégias textuais e intenções do autor, e os que resultam de decisões de editores ou de limitações impostas por oficinas impressoras.

Os dispositivos mencionados por Chartier são os ora denominados **protocolos de leitura**, os quais favorecem uma justa compreensão do texto, quando consideradas as intenções do autor, e vão ao encontro dos hábitos tipográficos de cada tempo, essas que são inscrições próprias da impressão (CHARTIER, 1996, p. 78).

A título de exemplo da perspectiva mencionada, destaca-se o estudo de caso realizado por Chartier (2004), no qual se debatem questões inerentes a detalhes sobre os livretos baratos que compunham a chamada *Biblioteca Azul*, comercializados à época do Antigo Regime francês (entre os séculos XVI e XVIII). Os títulos que faziam parte dessa coleção eram cuidadosamente escolhidos, tendo seus textos adaptados, para direcionamento a um segmento de leitores que se supunham populares (camponeses, operários, mestres de ofícios, mercadores, burgueses) e, que de outra forma, não teriam acesso a livros de literatura erudita. Voltando-se ao impresso, às características materiais desses livretos, Chartier tenta compreender as significações da circulação deles, buscando averiguar de que forma os leitores se apropriavam daqueles textos, que, dentre outras características, eram confeccionados “[...] reutilizando pranchas de origens diversas abandonadas com o triunfo do entalhe, utilizando caracteres já gastos, imprimindo sobre papel mediano fabricado pelos papeleiros champanhenses¹²” (CHARTIER, 2004, p. 117). A identificação de características materiais outras é discutida, por Chartier, como o resultado de uma impressão de baixa qualidade, que deixava lacunas na apresentação do texto, consequentemente interferindo na construção de sentidos por parte do leitor.

Protocolos de leitura, como entendidos por Chartier, interessam a esta pesquisa, pois ao considerar o poder de interferência desses na construção de sentidos por parte do leitor é possível estender tais percepções às inscrições que são próprias de determinados textos eletrônicos, favorecendo um olhar mais cuidadoso às práticas de leitura realizadas em livros eletrônicos. Dessa forma, na presente seção são feitas algumas conjecturas sobre as possíveis inscrições nos suportes para leitura de textos eletrônicos, fazendo, também, um resgate histórico pautado nas práticas de leitura em suportes manuscritos e impressos.

¹² Uma referência aos populares da região francesa de Champanha-Ardenas.

Antes de dizer a respeito dos textos eletrônicos e seus possíveis protocolos, encontram-se dispostas algumas questões a respeito de suportes para a palavra escrita (entendida como um sistema de codificação completo) anteriores ao advento do texto eletrônico, cada qual em seu tempo, cujas características materiais podem vir a colaborar para um entendimento de como as práticas de leitura, e, conseqüentemente, a apropriação dessas, têm assumido novas formas no decorrer da história. Essa abordagem vai ao encontro do que diz Ribeiro (2007, p. 125), quando afirma que:

As discussões atuais sobre a diferença da qualidade da leitura nos suportes impresso e eletrônico, principalmente no que se refere à relação do corpo com o dispositivo de leitura, além das discussões sobre o letramento digital, ou seja, a maneira como os leitores/usuários se apropriariam dos novos suportes e dos novos recursos de apresentação para a escrita/leitura, não podem prescindir de um ponto de vista histórico. Revisitando a história das práticas de leitura e dos suportes e tecnologias de ler e escrever, é possível obter esclarecimentos importantes, que tornam mais nítidos os contornos dos acontecimentos atuais com relação a tecnologias como o computador e a Internet [...].

Espera-se, dessa forma, ilustrar como se apresentam práticas inerentes a comunidades culturais de tempos e espaços variados, diversificando-se, também, os modos de apropriação das leituras feitas pelos membros de tais comunidades e favorecendo a verificação de inscrições que venham ao encontro das TICs contemporâneas que porventura permitam leituras que, por vezes, podem não ser “novas”, mas diferentes em relação ao tempo que as possibilita.

Como exemplo do exposto, pode-se dizer de certas leituras feitas na tela do computador, nas quais a passagem do texto é controlada pelas barras de rolagem, permitindo uma visualização quadro a quadro e podendo remeter, mesmo que superficialmente, às leituras feitas nos rolos de pergaminho. Nos dizeres de Chartier (2002c, p. 114), “[...] ao ler na tela, o leitor contemporâneo reencontra algo da postura do leitor da Antiguidade, mas – e a diferença não é pequena – ele lê um rolo que em geral se desenrola verticalmente [...]”.

2.1 SUPORTES MANUSCRITOS E IMPRESSOS: VELHAS E NOVAS PRÁTICAS

Observando autores como Fischer (2006), Lyons (2011), Manguel (1997) e Martins (2002), foi possível destacar, historicamente, alguns suportes de leitura não eletrônicos (tabuleta de argila, papiro, pergaminho e o papel), cotejando-os com pressupostos a respeito das práticas de leitura oportunizadas pelos protocolos desses objetos culturais do ler. Os protocolos vistos nessa perspectiva poderiam afastar-se um pouco da concepção chartieriana, pois somente a partir da produção de livros em forma seriada, com uso da prensa, é que serão percebidas inscrições materiais nos textos relacionadas à edição. Todavia, ao dizer das práticas de leitura nesses suportes, percebe-se como, paulatinamente, varia a mobilidade do texto e, conseqüentemente, como se diversificam as comunidades leitoras, mesmo que essas sejam mais singulares e facilmente caracterizadas historicamente, ao menos nos primeiros períodos de registros de suportes móveis de leitura.

O uso das tabuletas de argila para escrita remonta a ca. de 2300 a.C. (Suméria, Mesopotâmia), sendo essas utilizadas, na maior parte, para registros contábeis (FISCHER, 2006, p. 23), estendendo-se à escrita de textos oriundos da tradição oral (hinos, sagas, mitos etc.), como o épico de Gilgamesh (ca. 2000 a.C.), que, de acordo com Fandiman e Major (1999, p.3), “[...] é sem dúvida o mais antigo poema narrativo sobrevivente, e um dos trabalhos fundadores da literatura ocidental”. Todavia, como a leitura era privilégio de poucos (maior parte dos leitores constituía-se dos próprios escribas que cunhavam as tabuletas), os usos de tais objetos como suporte poderiam estar relacionadas ao ato de consultas eventuais, atendendo ao propósito apenas de guarda dos registros, ideia que é ratificada por Fischer (2006, p. 17):

[...] com exceção de raras edições literárias que cabiam na palma da mão com textos em miniatura, a tabuleta de argila era um objeto grande e pesado, um tanto desconfortável para uma leitura como atividade de lazer. Com base nesse fracasso quase generalizado dos

escribas da Mesopotâmia em elaborar uma literatura mais convidativa, poderíamos deduzir que a leitura estava relacionada sobretudo ao trabalho. Isto é, não se tratava de uma atividade solitária, apazível e silenciosa, mas sim pública, exigente e audível. Em geral, a palavra escrita servia apenas para motivar a recuperação de um texto anteriormente decorado. Toda a literatura da Mesopotâmia, até mesmo a literatura escrita, era pública e oral.

Apesar do exposto, Manguel (1997, p. 149), ao discorrer sobre a forma do livro através dos tempos, afirma que um conjunto de tabuletas mesopotâmicas poderia constituir um livro daquele tempo, dispostas, talvez, numa bolsa ou numa caixa, ordenadas de modo a facilitar o manuseio em certa ordem, conferindo mobilidade aos escritos.

Nos dizeres de Martins (2002, p. 61), “[...] sem a menor dúvida, o mais célebre de todos os produtos vegetais empregados na escrita é o papiro, de tanta importância histórica em si mesmo”. O autor ainda diz da impossibilidade de se precisar o momento em que o papiro se tornou um suporte para a escrita, mas informa a possibilidade de que os mais antigos papiros encontrados possam datar de ca. de 1.500 a.C.

Esse suporte, que era o produto da tecnologia egípcia do manuseio das tiras do junco que nasciam nos pântanos do delta do rio Nilo, de acordo com Lyons (2011, p. 2), foi a primeira forma de papel utilizada na produção de livros no Egito, na Grécia e na Roma, tendo sido um importante impulsionador da leitura no Mediterrâneo, mesmo diante do alto custo do material, que se acrescia quanto mais fossem os intermediários entre o único distribuidor (Egito) e o comprador final, o que contribuía para uma circulação restrita de rolos, já que poucos tinham recursos para comprá-los (FISCHER, 2006, p. 43).

Sobre o manuseio desse suporte, Fischer (2006, p. 63) assim se posiciona:

A leitura do rolo de papiro não era uma tarefa simples, pois era necessário desenrolá-lo seguidas vezes. Retornar, ir adiante no texto ou procurar determinada passagem nele era difícil. Não havia

sumários ou índices [ou pontuação]. Para fechar o rolo de papiro e armazená-lo de modo adequado, era preciso enrolá-lo novamente até o início. (Deixá-lo aberto em um segmento poderia causar danos.) Além disso, era um objeto caríssimo e, por isso, precioso, o qual sempre exigia uma armazenagem segura, longe de crianças, cães, roedores, ladrões e, acima de tudo, chuva ou vinho derramado. Se houvesse um incêndio na casa, os volumina eram, sem dúvida, as primeiras coisas a serem salvas depois das crianças.

Apesar de popular e de ter contribuído para a valorização dos escritos, os rolos de papiro eram muito frágeis. Lyons (2011) destaca o fato desses suportes se decomporem com muita facilidade e, por esse motivo, não serem adequados para uso nas regiões mais úmidas da Europa.

O pergaminho, mais resistente, passa a competir com o papiro por volta do século I a.C. (LYONS, 2011). Embora com certa desconfiança, Battles (2003) e Martins (2002) dizem que o desenvolvimento da técnica de uso de pele de animais para confecção de suportes para a escrita teria sido impulsionado pelo cessar do fornecimento de papiro para a Grécia durante o governo de Ptolomeu Epifânio, que agia desejoso de impedir o crescimento de uma rival da biblioteca de Alexandria. Porém, o advento do rolo de pergaminho não tirou imediatamente o papiro do mercado. Era uma tecnologia de alto custo e coexistiu com a invenção egípcia, sendo o papiro usado, sobretudo, na Antiguidade. Além disso, de acordo com Lyons (2011, p. 22), embora fosse de matéria-prima mais resistente, dependia de preparo cuidadoso e estava condicionado ao abate de muitos animais, sendo que a pele de vitelo (*vellum*) era considerada a melhor de todas.

A Bíblia de Winchester, por exemplo, consumiu 250 peles de vitelo, mas 2 mil foram reunidas, e dessas apenas as melhores foram usadas. Esse nível de consumo só era possível em uma sociedade em que a prática da escrita não era amplamente difundida (LYONS, 2011, p. 22).

Quanto aos modos de ler e escrever nos rolos, Chartier (1998, p. 24) aponta para uma particular forma de intervenção do autor e/ou leitor neles, pois se trata de um tipo de livro constituído de longa faixa que deve ser segurada firmemente com as duas mãos para desenrolar. Imposto por essas limitações, um leitor de tal suporte teria que contar com um escriba a tomar notas das reflexões resultantes do processo de leitura.

Entretanto, a partir da descoberta da possibilidade de se utilizar os dois lados do pergaminho houve importantes mudanças nos modos de ler. Tal fato colaborou para apresentação do livro no formato de códice, por volta do século IV, o qual “[...] liberava o leitor para usar uma das mãos para fazer anotações ou beber algo” (LYONS, 2011, p. 37). Fischer (2006, p. 76) vai de encontro ao disposto em relação ao pergaminho como primeira possibilidade de folhas dobradas ao dizer de evidências arqueológicas de códices estruturados em papiro, dando o exemplo de Júlio César, que, no século I a.C., dobrara uma folha de papiro em “páginas”, de forma a enviá-lo facilmente como correspondência às tropas.

Independentemente da época de surgimento, esse formato (o códice de pergaminho) veio a fortalecer as opções de portabilidade do livro, colaborando para que tal objeto assumisse um “papel” mais amigável como suporte informacional, inaugurando novos gestos, não possíveis de outras formas (CHARTIER, 2002c). Nesse âmbito, Manguel (1997, p. 151) afirma que:

[...] o códice de pergaminho logo se tornou a forma comum dos livros para autoridades e padres, viajantes e estudantes – na verdade, para todos aqueles que precisavam transportar em boas condições seu material de leitura de um lugar para o outro e consular qualquer parte do texto com facilidade. Ademais, ambos os lados da folha podiam conter texto e as quatro margens de uma página de códice facilitavam a inclusão de glosas e comentários, permitindo ao leitor por seu dedo na história [...]. O códice permitia [de modo diferente do rolo] que o leitor pulasse rapidamente para outras páginas e assim retivesse um sentimento de totalidade – sentimento composto pelo fato de que em geral o texto inteiro permanecia nas mãos dele durante toda a leitura.

Mesmo diante de tantos avanços e transformações nos suportes de leitura, a escrita permanecia como uma representação do que já estava consolidado oralmente, sendo que depois dos séculos II e III d.C. a *scriptura continua* (escrita contínua, na qual as palavras não eram separadas, sem uso de pontuação ou espaços) tornou-se tradicional para os escritores do latim, uma vez que a base para a pontuação latina era a retórica (FISCHER, 2006), sendo ainda comum a leitura feita em voz alta (MANGUEL, 1997).

Embora Svenbro (1998) diga de registros de leitura silenciosa por parte dos gregos, mesmo a partir de um texto em *scriptura continua*, não seria equivocado dizer que a leitura silenciosa foi impulsionada por inovações ortográficas que alteraram a forma do texto e colaboraram para a construção de sentidos a partir da leitura cada vez mais desgarrada do conhecimento do texto em sua forma oral, o que se deu de modo lento e no decorrer da passagem do período entre os séculos VI e IX d.C.

Toda inovação ortográfica fundamental desde a era carolíngia foi direcionada à organização visual dos alfabetos latino e grego (derivado), libertando cada vez mais o texto da fala. Mas, a partir do século X, foi a separação das palavras, acima de tudo, que concedeu aos olhos a primazia na leitura.

A característica visual mais notável depois da invenção da minúscula do final da era carolíngia foi a separação entre as palavras por meio do espaço em branco deixado antes e depois de cada uma, como as palavras desta página (FISCHER, 2006, p. 148).

No meio monástico europeu, no qual atuavam os escribas e copistas, já a partir do século VI, encontravam-se menções aos benefícios da leitura silenciosa (PARKES, 1998), sendo que por volta do século IX tal prática já era consolidada nos conventos, quando surgiram os primeiros regulamentos que exigiam silêncio nos *scriptoriums*, local onde os profissionais da arte do livro atuavam (MANGUEL, 1997).

Na medida em que esses outros modos de ler se apresentavam, o papel já tinha sido inventado na China, uma vez que se

registra o uso desse suporte naquela região por volta do ano 105 d.C. (FISCHER, 2006). Porém, o mais forte indício da entrada dessa tecnologia na Europa foi o estabelecimento de uma fábrica de papel na Espanha, em 1144 (MARTINS, 2002). Devido ao baixo custo, abundância de matéria-prima e maleabilidade, o papel foi tomando o lugar do pergaminho, gradativamente, num regime de coexistência que somente foi enfraquecido muito tempo depois da invenção da prensa. Inclusive, de acordo com Martins (2002), o papel, pelas qualidades mencionadas, levou à invenção da prensa de Gutenberg, pois nenhum outro suporte conhecido permitia a impressão de tipos através de pressão.

Quanto à apresentação, Manguel (1997, p. 159) afirma que o livro impresso se assemelhava muito com à dos manuscritos, cujo gosto não foi imediatamente erradicado pela inovação tecnológica de impressão. “Ao contrário, Gutenberg e seus seguidores tentaram imitar a arte dos escribas, e a maioria dos *incunabula*¹³ tem uma aparência de manuscrito”, evidenciando-se um hibridismo que fala muito sobre os anseios dos leitores daquela época, cujas necessidades poderiam ser mais bem observadas devido ao trabalho ainda artesanal de publicação de livros.

A produção do livro impresso sofreu um aumento substancial a partir da Renascença (período entre fins do século XIII e meados do século XVII), tendo o uso do papel disparado, a partir da popularização da imprensa, sendo possível o acesso ao livro, em portes variados, por parte de comunidades diversas (MARTINS, 2002; FISCHER, 2006), estabelecendo-se o códice como o formato que perdura na apresentação do impresso até os dias de hoje.

Para Chartier (2014, p. 112),

os efeitos inerentes à invenção de Gutenberg [...] dizem respeito às relações entre obras como textos e as maneiras como esses textos eram inscritos em forma material. [...] embora o livro impresso

¹³ Incunábulo (latim), livro impresso que data dos primeiros tempos da imprensa (até o ano de 1500) (HOUAISS, 2009, p. 1070).

tenha herdado as estruturas básicas do livro manuscrito [...], propunha inovações que modificavam profundamente a relação do leitor com o material escrito.

Certas inscrições autorais, por exemplo, adquiriram maior delineamento a partir do advento da imprensa, uma vez que as obras de um autor passavam a ser mais comumente reunidas em um livro impresso, arranjo esse que, anteriormente, geralmente era feito pelos leitores que ajuntavam seus textos em único volume (CHARTIER, 2014). Ainda sobre a figura do autor, no âmbito da imprensa, Febvre e Martin (2010, p. 159-160, tradução nossa) acrescentam que:

A última profissão associada à impressão, que foi vinculada à imprensa e nasceu por causa disso, é a profissão do autor. Hoje, o autor se beneficia da venda de cópias do seu trabalho por meio do sistema de *royalties*, que agora é tido como certo, mas se passou um longo tempo até a concepção dele. Antes do advento da impressão isso era inconcebível. Verdade, manuscritos foram produzidos em massa por copistas, mas como alguém poderia pensar a remuneração do autor por um texto sobre o qual ele não tinha nenhum monopólio e que qualquer um poderia copiar? Em tais condições um autor não poderia ter a certeza de uma renda, e se ele não escrevesse por uma questão de prestígio apenas, ele se voltaria para a proteção de alguma grande figura, um mecenas, e venderia cópias feitas sob a supervisão do patrono [...]. Foi como um corretor de provas ao invés de como um autor que o homem literário fez sua entrada na área profissional de publicações.

Sobre o livro impresso, é preciso cuidar, entretanto, para não o tratar de forma generalizada. As variações materiais possíveis, a partir do códice impresso, também garantem a singularidade de cada título, de acordo com os diferentes tempos de publicação e considerando as diversas intervenções tipográficas para sua confecção, situação essa que se consolida, por exemplo, nos estudos feitos por Chartier a respeito de publicações de Cervantes (2002c, 2011, 2014) e Shakespeare (2011, 2014). Apoiando-se na perspectiva do autor citado, é possível dizer que, assim como se alteram os materiais, as formas e os sujeitos envolvidos na fabricação de um

livro, também se alteram os significados inerentes à sua leitura, uma vez que:

A questão essencial que [...] deve ser colocada por qualquer história do livro, da edição e da leitura é a do processo pelo qual os diferentes atores envolvidos com a publicação dão sentido aos textos que transmitem, imprimem e lêem. Os textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são os veículos. Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados (CHARTIER, 2002c, p. 61-62).

No século XIX, com a Revolução Industrial, os modos de fabricação do livro experimentaram grande transformação, com isso novos leitores se constituíram e profissionais do livro se especializaram, consolidando-se um mercado livreiro estruturado (LYONS, 2011). Presume-se que os dispositivos editoriais (tipográficos) ficaram mais marcados nas publicações a partir de então.

Essas transformações tornaram mais intrincadas as questões da relação com o livro, pois o acesso a tal material foi exponencialmente facilitado, fato que favorece um falar de práticas e modos de ler não somente destacando a forma apresentada pelo suporte (também ela), mas suscitando uma observação muito mais cuidadosa e detalhada dos espaços e tempos intrínsecos aos diversos livros e leitores, esses que são provenientes de variados lugares, cujas manifestações culturais são muito particulares e determinantes na constituição de práticas.

Os percursos históricos desses suportes de leitura (tabuletas de argila, papiro, pergaminho, papel, códice), em suas diversas formas, que se apresentam superficialmente, possibilitam a percepção de que à medida que novas tecnologias são introduzidas, há um período de transição inerente à adequação dos usos destas, o que se repete historicamente, “[...] visto que cada nova geração de leitores tem que passar pelos mesmos estágios de aprendizagem e de experiência do processo como seus predecessores” (PARKES, 1998, p. 116). Na

mesma medida, são as necessidades e práticas de cada nova geração de leitores que suscitam essas tecnologias. Premissa essa que vai ao encontro do que diz Ribeiro (2007, p. 126-127):

Com o passar do tempo e o desenvolvimento dos recursos, os suportes e as ferramentas para escrever e ler mudam. A prática do leitor fornece subsídios para que os produtores de material escrito e/ou dispositivos para leitura possam repensar, reprojeter e reinventar materiais e recursos, de acordo com a demanda constante do leitor, que busca conforto, eficiência, portabilidade e compreensibilidade. E o leitor vai se conformando ao objeto de ler, num ciclo retroalimentado e retroalimentador.

O desenvolvimento de novas práticas de leitura será naturalmente pertencente a esse processo de “conformação” descrito por Ribeiro (2007), pois, indo ao encontro da perspectiva chartieriana, as necessidades provenientes de diferentes comunidades culturais darão origem a tais práticas, que, por sua vez, serão resultantes das representações de real que tal público experimenta e que é determinante de cada grupo social (CHARTIER, 1990).

2.2 TEXTOS ELETRÔNICOS E PROTOCOLOS DE LEITURA

No ano de 1975 era lançado o primeiro computador portátil, o IBM 5100, constituído de uma unidade sólida com tela integrada, monocromática, de cinco polegadas. Mas foi somente em meados da década de 1980 que os computadores pessoais se tornaram mais populares, principalmente a partir do lançamento do Macintosh, máquina da Apple, com valor mais acessível, que introduzia uma interface amigável de utilização (e edição textual) e a possibilidade de uso do *mouse* (CERUZZI, 2012).

Novos modelos não cessaram de surgir e, por volta do final da década de 1990, tendo o computador passado por várias transformações em decorrência do rápido desenvolvimento de tecnologias digitais, cujo ritmo se mantém em constante aceleração até os dias de hoje – mais de 30 milhões de computadores já estavam ligados à

internet¹⁴ (CERUZZI, 2012), a qual é descrita por Procópio (2010, p. 221) como uma “rede composta por milhares de outras redes interconectadas mundialmente, abrangendo o mundo militar, acadêmico, governamental e empresarial”.

As tecnologias ora mencionadas vieram a contribuir para a consolidação de um novo suporte de leitura (a tela), um novo texto (o eletrônico) e, conseqüentemente, novos modos de ler, novas práticas frente a um objeto cultural que agrega possibilidades de usos múltiplos e que guarda algo dos modos de ler relacionados a suportes manuscritos ou impressos, pois, segundo Chartier (1998b, p. 13),

[...]De um lado, o leitor da tela assemelha-se ao leitor da Antiguidade: o texto que ele lê corre diante dos seus olhos; é claro, ele não flui tal como o texto de um livro em rolo, que era preciso desdobrar horizontalmente, já que agora ele corre verticalmente. De um lado, ele é como o leitor medieval ou o leitor do livro impresso, que pode utilizar referências como paginação, o índice, o recorte do texto.

Apesar dessas observadas semelhanças em relação aos gestos de ler, Chartier (1998b, p. 13) também chama a atenção para uma importante postura em relação à tela, ao considerar essa um marco da separação entre texto e corpo, visto que as estruturas do escrito entram no âmbito da virtualidade, do não concreto. Sobre essa leitura feita no computador, Ribeiro (2007, p. 129) assim se manifesta:

A relação estabelecida (durante séculos) entre as mãos e o papel, o tato e a capa, as pontas dos dedos, a saliva e as arestas do papel, a página e a numeração, o movimento dos olhos e a forma das letras – a serifa –, a lombada e a estante, o cheiro de papel e a cor amarelada, a traça e o tipo de papel, a posição do corpo e o objeto mínimo que marca a página em que se interrompeu a leitura... tudo isso ganha *status* de opção e passa a fazer parte de um universo ampliado por uma nova possibilidade: a de ler diante de uma tela que emite luz, mover o texto de maneira indireta (por meio do

¹⁴ Sucessora do projeto ARPANET, uma iniciativa de comunicação financiada pelos militares norte-americanos, que, de acordo com Ceruzzi (2012) diferencia-se pela falta de componentes sociais, políticos e econômicos inerentes à *network* dos dias atuais.

mouse ou teclado), sentir a eletricidade, ouvir os estalos da eletrostática, escrever copiando e colando, não precisar fazer muitas vias enquanto o texto não estiver pronto, corrigir o original virtualmente, escutar o ruído leve do computador ligado, a ventoinha que refresca os componentes eletrônicos, desligar o texto da tela e deixá-lo marcado com um marcador virtual.

Frente ao exposto, percebe-se que séculos de práticas pautadas numa aproximação corporal direta dos suportes para acesso aos escritos, anteriores ao texto eletrônico, são colocados em xeque, pois novos sentidos são necessários, culminando em envolvimento diversificados, uma vez que se alteram tanto as formas de reprodução do livro, quanto suas estruturas e os modos de acesso aos textos (CHARTIER, 1999b).

Mesmo considerando importantes as transformações da leitura na tela do computador, interessa prioritariamente a esta pesquisa uma das ramificações desse viés de inovações tecnológicas: o surgimento e evolução do “objeto” livro eletrônico, que se entremeia com as criações e as evoluções dos aparelhos portáteis para leitura. Para Procópio (2010, 2013), isso se configura numa revolução no mercado editorial.

Não se pode precisar em qual momento se instalou essa inquietação em direção à adaptação do objeto livro para o formato eletrônico, mas se conjectura que na mesma medida que, nos dizeres de Zilberman (2000, p. 108), “a sociedade do livro [impresso] exigiu a consolidação de aparelhos encarregados de disseminar a escrita”, assim o fez (e faz) a sociedade da informação contemporânea.

Ao observar o Quadro 1, disposto a seguir, é possível visualizar, de modo simplificado, alguns eventos que marcaram o surgimento e a evolução de um suporte pensado exclusivamente para a leitura de livros eletrônicos: o *e-reader*, o qual é conceituado por Procópio (2010, p. 81-82) como:

Um dispositivo portátil eletrônico, com tela plana de cristal líquido ou não [LCD ou *E-Ink*], sensível ao toque de uma caneta ou dedo. Com controle de luminosidade ajustável para prevenir cansaço nos

olhos e problemas de saúde dessa ordem. Com um “sistema operacional” interno que absorvesse e suportasse um *browser* – daí o aplicativo *reader*, “leitor”, em inglês – que enxergasse, tal como os navegadores Internet Explorer, Chrome, Firefox, Opera, os textos inteligentes ou hipertextos.

Quadro 1 – Evolução do *e-reader*

1971	O estudante da Universidade de Illinois, Michael Hart, publica manualmente o texto da Declaração da Independência dos EUA num banco de dados do campus. Essa é a primeira edição no Projeto Gutenberg ¹⁵ , uma biblioteca digital que disponibiliza, atualmente, mais de 50.000 títulos gratuitos.
1990	A Sony introduz o Data Discman , um leitor eletrônico que possibilitava a leitura de <i>e-books</i> armazenados em CDs.
1997	Uma equipe do Massachusetts Institute of Technology Media Lab aperfeiçoa a tecnologia que replica a aparência da página de um livro por meio da manipulação de partículas minúsculas suspensas em um líquido transparente. A equipe constituiu a E Ink ¹⁶ Corp. Essa tecnologia se tornou o <i>display</i> de escolha para os <i>e-readers</i> .
1998	A primeira geração de leitores de <i>e-book</i> chega ao mercado, com um preço de até \$1.500. Um dos modelos relativamente mais vendidos foi o Rocket e-book , o qual permitia o download de livros digitais de distribuidores tais como a Barnes & Noble ¹⁷ . O consumo foi limitado por conta dos altos custos, brilho da tela e acervo limitado.
2004	O Sony Reader é lançado no Japão, utilizando tecnologia <i>E-Ink</i> . Esse leitor consumia bem menos bateria que os dispositivos anteriores, mas não foi disponibilizado em inglês por outros dois anos.
2007	A Amazon revela seu primeiro <i>e-reader</i> , o Kindle . O dispositivo, com um teclado e memória para 200 livros, era vendido por \$300. Os estoques (EUA) foram esgotados em seis horas.
2009	A Barnes & Noble lança seu <i>e-reader</i> , o Nook .
2010	A Apple lança o iPad , um <i>tablet</i> , com tecnologia <i>touchscreen</i> , que disponibilizava aplicativo de leitura, o iBooks .
2011	A Indigo ¹⁸ lança o Kobo na Europa, seguindo a divulgação norte americana feita em 2010.
2014	A Amazon lança novo Kindle , com tecnologia <i>touchscreen</i> .

Fonte: adaptado pela autora de *The evolution of the e-reader* (2012, tradução nossa).

Percebe-se que mudanças substanciais, no que se refere aos *e-readers*, ocorreram dentro de um curto intervalo temporal, principalmente se comparadas com as transformações ocorridas nos

¹⁵ <https://www.gutenberg.org/>

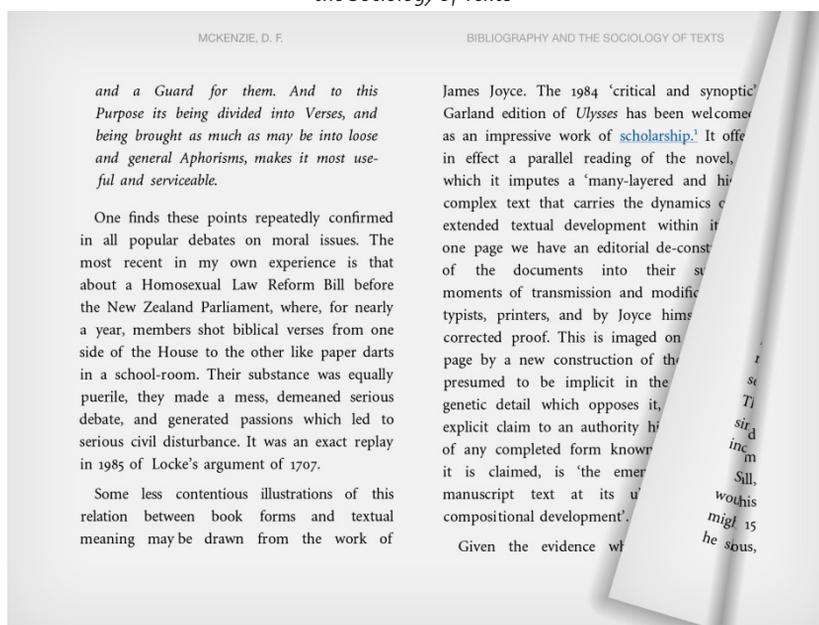
¹⁶ Electronic ink (*E-ink*) = tinta eletrônica.

¹⁷ A Barnes & Noble Inc. é a maior distribuidora de livros a varejo dos Estados Unidos (<http://www.barnesandnoble.com/>).

¹⁸ Loja de departamentos tradicional do Canadá, que desenvolveu um segmento voltado ao mercado de *e-reading*, criando o Kobo, operando em mais de 100 países (<https://www.chapters.indigo.ca/en-ca>).

suportes manuscritos ou impressos. Podem ser pontuadas como determinantes duas situações: o desenvolvimento da tecnologia de tinta eletrônica (*E-Ink*) e a possibilidade de passar as “páginas” por meio do toque na tela (*touchscreen*). Tais características levam a acreditar que os usuários de equipamentos direcionados à leitura de textos eletrônicos buscam uma familiaridade com o formato do códice e com os gestos de leitura do livro impresso, como a visualização de passagem de uma página, o que segue ilustrado na Figura 1, que mostra uma tela do aplicativo de leitura do Kindle para *tablets*.

Figura 1 – *Print screen* (tamanho reduzido) de *tablet* (iPad) do e-book “*Bibliography and the Sociology of Texts*”



Fonte: captura de tela de Mackenzie (1999).

No Quadro 1 nota-se também a presença do lançamento do iPad, que embora não tenha sido criado com única finalidade de leitura de livros, apresenta-se como equipamento tecnológico contemporâneo que tem causado impacto no mercado de livros eletrônicos, o que é ratificado por Procópio (2013, p. 158) ao informar que até março de

2012 a Apple tinha comercializado cerca de trinta milhões de livros eletrônicos.

Devido à peculiar característica de acesso ao livro eletrônico, o qual demanda um aplicativo (*software*) específico para navegação e também um suporte eletrônico (*hardware*) específico, a leitura de *e-books* tem ocorrido normalmente por meio do uso de *tablets* e *smartphones*, seguidos pelos *notebooks*, *ultrabooks*¹⁹ e, por último, os *e-readers* (PROCÓPIO, 2013, p. 139); sendo que não pode ser descartada a possibilidade de que os *smartphones* sejam, atualmente, os mais utilizados, uma vez se tornaram objetos ubíquos na sociedade, de acordo com as notícias de lançamento da 26ª *pesquisa anual do uso de TI - 2015*, realizada pela Fundação Getúlio Vargas (2015). A pesquisa afirma que dos 306 milhões de dispositivos conectáveis à internet no Brasil, até o mês de maio de 2015, 154 milhões eram *smartphones*. Aparelhos esses que são o símbolo da convergência tecnológica e midiática contemporânea a partir do momento que reúnem ferramentas de acesso ao rádio, à televisão, ao cinema, aos games... em apenas um dispositivo eletrônico (JENKINS, 2009).

À exceção da variedade de tamanhos de telas disponíveis para leitura, principalmente no que se refere às pequenas telas dos *smartphones* que podem ser operados com apenas uma das mãos, surge questionamento em relação ao que poderia ser considerado um protocolo de leitura inerente aos livros eletrônicos, conferindo certa ordem nas leituras feitas neles.

Hendel (2006), ao dizer das questões de projeto de *design* do livro, menciona a todo momento a necessidade de observar as convenções tipográficas tradicionais (variedade de fonte; usos de hífen, símbolos, travessões, barras; tamanho das margens; formato e distribuição apropriada do texto etc.), mesmo com o auxílio do computador. Não seria então viável aventar a possibilidade de que resquícios dos protocolos tipográficos, aqueles sobre os quais diz

¹⁹ Tipo de *laptop/notebook* ultrafino.

Chartier (1996, 1999b), depositem-se nos ditos livros eletrônicos, porém de outros modos, típicos dos suportes contemporâneos não impressos?

Num esforço de concordância com a viabilidade de estender tal olhar ao texto eletrônico, toma-se como equivalente de tais inscrições tipográficas algumas características esperadas nos *softwares* e/ou nos *hardwares* para navegação nos chamados *e-books*, descritas por Procópio (2010, p. 26-27) como as mais interessantes nos *e-readers*, embora se estendam a outros equipamentos eletrônicos também utilizados para leitura:

- **Marcadores de página** (*software, hardware*) – possibilidade de marcar virtualmente um trecho sendo possível retornar a ele com facilidade, mesmo que acesse o aplicativo de leitura em um suporte diferente. Pode ser limitado se o formato do livro for PDF;
- **Bloco de anotações** (*software, hardware*) – facilidade de marcar trechos e escrever notas no decorrer da leitura, podendo também acessar em outros suportes que permitam o uso de aplicativo compatível e, em alguns casos (Kindle, Kobo), compartilhar com comunidades de leitores. Pode ser limitado se o formato do livro for PDF;
- **Controle ajustável de luminosidade** (*hardware*) – principalmente nos equipamentos que não são dotados de tecnologia *E-Ink*, embora o Kobo e o Kindle já possuam luz auxiliar para leitura também nesse modelo;
- **Controle de brilho e contraste** (*hardware*) – nos modelos que não utilizam a tecnologia de *E-Ink* também é possível encontrar aplicativos que possibilitam alterar a cor de fundo;
- **Dicionário** (*software, hardware*) – depende das funções próprias do aplicativo e da possibilidade de conexão com a internet. Pode ser limitado se o formato do livro for PDF;
- **Busca por palavras ou frases no texto** (*software*) – Pode ser limitado se o formato do livro for PDF e não permitir busca textual;
- **Ajuste de tamanho e tipo de fontes** (*software*) – as disponibilidades de fontes e tamanhos variam de acordo com os *softwares*

próprios de cada fabricante. Não possível se o formato do livro for PDF;

- **Base giratória de leitura** (*software, hardware*) – aplicável à maior parte dos *tablets* e *smartphones*, que possibilitam a mudança de orientação da tela;
- **Acesso às livrarias ou bibliotecas digitais** (*software*) – condicionados aos modelos de *e-reader*, que comumente são comercializados por livrarias específicas; e também dos diferentes *hardwares* em que os aplicativos possam ser instalados, como no caso dos *tablets* e dos computadores (*desktops* ou *laptops*);
- **Biblioteca pessoal** (*software, hardware*);
- **Capacidade de armazenamento** (*software, hardware*) – facilitada a partir do desenvolvimento da tecnologia de armazenamento em nuvem (Google Drive, Dropbox, iCloud etc.), a qual se configura pela guarda de arquivos diversos em ambiente virtual, acessível via internet. Há também a possibilidade de expandir a memória de determinados *hardwares*, de forma a garantir maior capacidade de guarda física;
- **Tamanho de um livro impresso** (*hardware*) – característica inerente basicamente aos *e-readers*, que parecem querer mimetizar a proporção mais corriqueira de um livro impresso de bolso (modelos mais novos, tais como: Kobo, Lev, Kindle Pró);
- **Baterias duradoras** (*software, hardware*) – embora inicialmente se pense apenas na tecnologia relacionada ao equipamento, há *softwares* que demandam muito consumo de bateria. Os *e-readers* que utilizam *E-Ink* são os mais econômicos;
- **Compatibilidade com PCs** (*software*) – a possibilidade de acesso aos livros eletrônicos também em computadores convencionais, o que está diretamente relacionado à disponibilização de aplicativos compatíveis por parte dos distribuidores de *e-readers* e livros eletrônicos;
- **Peso** (*hardware*) – relacionado diretamente ao potencial de portabilidade do suporte.

Uma vez que a maior parte das características ora pontuadas interfere de algum modo na forma final que o livro eletrônico assumirá ao chegar ao leitor, seja por permitir alterações substanciais no modo de apresentação ou por permanecer inalterável à visualização (PDF), certamente serão criadas diferentes possibilidades de apropriação do texto lido no suporte para o texto eletrônico.

Essa dinâmica de apresentação do livro eletrônico confere ao leitor novo papel, o de coeditor, diante da possibilidade de que ele elabore uma “edição” que se encontre o mais próxima possível do que seria, individualmente, resultado do seu projeto de design do livro, que irá ao encontro das representações de livro que percebe como ideais. Sobre os novos papéis assumidos pelo leitor frente ao texto eletrônico, Chartier (1999b, p. 103) acrescenta:

[...] Não somente o leitor pode submeter os textos a múltiplas operações (ele pode indexá-lo, anotá-lo, copiá-lo, desmembrá-lo, recompô-lo, desloca-lo, etc.), mais do que isso, ele pode se tornar seu co-autor. A distinção, claramente visível no livro impresso, entre a escrita e a leitura, entre o autor do texto e o leitor do livro, apaga-se em benefício de uma outra realidade: aquela em que o leitor torna-se um dos autores de uma escrita de várias vozes ou, pelo menos, encontra-se em posição de constituir um texto novo a partir de fragmentos recortados e reunidos.

Diferentemente do ocorrido por ocasião do desenvolvimento da imprensa, que possibilitou a consolidação da possibilidade do reconhecimento autoral (FEBVRE, MARTIN, 2010), essa revolução do livro parece contribuir para uma redefinição do papel do autor.

Uma forma de buscar compreensão sobre o que diz Chartier, sobre essa pluralidade autoral, é observar o fenômeno do gênero *Fanfic*²⁰, uma modalidade de ficção, escrita por fãs de livros, de séries de televisão, de filmes etc.; utilizando personagens e situações destes para desenvolver novas tramas, cujos textos são comumente encontrados em comunidades na internet. Uma das bases de

²⁰ *Fanfic*: forma mais conhecida do gênero literário *Fan Fiction*.

dados referência em *Fanfics* e *Crossovers*²¹, atualmente, é a *Fanfiction. Net*²², criada há 17 anos, a qual também disponibiliza uma versão para *smartphones* que permite acesso e edição. Também na comunidade *Wattpad*²³, que se anuncia como a maior comunidade de leitores e escritores do mundo, com 100 milhões de histórias para serem lidas, estão disponíveis textos de diversos gêneros, inclusive *Fanfics*, podendo ser utilizadas versões para equipamentos eletrônicos móveis.

Enfim, é fato que as práticas de leitura e escrita, literárias ou não, encontram-se definitivamente alteradas e fortemente influenciadas pelas formas assumidas pelo texto eletrônico. As ferramentas disponibilizadas pelos *softwares* e *hardwares* de leitura parecem querer diminuir essa separação corporal entre o texto e o leitor, da qual falava Chartier (1998b, p. 13), vindo a favorecer a inscrição do leitor também como autor e editor, parecendo ser instituída uma forma mais complexa de produção de sentidos, visto que as possibilidades de manipulação dos textos se ampliam.

No âmbito dessas transformações e inovações, residem também discussões inerentes ao fim do impresso que perpassam, em diferentes níveis, produções acadêmicas que de alguma forma tratam sobre suportes e práticas de leitura, tais como alguns adotados como aportes teóricos desta pesquisa²⁴.

Sobre essas questões do futuro do livro, Procópio (2013, p. 65) posiciona-se dizendo que o passado do livro já é digital. Mas esse não é um passado distante, é aquele que se tornou possível a partir do advento dos computadores e da modernização dos trabalhos de criação e edição, nos quais o autor escreve seu texto num compu-

²¹ Tipo de *Fanfic* que combina mais de um mundo, por exemplo: personagens da saga Harry Potter (um dos mundos ficcionais com grande destaque no mundo da *Fanfic*) que se unem aos personagens da saga Percy Jackson para cumprir uma missão.

²² www.fanfiction.net/

²³ www.wattpad.com/

²⁴ Para mais detalhes a respeito do mencionado, conferir: Baron (2015), Chartier (1998b, 2002c, 2007a), Eco e Carrière (2010), Fischer (2006); Lajolo e Zilberman (2009); Lyon (2011), Moraes (2011), Danusa Oliveira (2013), Procópio (2010, 2013), Sutherland (2014), Spalding (2012) e Zilberman (2001).

tador, salva no formato eletrônico e o submete aos processos editoriais que serão também realizados utilizando-se a mesma tecnologia, pois há muito que os tipos móveis não mais são utilizados. Entretanto, Procópio (2013, p. 65) complementa dizendo que “[...] o futuro do livro é híbrido. Um híbrido de livro em formato impresso, digital ou de áudio”. Tal proposta vai ao encontro do que diz Chartier (1998b) quando menciona acreditar não num desaparecimento do impresso, mas a exemplo dos registros históricos de criação e utilização de novos suportes de leitura, num processo de coexistência, que persistirá enquanto as práticas vigentes assim o permitirem.

Ao considerar o exposto até o momento, trazendo alguma luz a intrincadas questões sobre as diferentes formas dos suportes contemporâneos (e de outros tempos) disponíveis para leitura e das condições de existência de cada tipo de suporte, coaduna-se cada vez mais com a proposta de Ribeiro (2007, p. 130) de que:

O leitor se adapta ao novo suporte, ao novo objeto de ler, e o novo objeto vai sendo refinado e projetado de acordo com as demandas do leitor, fundamentadas nisso. Trata-se, então, de um ciclo inteligente e versátil, ao qual qualquer ser humano deve ser acostumado.

Tais adaptações e refinamentos estarão diretamente relacionados às práticas culturais inerentes e resultantes de determinados arranjos sociais nos quais o indivíduo leitor estiver envolvido: as chamadas comunidades culturais ou interpretativas (FISH, 1980; CHARTIER, 1990), que se “organizam” de acordo com diferentes propósitos.

3 A BIBLIOTECA DO IFES – CAMPUS SÃO MATEUS E SEUS LEITORES LITERÁRIOS

O Ifes é uma instituição cuja missão é “promover educação profissional e tecnológica de excelência, por meio do ensino, pesquisa e extensão, com foco no desenvolvimento humano sustentável” (INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2011) e que, no decorrer de mais de cem anos, tem se consolidado como referência em educação profissionalizante no estado do Espírito Santo. Quando foi feito o levantamento de dados para realização desta pesquisa, essa instituição possuía 21 campi em funcionamento, dentre eles, o campus São Mateus, que iniciou suas atividades em agosto de 2006, como parte do programa de expansão da Rede Federal Tecnológica no Brasil (SUEHT et al., 2009), ofertando o Curso Técnico em Mecânica, concomitante ao Ensino Médio. Atualmente esse campus oferta Cursos Técnicos Concomitantes e Integrados ao Ensino Médio nas áreas de Mecânica e Eletrotécnica, assim como o Bacharelado em Engenharia Mecânica (INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2011).

A biblioteca do campus São Mateus, classificada como escolar²⁵ e universitária²⁶ (INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2014),

²⁵ “[...] que está ligada a estabelecimento de ensino, fundamental ou médio, destinada a alunos e professores” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 51).

²⁶ “[...] que é mantida por uma instituição de ensino superior que atende às necessidades de informação dos corpos docente, discente e administrativo, tanto para apoiar as atividades de ensino, quanto pesquisa e extensão” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 53)..

iniciou suas atividades no início de 2007, com acervo incipiente, sem a disponibilização de títulos literários. O desenvolvimento do acervo se deu de forma orgânica, ora absorvendo doações de origens diversas (usuários internos e externos, programas como o Plano Nacional Biblioteca na Escola - PNBE), ora mediante realização de procedimentos de compras em atendimento às demandas dos usuários leitores e da necessidade de suporte ao que se apresenta no currículo da disciplina Língua Portuguesa e Literatura.

Até dezembro de 2014, marco temporal de coleta de dados para a pesquisa, o acervo geral totalizava 6661 exemplares de livros impressos, sendo 1377 deles pertencentes ao segmento literário (INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2015b), equivalendo a 20,7% do acervo, cuja variedade pode ser verificada no Apêndice B, o qual ilustra as características de formação do acervo de literatura literária dessa biblioteca, no período mencionado, de acordo com os agrupamentos de classes nas quais os títulos são inseridos quando da realização do processamento técnico²⁷, tendo como base a Classificação Decimal de Dewey²⁸, que é o esquema de organização por assunto utilizado nessa unidade de informação.

O acervo literário mencionado é notadamente composto por uma maioria de títulos de literatura de língua portuguesa, predominantemente de Ficções, Poesia, Teatro e Miscelâneas Brasileiras e Portuguesas. Todavia, também estão representadas, de forma expressiva, classes referentes à literatura inglesa e norte-americana, que, embora não sejam abordadas no currículo padrão da escola, são amplamente procuradas pelos alunos, fato que será ilustrado adiante e que vai diretamente ao encontro do exposto por Gabriela Oliveira (2013) a propósito de seus achados em sua pesquisa sobre as práticas de leitura e preferências literárias de jovens alunos

²⁷ Processamento técnico é o “[...] conjunto de atividades às quais um documento é sucessivamente submetido até ser considerado pronto para ser incluído no acervo e ser usado pela biblioteca” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 293).

²⁸ A primeira versão desse esquema foi publicada em 1876, sofrendo alterações variadas até a atualidade. A *Online Computer Library Center, Inc.* (OCLC) é responsável pelas ações de revisão e edição de tal publicação, sendo única detentora de seus direitos autorais (DEWEY, 2003).

do Ensino Médio em São Paulo. Talvez, tal preferência possa ser a impulsionadora de uma inclusão mais expressiva de títulos das literaturas de escritores de língua inglesa, o que é perceptível se comparados os dois biênios apresentados no Apêndice B.

Os usuários potenciais dos serviços da biblioteca do campus São Mateus são os representantes dos corpos discente, docente e demais servidores e estagiários, sendo que os alunos constituem a maior parte desse total, como ilustrado na Tabela 1. Nela se observa uma predominância acentuada do gênero masculino, principalmente nos Cursos Técnicos Concomitantes e, de modo mais marcado, na Engenharia, favorecendo uma visão de que o gênero feminino não conquistou esse espaço da educação profissionalizante nas modalidades ofertadas no campus São Mateus. Tal cenário, entretanto, não pode ser projetado na mesma proporção no que se refere ao perfil do leitor literário que ora se tenta identificar.

Tabela 1 - Usuários potenciais para o período de 01/01/2011 a 31/12/2014, divididos por cursos e gêneros (quantitativo médio)

CURSO	GÊNERO	ANO			
		2011	2012	2013	2014
Engenharia Mecânica	Masculino	85	117	143	178
	Feminino	6	12	20	28
	Total	91	129	163	206
	Média para os dois anos	110		186	
Técnico em Mecânica Concomitante	Masculino	154	113	81	94
	Feminino	79	60	42	41
	Total	233	173	123	135
	Média para os dois anos	203		129	
Técnico em Eletrotécnica Concomitante	Masculino	167	135	110	116
	Feminino	98	76	56	54
	Total	265	211	166	170
	Média para os dois anos	238		168	
Técnico em Mecânica Integrado ao Ensino Médio	Masculino	55	70	85	87
	Feminino	50	60	57	69
	Total	105	130	142	156
	Média para os dois anos	118		149	
Técnico em Eletrotécnica Integrado ao Ensino Médio	Masculino	63	77	78	79
	Feminino	40	52	57	61
	Total	103	129	135	140
	Média para os dois anos	116		138	
Servidores e estagiários	Total	111		122	
Média geral de usuários para cada intervalo		896		892	

Fonte: elaborada pela autora a partir do exposto em Sistema Acadêmico (2015).

Nota: houve necessidade de trabalhar com valores médios por ano, devido ao formato diferenciado de divisão de períodos letivos (Engenharia e Concomitantes dividem-se em semestres letivos).

Considerando as especificidades do campus pesquisado e do acervo literário da biblioteca deste, com o intuito de conhecer um

pouco das práticas de leitura literária dos usuários potenciais dessa unidade de informação (esses que fazem parte dessa comunidade interpretativa específica), a qual desenvolve suas atividades em espaço onde está presente forte apelo às inovações tecnológicas, foram adotados os procedimentos metodológicos de análise documental (registros de empréstimos²⁹) e de dados provenientes do questionário de estudo de usuários aplicado pela Coordenadoria da Biblioteca do campus São Mateus.

3.1 PRIMEIRAS IMPRESSÕES SOBRE AS PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA: ANÁLISE DE REGISTROS DE EMPRÉSTIMO

Os relatórios relativos aos registros de procedimento de empréstimo que foram analisados (INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2015a, 2015c, 2015d) ofereceram subsídios tanto para determinação de usuários reais (considerando curso e gênero) que emprestaram livros de literatura na biblioteca do campus São Mateus, quanto para conhecimento das classes e títulos de literatura preferidos desses usuários. O período de corte definido foi o mesmo utilizado para o conhecimento do quantitativo de usuários potenciais demonstrado anteriormente: o intervalo entre os anos de 2011 a 2012 e 2013 a 2014, confrontando-se os dados desses biênios. A opção por esse recorte temporal decorreu de terem acontecido movimentos de paralização grevista durante quase todos os anos citados, o que alterou significativamente o calendário acadêmico no que se refere a início e final de semestres e anos letivos e, embora não se intencione proceder a uma observação seriada, desse modo, pensou-se que um período maior de observação favoreceria o entendimento tanto de um possível perfil de leitores quanto das

²⁹ Os dados relativos à composição do acervo da biblioteca campus São Mateus e aos quantitativos de empréstimos, referentes ao intervalo de 2011 a 2012, foram analisados e apresentados como trabalho final da disciplina “Literatura e Leitura”, ministrada no âmbito do PPGI Ufes, em 2013/2, e posteriormente apresentados no formato da comunicação oral “Práticas de leitura literária dos usuários da biblioteca do Ifes campus São Mateus”, durante o XVIII Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, realizado de 16 a 21 de novembro de 2014, em Belo Horizonte/MG.

práticas constituídas no local da pesquisa. Não foram emitidos relatórios referentes ao ano letivo de 2015 pelo fato deste ter previsão de conclusão somente em março de 2016.

O primeiro relatório analisado dispunha das informações de todos os materiais emprestados no intervalo temporal mencionado (INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2015c), arrolando individualmente os usuários que efetivamente realizaram empréstimos de livros de literatura. Dessa forma, foi possível identificar o quantitativo de usuários reais que procuraram por literatura e, também, separá-los de acordo com o gênero, conforme o apresentado na Tabela 2.

Tabela 2 – Quantitativo de usuários reais, leitores literários, de acordo com o gênero

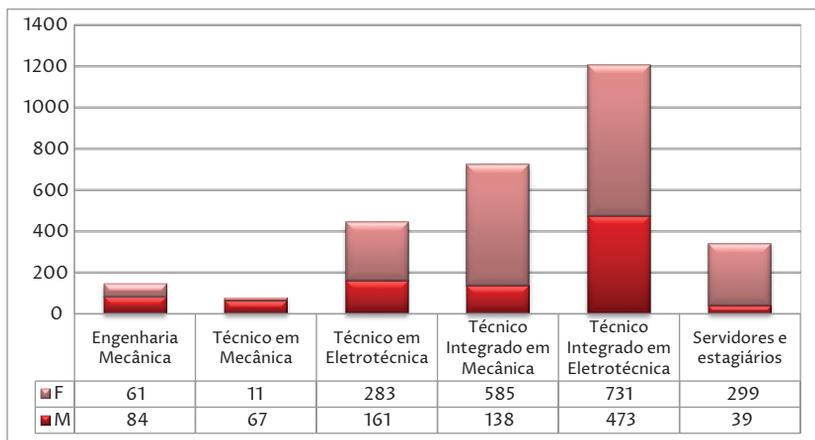
Biênio	Usuários reais (% em relação ao total)	Gênero (% em relação aos usuários reais)	
		F	M
2011 a 2012	303 (33,82%)	163 (53,8%)	140 (46,2%)
2013 a 2014	267 (29,93%)	155 (58%)	112 (42%)

Fonte: elaborado pela autora a partir do exposto em Instituto do Federal Espírito Santo (2015c).

Ao comparar os dados de usuários potenciais (TABELA 1) e reais (TABELA 2), atendo-se à realidade do lócus da pesquisa, verifica-se que aproximadamente um terço da comunidade acadêmica manifesta interesse pela leitura de literatura, tendo sido percebida uma diminuição da quantidade de leitores com esse interesse do primeiro para o segundo biênio analisado. Outra característica desse grupo de interesse, que se mantém nos dois períodos, é a preponderância de leitores do gênero feminino, mesmo que tal segmento se apresente em menor número em todos os cursos e períodos tabulados.

Os Gráficos 1 e 2 permitem visualizar em quais cursos ou categorias (no caso dos servidores e estagiários) se concentram o maior quantitativo de empréstimos de literatura, de acordo com o recorte temporal feito, dividindo as ocorrências pelos gêneros dos leitores.

Gráfico 1 – Quantitativo de empréstimos por curso/categoria e gênero para o período de 2011 a 2012



Fonte: elaborado pela autora a partir do exposto em Instituto Federal do Espírito Santo (2015c).

Excetuando-se as turmas de Engenharia Mecânica e Técnico em Mecânica Concomitante, há expressivo destaque para as demais usuárias, ou seja, parte substancial das leituras literárias feitas no âmbito do campus São Mateus são realizadas por representantes do gênero feminino, equivalendo a 67,2% do total de empréstimos realizados nessa modalidade de leitura.

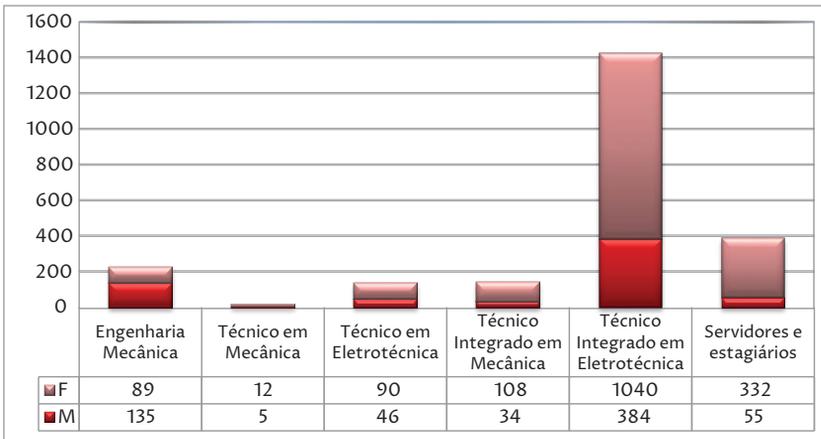
O quantitativo de empréstimos registrados pelos usuários matriculados nos cursos da área de Mecânica pode ter sido afetado por uma questão de infraestrutura inerente à realidade do campus São Mateus, que opera em duas instalações físicas distanciadas por aproximadamente 7 km, ficando a biblioteca localizada no bairro Litorâneo, cujo acesso é pouco favorecido pela rede de transporte municipal. Entretanto, os registros de empréstimos referentes ao curso Técnico Integrado em Mecânica apresentam-se um pouco mais expressivos, o que pode estar relacionado ao fato de que, periodicamente, eram ofertadas algumas aulas para esse curso nas instalações onde está localizada a biblioteca.

Uma vez que o quantitativo de empréstimos concentra-se principalmente entre os representantes dos cursos Técnicos Integrados

ao Ensino Médio, pode-se afirmar que há grande número de adolescentes usuários, sendo que o curso Técnico Integrado em Eletrotécnica, mesmo diante das limitações geográficas, faz-se pontualmente representado nos registros de empréstimos.

O Gráfico 2, a seguir, ilustra a realidade da circulação de material bibliográfico de literatura relativo ao biênio 2013 a 2014.

Gráfico 2 – Quantitativo de empréstimos por curso e gênero para o período de 2013 a 2014



Fonte: elaborado pela autora a partir do exposto em Instituto Federal do Espírito Santo (2015c).

O segundo intervalo temporal, ilustrado pelo Gráfico 2, se comparado ao disposto no Gráfico 1, apresenta algumas alterações e novas informações, sutis, porém importantes.

Apenas nas turmas de Engenharia Mecânica não se apresenta uma predominância de empréstimos de literatura por parte do gênero feminino, responsável por 71,7% do total de empréstimos nessa modalidade de leitura.

Houve uma acentuada diminuição da procura de livros de literatura por parte dos alunos dos cursos técnicos concomitantes, tanto de Mecânica quanto de Eletrotécnica, e, principalmente, por parte dos usuários provenientes do curso Técnico Integrado em Mecânica. Acredita-se que essa diminuição deve-se tanto à questão da

separação geográfica, mencionada anteriormente, quanto ao fato de terem cessado a realização de algumas aulas para o referido curso nas instalações do bairro Litorâneo, sendo os alunos privados de um acesso mais facilitado à unidade de informação escolar.

Mesmo com a diminuição de empréstimo por um segmento de alunos dos cursos integrados, manteve-se a concentração dessa prática por parte dos alunos adolescentes provenientes das turmas do curso Técnico Integrado em Eletrotécnica, com aproximadamente 61,2% do total de empréstimos para o biênio demonstrado no Gráfico 2.

Estabelecida uma primeira percepção do que viria a ser o perfil dos usuários reais da biblioteca, de acordo com a análise de relatório de estatística de empréstimo por classificação (INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2015a), observou-se que as classes literárias que mais interessam aos alunos são: Ficção Norte-Americana, Ficção Inglesa e Ficção Brasileira e Portuguesa, nessa ordem de preferência, com mais ênfase nas duas primeiras³⁰, informação válida para os dois biênios observados. Como exemplo, o Quadro 2 descreve os títulos mais emprestados nessas classes, considerando até a quinta posição em relação à quantidade de retiradas.

Quadro 2 – Títulos de literatura mais emprestados (5 primeiras colocações) nos intervalos de 01/01/2011 a 31/12/2012 e 01/01/2013 a 31/12/2014.

Continua...

CLASSE	COLOCAÇÃO	TÍTULO/AUTOR	QUANTIDADE DE EMPRÉSTIMOS
2011-2012			
Ficção Americana	1ª	A Cabana/ William P. Young	71
	2ª	Anjos e Demônios/ Dan Brown	57
	3ª	Diários do Vampiro [1]/ L. J. Smith	39
	4ª	O Código Da Vinci/ Dan Brown	37
	5ª	Crepúsculo/ Stephenie Meyer	

³⁰ Para informações sobre a ocorrência de empréstimos de todas as classes disponíveis no acervo da biblioteca do campus São Mateus, verificar o Apêndice C.

conclusão

Ficção Inglesa (e outros países de mesma língua)	1ª	As Crônicas de Nárnia/ C. S. Lewis O Menino do Pijama Listrado/ John Boyne (Irlanda)	60	
	2ª	Melancia/ Marian Keyes	31	
	3ª	Harry Potter e a Pedra Filosofal/ J. K. Rowling	29	
	4ª	Harry Potter e a Câmara Secreta/ J. K. Rowling	28	
	5ª	Como Viver Eternamente/ Sally Nicholls O Senhor dos Anéis/ J. R. R. Tolkien	25	
Portuguesa Brasileira e Ficção	1ª	O Vendedor de Sonhos/ Augusto Cury	21	
	2ª	Vidas Secas/ Graciliano Ramos	13	
	3ª	Assassinatos na Academia Brasileira de Letras/ Jô Soares	11	
		Ensaio sobre a Cegueira/ José Saramago		
		Memórias de um Sargento de Milícias/ Manuel Antônio de Almeida		
	4ª	A escrava Isaura/ Bernardo Guimarães	10	
		O Semeador de Ideias/ Augusto Cury		
O Clube dos Anjos/ Luís Fernando Veríssimo				
O Xangô de Baker Street/ Jô Soares				
5ª	Iracema/ José de Alencar Senhora/ José de Alencar	9		
2013-2014				
Norte-Americana Ficção	1ª	A Guerra dos Tronos/ George R. R. Martin	51	
	2ª	A Cabana/ William P. Young	45	
	3ª	Jogos Vorazes - A esperança/ Suzanne Collins	31	
	4ª	Jogos Vorazes - Em chamas/ Suzanne Collins	28	
	5ª	Jogos Vorazes/ Suzanne Collins A Última Música/ Nicholas Sparks Querido John/ Nicholas Sparks	27	
Ficção Inglesa (e outros países de mesma língua)		1ª	O Menino do Pijama Listrado/ John Boyne (Irlanda)	27
	2ª	As Crônicas de Nárnia/ C. S. Lewis	24	
	3ª	A Menina que Roubava Livros/ Markus Zusak (Austrália)	23	
	4ª	1984/ George Orwell O Morro dos Ventos Uivantes/ Emile Brönte	19	
		5ª	Harry Potter e a Pedra Filosofal/ J. K. Rowling Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban/ J. K. Rowling Harry Potter e o Cálice de Fogo/ J. K. Rowling	18
Ficção Brasileira e Portuguesa	1ª		O Vendedor de Sonhos/ Augusto Cury	21
	2ª		A Hora da Estrela/ Clarice Lispector	17
	3ª	Vidas Secas/ Graciliano Ramos	16	
	4ª	O Cortiço/ Aluísio Azevedo	15	
	5ª	Onze Minutos/ Paulo Coelho	12	

Fonte: elaborado pela autora a partir do exposto em Instituto Federal do Espírito Santo (2015d).

Fica explícita a preferência por de títulos literários de massa, com destaque para as Ficções Norte-Americana e Inglesa, nos dois intervalos temporais indicados no Quadro 2. Esse cenário vai ao encontro da percepção de um usuário que, nos dizeres de Petrucci (1998), é anárquico em relação às suas escolhas, não se importando

em cumprir as exigências canônicas, mas curvando-se aos modos de consumo cultural inerentes ao emergente paradigma da convergência, que, na literatura, manifesta-se por meio do que Jenkins (2009, p. 138) chama de narrativa transmídia.

Uma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmídia, cada meio faz o que faz de melhor – a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em games ou experimentado como atração de um parque de diversões. Cada acesso à franquia deve ser autônomo, para que não seja necessário ver o filme para gostar do game, e vice-versa. Cada produto determinado é um ponto de acesso à franquia como um todo. A compreensão obtida por meio de diversas mídias sustenta uma profundidade de experiência que motiva mais consumo. A redundância acaba com o interesse do fã e provoca o fracasso da franquia. Oferecer novos níveis de revelação e experiência renova a franquia e sustenta a fidelidade do consumidor.

Ao examinar o Quadro 2, vários títulos literários podem ser considerados produtos de franquias já exploradas numa proposta de convergência midiática, como os exemplos a seguir:

- Os livros de Dan Brown, *Anjos e demônios* e *O código Da Vinci*, lançados mundialmente a partir de 2000 e 2003, respectivamente (NOVELS, acesso em 20 nov. 2015);
- A estreia das versões cinematográficas da saga do professor Robert Langdon³¹, nos anos de 2006 e 2009³², levou as editoras a relançarem os livros que, embora trouxessem o mesmo conteúdo, apresentavam *design* de capa com material visual de divulgação dos filmes;

³¹ Protagonista dos livros *Anjos e Demônios*, *O Código Da Vinci*, *O Símbolo Perdido* e *Inferno* (NOVELS, acesso em 20 nov. 2015)

³² As informações relativas aos anos de lançamentos das versões cinematográficas de todas as obras mencionadas nesta lista são provenientes de consulta ao *International Movie Database* – IMDb.com (acesso em 17 nov.2015)

- *Crepúsculo*, de autoria de Stephenie Meyer, trata-se do primeiro volume da saga sobre o relacionamento amoroso de uma mortal e um vampiro, cujos volumes da coleção, que leva o mesmo nome, foram lançados entre os anos de 2005 e 2008 (TWILIGHT, acesso em 20 nov. 2015). Essa franquia deu origem a uma produção cinematográfica, cujos cinco filmes foram lançados entre os anos de 2008 e 2012, e, também, levou ao relançamento da saga impressa e do *spin-off*³³ *A breve segunda vida de Bree Tanner*, baseado em uma personagem que aparece no terceiro volume da saga, *Eclipse*;
- *Guerra dos tronos*, primeiro volume da saga “As Crônicas de gelo e fogo”, de autoria de George R. R. Martin – o qual dá nome à série produzida pelo HBO, canal de TV por assinatura, desde 2011 – estando disponíveis, no mercado editorial, vários formatos impressos dos títulos, assim como são comercializados diversos produtos relacionados à série (camisetas, chapéus, fantasias, brinquedos, games etc.);
- A trilogia *Jogos Vorazes*, de autoria de Suzanne Collins, que, entre os anos de 2012 e 2015, foi adaptada para o cinema, despertando interesse por parte dos leitores em relação à saga como um todo;
- A saga *Harry Potter*, fenômeno da literatura juvenil, da inglesa J. K. Rowling, é um dos exemplos mais sólidos de narrativa transmídia dentre os arrolados, constituído de sete volumes (publicados entre os anos de 1997 e 2007), que deu origem a uma saga de oito filmes, entre os anos de 2001 e 2011, e que continua sendo procurado regularmente para empréstimo. As versões impressas já ganharam apresentações variadas (sem ilustrações, ilustrados, com capa dura, brochura, *box* exclusivo, capas diferenciadas), havendo também movimentação no mercado de produtos relacionados à história, tais como brinquedos, *spin-offs*³⁴ e games.

³³ *Spin-off*: um novo produto derivado de uma franquia ou produto já existente, focado em uma personagem ou ambientação já proposta (DICTIONARY, 2015).

³⁴ *Animais fantásticos e onde habitam* (2001), que está em fase de produção cinematográfica, e *Quadribol através os séculos* (2001).

Faz também parte dessa franquia um parque temático³⁵ localizado na cidade de Orlando, na Flórida, Estados Unidos. Nos sites e blogs de publicação de *fanfics*, aquelas que utilizam personagens e ambientes da saga de Harry Potter são as mais numerosas, o que pode ser verificado ao fazer uma busca nos ambientes virtuais já mencionados na seção 5³⁶. É também disponibilizado aos fãs da série um portal na *web*, desenvolvido pela autora em parceria com a Sony, no qual o mundo da escrita e da tela convergem, oferecendo novas possibilidades de leitura da saga, além de servir de ponto de referência para divulgação de produtos da franquia (POTTERMORE, acesso em 20 nov. 2015).

As leituras de Ficção Brasileira e Portuguesa (em Língua Portuguesa) não guardam as mesmas características dos exemplificados no tocante a franquias multimidiáticas, havendo uma recorrência, nos dois biênios, de quantitativo maior de empréstimos de livros de autoria de Augusto Cury, habitualmente identificado como autor de livros do gênero autoajuda. Aparecem também alguns títulos tidos como canônicos e presentes no currículo de ensino de Literatura Brasileira, levando a acreditar que as ocorrências de empréstimo deles estejam diretamente relacionadas a atividades de cumprimento de disciplina.

No cômputo geral, essa amostra de empréstimos vai ao encontro das preferências manifestas em redes sociais de leitura. Por exemplo, ao confrontar o disposto nos relatórios de empréstimo por classificação com os *rankings* da rede social nacional de leitura, Skoob³⁷, os quais são atualizados automaticamente a cada alteração feita pelos seus membros, identifica-se a presença da maior parte dos títulos mais emprestados nas listas “Top mais lidos”, “Top mais quero ler” e “Top mais favoritos” (SKOOB, acesso em 18 nov. 2015).

³⁵ *The Wizarding World of Harry Potter* (O Mundo Mágico de Harry Potter).

³⁶ www.fanfiction.net/ e www.wattpad.com/.

³⁷ www.skoob.com.br.

A análise dessas práticas de leitura contribui para uma compreensão de que os leitores literários do campus São Mateus, em sua maioria de adolescentes e jovens, estão envolvidos nesse processo de convergência midiática, que impulsiona o surgimento das narrativas transmídia, conduzindo a certos consumos culturais que são compartilhados entre os que comungam dos mesmos interesses, colaborando para formação de opiniões comuns no que se refere a gostos e práticas. Ao mesmo tempo, as práticas identificadas, até o momento, localizam o leitor do Ifes como parte de comunidades outras, que extrapolam o local da pesquisa, pois, como cidadão do mundo globalizado, compartilha de interesses com outros que não necessariamente divide os mesmos espaços físicos, concretos.

3.2 ESTUDO DE USUÁRIOS “LEITURA LITERÁRIA: O QUÊ, COMO E ONDE VOCÊ TEM LIDO?”

A análise dos relatórios possibilitou impressões iniciais sobre o perfil do leitor literário do campus São Mateus. Contudo, com o fito de buscar maiores informações, principalmente relativas aos modos de ler desse público e às apropriações das leituras que realizam em diferentes suportes, foram analisados dados provenientes do Estudo de Usuários “Leitura literária: o quê, como e onde você tem lido?”, realizado pela Coordenadoria de Biblioteca, entre os meses de maio e junho de 2015, por meio da aplicação de questionário eletrônico semiestruturado, tendo sido os dados interpretados à luz do referencial adotado para a pesquisa.

Embora não se tenha feito uma análise de empréstimos e de usuários potenciais e reais referentes ao ano de 2015, público esse que participou do Estudo de Usuários, informações parciais sobre alunos matriculados, servidores e estagiários atuantes apontaram para o quantitativo de aproximadamente 882 usuários potenciais no período de aplicação do questionário, tendo sido registrados um total de 165 respondentes. Esse segmento de usuários respondeu a questões objetivas e subjetivas relativas às práticas de leitura literária que lhes são típicas, sendo as perguntas divididas em três

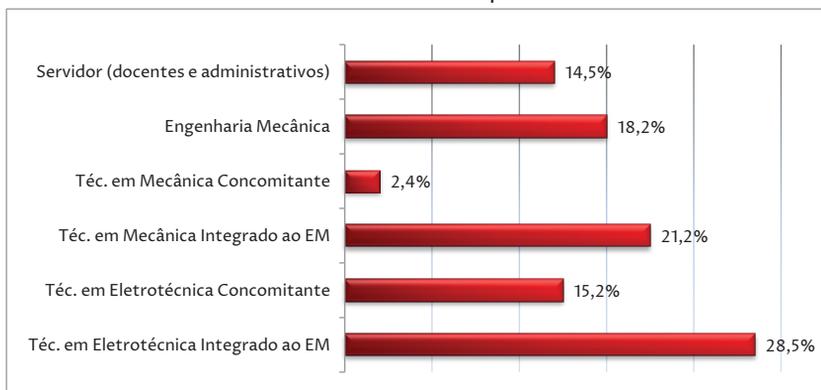
blocos: dados pessoais, práticas de leitura e práticas de leitura x suportes de leitura.

Dados pessoais

Do total de usuários que aderiram à pesquisa, 81% declarou utilizar com frequência, ou já ter utilizado alguma vez, os serviços da biblioteca do campus São Mateus. Desse total, houve 55% de respondentes do gênero masculino e 45% do gênero feminino, tendo essa amostragem se aproximado do que foi diagnosticado a partir da análise dos relatórios de empréstimo.

O Gráfico 3 ilustra a concentração de respondentes de acordo com o tipo de vínculo com a referida instituição, no qual se identificam representadas todas as categorias de usuários potenciais da biblioteca do campus.

Gráfico 3 – Vínculo dos respondentes

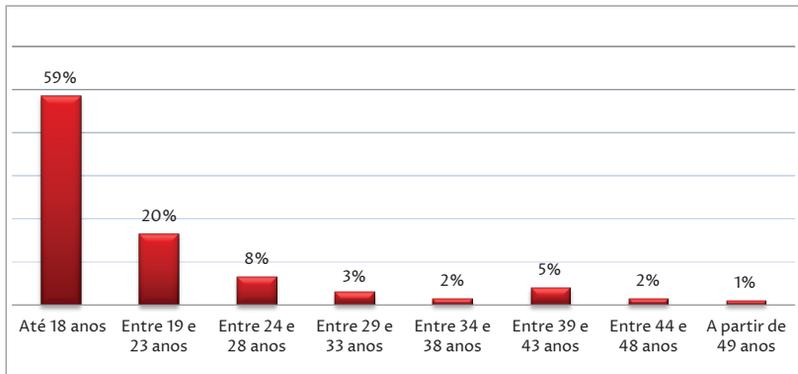


Fonte: elaborado pela autora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Nota-se uma tímida representação do curso Técnico em Mecânica na modalidade Concomitante e um maior quantitativo, quando somados, de respondentes dos cursos integrados ao Ensino Médio (49,7%), que já estavam configurados, enquanto usuários reais da biblioteca do campus São Mateus, como os que mais realizavam leituras literárias.

Em relação à faixa etária, indo ao encontro dos vínculos dos usuários potenciais, confirma-se a existência, na comunidade ifetiana em São Mateus, de maior ocorrência de adolescentes e jovens (79%), como pode ser visualizado no Gráfico 4. Desse montante também fazem parte os alunos do curso de Engenharia Mecânica, que, habitualmente, ingressam nessa modalidade de ensino com aproximadamente 18 anos de idade.

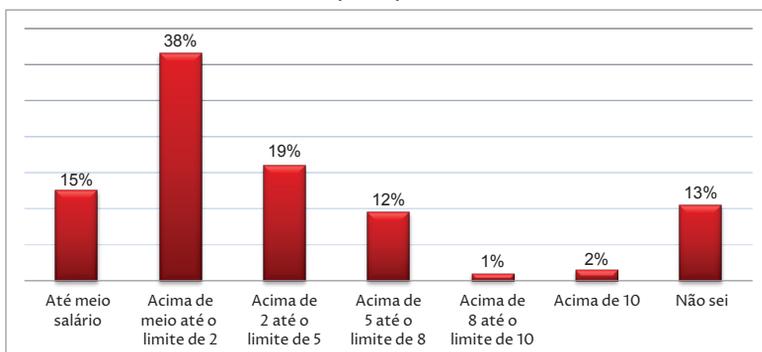
Gráfico 4 – Faixa etária



Fonte: elaborado pela autora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

No que se refere à renda *per capita* familiar, que vai diretamente ao encontro do poder de compra do leitor literário, a maior parte dos respondentes transita entre meio até dois salários mínimos mensais. Entretanto, a porcentagem dos que declararam não saber informar (13%) poderia alterar a realidade ilustrada no Gráfico 5. Também não se afasta a possibilidade de que nem todos os respondentes reconheçam a real situação de renda do núcleo familiar, mesmo a tendo declarado, visto que a maioria é de jovens que ocupam apenas a posição de estudantes.

Gráfico 5 – (Procad) Renda per capita (baseada no salário mínimo)

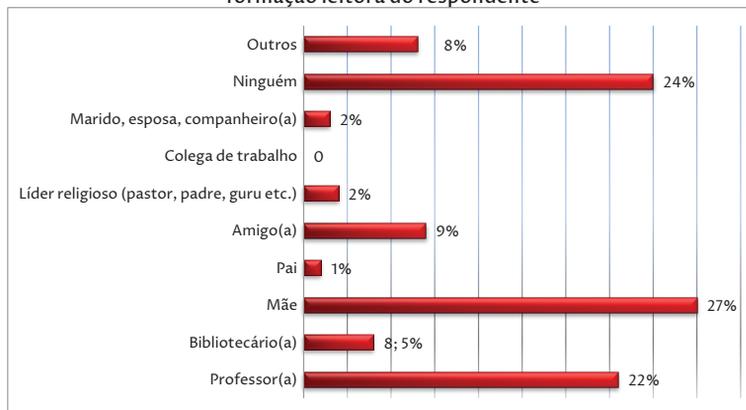


Fonte: elaborado pela autora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Práticas de leitura

Quando perguntados sobre uma figura que tivesse atuado como principal influenciadora na formação leitora (GRÁFICO 6), os usuários apontam com predominância a figura materna, dado que vai ao encontro do que dizem os resultados da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2012). Contudo, a segunda maior ocorrência (24%) aponta para a inexistência de referências em relação a essa prática, seguida da figura do(a) professor(a).

Gráfico 6 – Pessoa que atuou como principal influenciadora na formação leitora do respondente



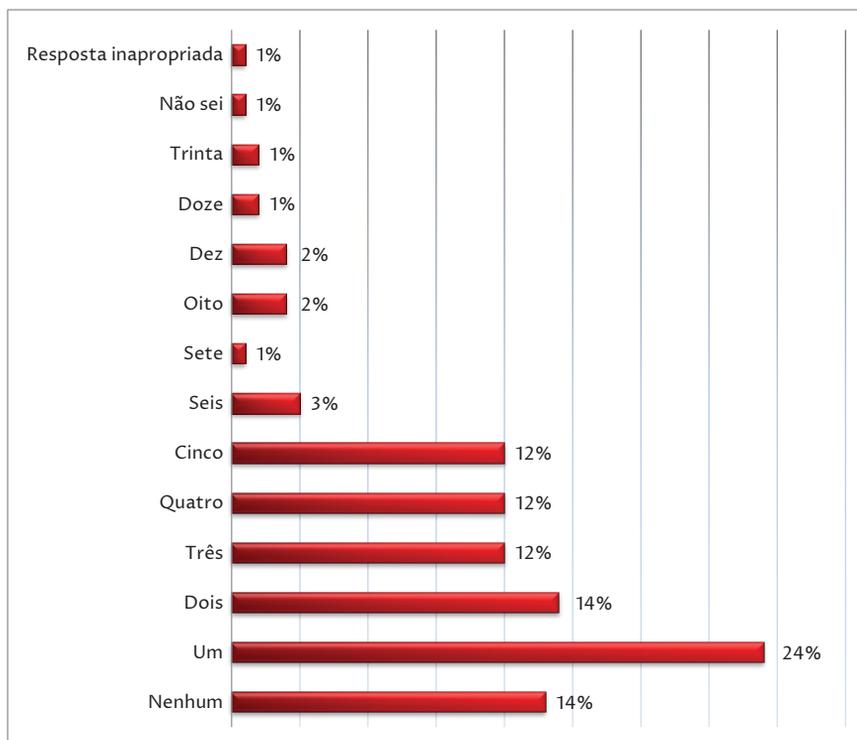
Fonte: elaborado pela autora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Talvez a afirmação por parte de muitos de não reconhecerem qualquer figura como influenciadora da leitura seja decorrente de uma falta de observação em relação a esse comportamento, em particular, ou mesmo por muitos ainda estarem se consolidando nesse sentido, não se reconhecendo, ainda, como leitores, efetivamente. Tal premissa baseia-se no exposto por 56% dos respondentes, que, ao serem perguntados sobre se considerarem leitores assíduos (não especificamente de literatura), afirmaram que “não”, frente a 44% que se consideram como tal. Como o Estudo de Usuários anuncia querer saber de leituras literárias, nessas respostas podem estar desmerecidas as demais leituras não realizadas em livros e até aquelas provenientes das relações com suportes textuais diversos no cotidiano desses sujeitos (mensagens de texto, publicações em redes sociais, artigos em blogs etc.), podendo ser dito que esses indivíduos têm diferentes representações do que viriam a ser leituras válidas, apropriando-se de forma diferenciada dos frutos dessa prática cultural.

Foi perguntado a respeito do quantitativo de livros lidos nos três meses que antecederam a aplicação da pesquisa, com o intuito de verificar se o respondente pode ser considerado um leitor³⁸ ou não, podendo ser verificados os dados expostos no Gráfico 7.

³⁸ Utiliza-se o mesmo critério da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2012), que considera leitor aquele sujeito que leu pelo menos um livro, inteiro ou partes dele, nos últimos três meses.

Gráfico 7 – Quantidade de livros lidos nos últimos três meses

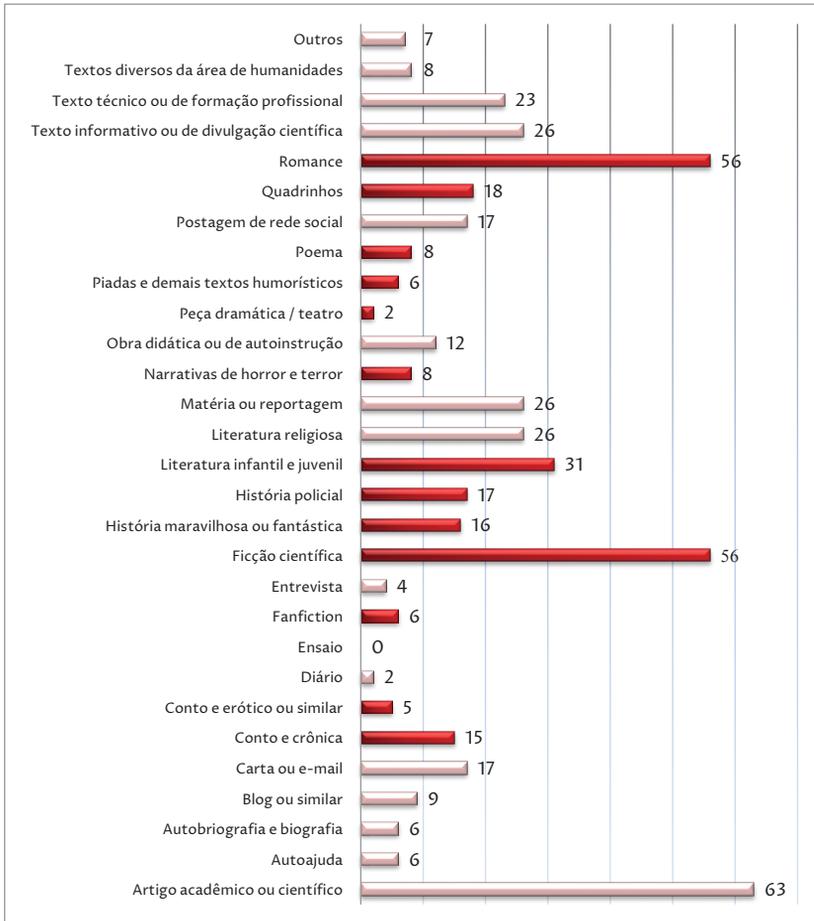


Fonte: elaborado pela autora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Em linhas gerais, apenas uma amostragem de 15% não pode se enquadrar na categoria de leitor, sendo que dessa, 1% é referente a um usuário que não soube dizer da quantidade de leituras feitas no período solicitado.

Uma vez estabelecido o posicionamento dos usuários como leitores, foi solicitado que informassem três gêneros que mais lessem, cuja variedade e ocorrência por resposta se veem retratadas no Gráfico 8.

Gráfico 8 – (Procad) Gênero mais lido, no geral (valores absolutos)



Fonte: elaborado pela autora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Nota: os indicadores em vermelho representam gêneros de literatura.

Das 465 marcações realizadas, 49,3% correspondem a algum gênero relacionado à leitura de cunho literário, estando essas destacadas em vermelho no Gráfico 8. Percebe-se também a grande ocorrência de leitura do gênero artigo acadêmico e científico, considerado condizente com os membros de uma comunidade na qual o ensino é a principal atividade.

Em prol de busca de informações mais específicas no que se refere às leituras literárias, foi perguntado como, preferencialmente, o usuário tem acesso a livros de literatura. As respostas encontram-se demonstradas no Gráfico 9.

Gráfico 9 – Como, preferencialmente, tem acesso a livros de literatura

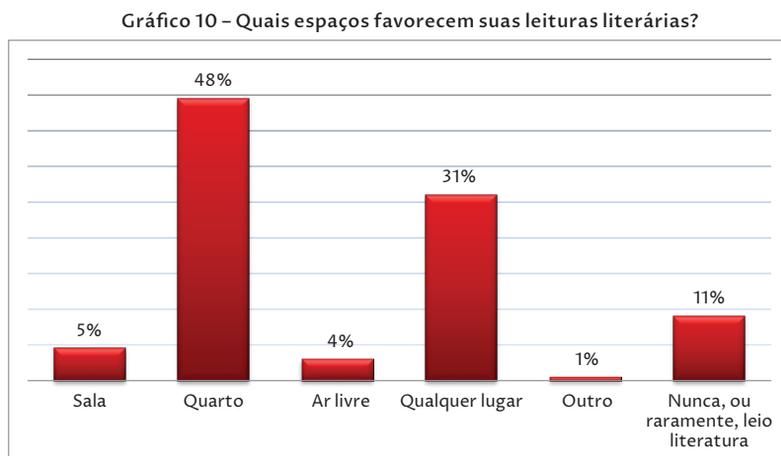


Fonte: elaborado pela autora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Excetuando o indicador que mostra da situação de não leitura de literatura (16%), constata-se que: a biblioteca escolar é reconhecida como espaço para busca de títulos literários, visto que uma amostra de 23% dos respondentes informa da utilização do espaço como forma primária de acesso a textos literários. A maior parte dos respondentes tem como prática a aquisição de livros literários, seja por parte dos pais ou mesmo do próprio usuário potencial, que, se somados, representam 31%; há uma baixa procura pela biblioteca pública pela comunidade de leitores do campus São Mateus, não sendo possível inferir o porquê.

No que se refere aos modos de ler, foi perguntado quais espaços favoreceriam as leituras literárias e, como pode ser verificado no

Gráfico 10, a grande preferência do quarto como ambiente propício à leitura literária pode ser um indicativo que tais leituras tenham uma característica mais intimista, mesmo diante da afirmação de 31% de respondentes de que qualquer lugar seria adequado à leitura da modalidade mencionada.

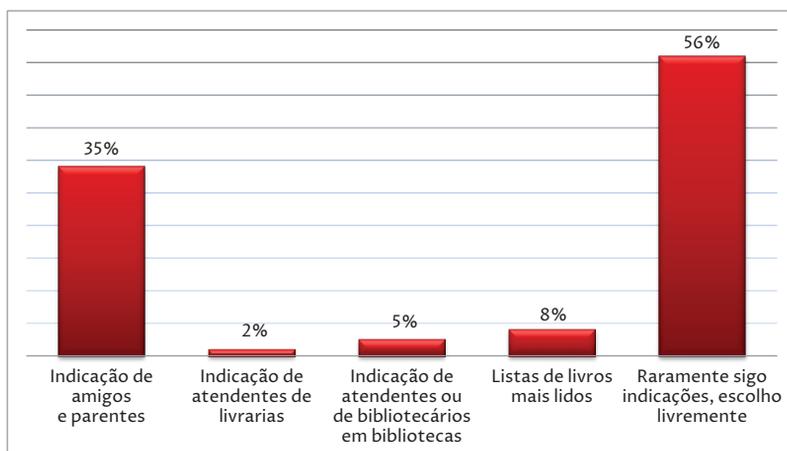


Fonte: elaborado pela autora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

No âmbito das escolhas de leitura, perguntou-se a respeito dos principais motivadores (GRÁFICO 11). Houve 56% de afirmações de livre escolha, sem que para tal fossem observadas influências outras. Seguiram-se 35% de respostas favoráveis à de indicações de amigos e parentes como motivadores, sendo que as demais opções não apresentaram quantitativo expressivo.

No que se refere à opção com maior porcentual de respostas (Raramente sigo indicações, escolho livremente), vale dizer que nela podem estar incluídos os que até então se declararam não leitores, levantando questões a respeito da real prática de escolha de títulos para leitura e deixando transparecer que as opções de respostas dessa questão não cobriram satisfatoriamente as possibilidades de respostas.

Gráfico 11 – Principal motivador na escolha de determinado livro para leitura



Fonte: elaborado pela autora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Práticas de leitura x suportes de leitura

O terceiro bloco de perguntas tem como objetivo principal levantar informações acerca das formas de apropriação dos suportes de leitura por parte dos leitores, que podem ser manifestas por meio das impressões que eles externam sobre como se deram as experiências dessa prática, ou mesmo de suas preferências em relação à ela.

Tendo questionado anteriormente sobre locais de preferência para realização de leituras, perguntou-se aos usuários se o ambiente escolhido como favorável à leitura influenciava na escolha do suporte textual, ao que 42% deles responderam que sim, 35% responderam não saber e 22% responderam que não influenciava. Complementou-se tal pergunta com uma solicitação de justificativa, cujas respostas, vistas analiticamente, resumiram-se ao cenário mostrado no Quadro 3, disposto a seguir.

Quadro 3 – O ambiente escolhido como favorável à sua leitura literária pode influenciar na escolha do suporte para leitura? Justifique a sua resposta.

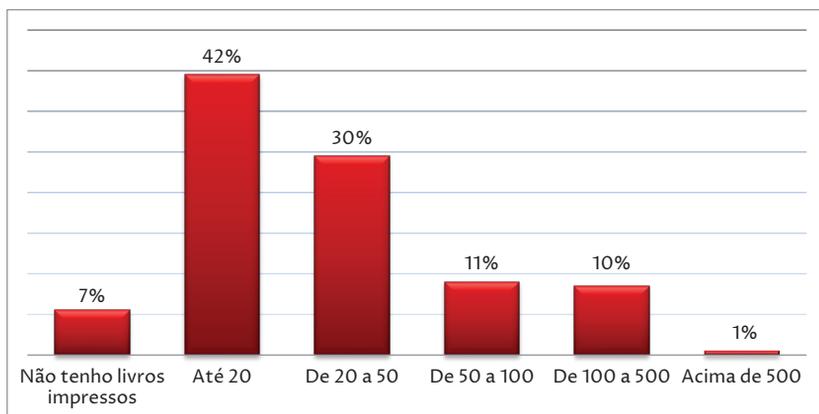
OPÇÃO DE RESPOSTA	PANORAMA DAS RESPOSTAS SUBJETIVAS
Sim (42% - 71 usuários)	<ul style="list-style-type: none"> ● 19 dos respondentes não escreveram uma justificativa; ● 33 das justificativas demonstraram que não houve entendimento da pergunta, sendo que alguns respondiam como se não concordassem que o ambiente influenciasse e, na maioria das vezes, diziam de questões relativas à leitura em si, ao gosto literário, no que se refere ao favorecimento da compreensão textual; ● Outras 19 respostas apresentaram, de modo equivalente, justificativas relacionadas a questões de: <ul style="list-style-type: none"> ○ Mobilidade: “Dependendo do lugar que eu estou, fica difícil carregar livros ou o computador”; “Gosto mais do suporte impresso, mas o ambiente em que leio também é bastante propício para o suporte eletrônico. Porém, utilizo mais o segundo tipo de suporte durante as viagens”; “Sendo impresso ele vai a qualquer lugar”. ○ Conforto: “Gosto de ler na cama e assim um livro digital é melhor”; “Porque em cada ambiente nos acomodamos de maneira distinta”; “Gosto ler no quarto, principalmente deitada, então creio que os livros impressos sejam melhores”. ○ Adaptabilidade: “Dependendo do local é necessário uma adequação para que consiga me concentrar na leitura, por isso na maioria das vezes prefiro os livros impressos”; “O suporte impresso, por exemplo, pode ser usado em todos os ambientes de leitura, enquanto o suporte eletrônico apresenta restrições”. ○ Segurança: “Na rua, acho perigoso sair com equipamentos eletrônicos”; “Por ser mais seguro carregar um material impresso, do que um eletrônico”.
Não sei dizer (35% - 58 usuários)	<ul style="list-style-type: none"> ● 47 dos respondentes deixaram em branco, o que inicialmente já se esperava para esse tipo de opção, podendo estar incluídos aqui o grupo de não leitores de literatura, declarados no decorrer da pesquisa; ● 8 registraram alguma observação, porém, praticamente todas não iam ao encontro da resposta inicial; ● 3 dos respondentes declararam não ter entendido a pergunta.
Não (22% - 36 usuários)	<ul style="list-style-type: none"> ● 12 dos respondentes não escreveram uma justificativa; ● 24 das respostas, de modo geral, afirmavam genericamente sobre o fato de não ser possível haver influência do ambiente para a realização da leitura em si (sem considerar a questão do suporte) ou mesmo dizendo que o que realmente importa é o que se lê. Um dos respondentes afirmou: “O que mais influencia no suporte é o tipo de livro. Livros acadêmicos acho melhor impressos, ao contrário de literários”.

Fonte: elaborado pela autora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Embora tenha havido uma adesão maior dos respondentes à possibilidade de interferência do tipo de ambiente na escolha do suporte do texto que se pretende ler, o silêncio das justificativas não escritas e o quantitativo de respostas que indicavam não compreensão da pergunta inicial podem ser um indicativo de que grande parte dessa comunidade, em particular, não teria sentido ainda necessidade de problematizar tal questão, desenvolvendo suas práticas de leitura sem se aperceber das mutações e das transformações dos suportes disponíveis na contemporaneidade ou mesmo já estando inseridos nas experiências híbridas de leitura decorrentes dessa coexistência entre textos e mídias, eletrônicos ou não.

Ainda tentando compreender como se dão os relacionamentos do leitor com os suportes e considerando que houve uma manifestação importante de respondentes que se enquadram no público que tem o hábito de adquirir livros, o Gráfico 12 ilustra o quantitativo médio de livros que os usuários potenciais da biblioteca do campus São Mateus possuem, mesmo sabendo que a resposta vai ao encontro de uma percepção superficial do respondente, o qual, certamente, não se recorda da quantidade exata de livros que possui.

Gráfico 12 – (Procad) Atualmente, qual a quantidade de livros IMPRESSOS que você tem em casa, independentemente de gênero?

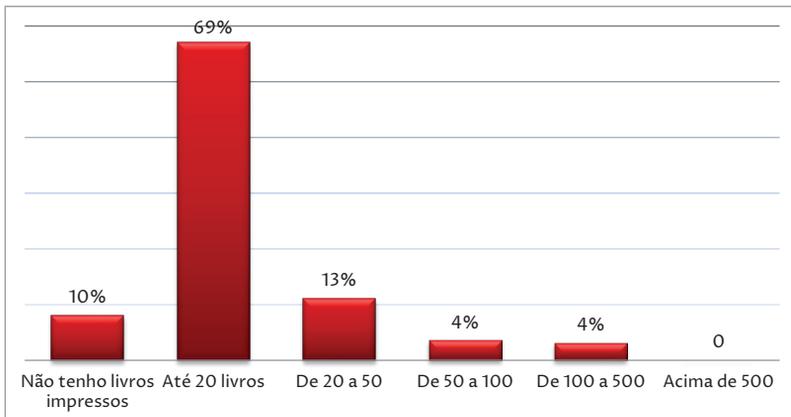


Fonte: elaborado pela autora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Percebe-se que apenas uma pequena amostragem declara não ter livros impressos. Entretanto, a maior parte das respostas indica a posse de, apenas, até 20 livros, quantitativo esse que, dependendo do arranjo familiar, não teria muita relação com a intenção de se constituir uma coleção ou com a valorização do impresso. Em segundo lugar está a opção de posse 20 a 50 livros, que, somada à opção de maior representatividade, delimita a média de livros que a maior parte do segmento de usuários que responderam à pesquisa possui.

De modo complementar, perguntou-se qual a quantidade desses livros impressos seriam de literatura (GRÁFICO 13).

Gráfico 13 – Considerando a quantidade de livros IMPRESSOS que você possui, quantos, aproximadamente, são de LITERATURA?

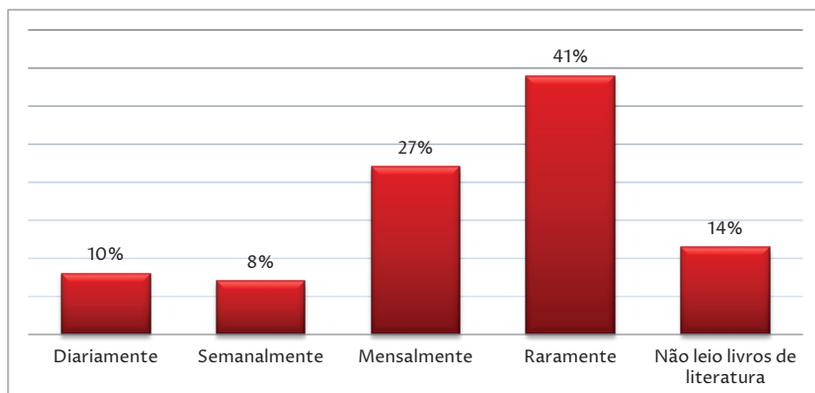


Fonte: elaborado pela autora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Identificou-se um aumento da variável “Não tenho livros impressos”, de 7% para 10%, em comparação com o questionamento anterior, acreditando-se que tenham sido incluídas, nessa opção, respostas de usuários que possuem livros impressos, mas não de literatura. Outro importante aspecto é a percepção de que a aquisição de livros de literatura parece ocupar um menor espaço no interesse dos usuários, visto que 69% destes declara possuir até 20 livros dessa categoria.

Quanto à frequência de leitura integral de títulos literários, 41% das respostas apontam para leitores que o fazem raramente, como pode ser verificado no Gráfico 14. Há, porém, outras variáveis que indicam a leitura literária realizada mensalmente (27%), semanalmente (8%) e diariamente (10%), a partir do que se pode inferir que tal leitura é frequente para aproximadamente 50% dos participantes da pesquisa.

Gráfico 14 – (Procad) Com que frequência lê livros de LITERATURA (integralmente)



Fonte: elaborado pela autora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Com intuito de aproximar-se mais das experiências de leitura literária dos usuários potenciais da biblioteca do campus São Mateus, foi pedido que, tendo por hábito ler literatura, os respondentes citassem alguns títulos que tivessem lido mais recentemente. Embora a porcentagem daqueles que declararam não ler livros de literatura tenha se mantido numa média de 14% na tabulação de várias perguntas, não houve respostas ao referido questionamento por parte de 41% dos participantes. A partir do informado pelos demais, cujas respostas estão disponíveis no Anexo D, delinearam-se as seguintes práticas, de acordo com a escolha de títulos para leitura:

- a maior parte dos títulos informados é pertencente à classe de Ficção Norte-Americana, estando presentes vários *best-sellers* e

franquias também identificadas nos relatórios de empréstimos discutidos no início da presente seção, tais como a saga *Guerra dos tronos* (ou as Crônicas de Gelo e Fogo), a trilogia *Jogos Vorazes* e *Crepúsculo*;

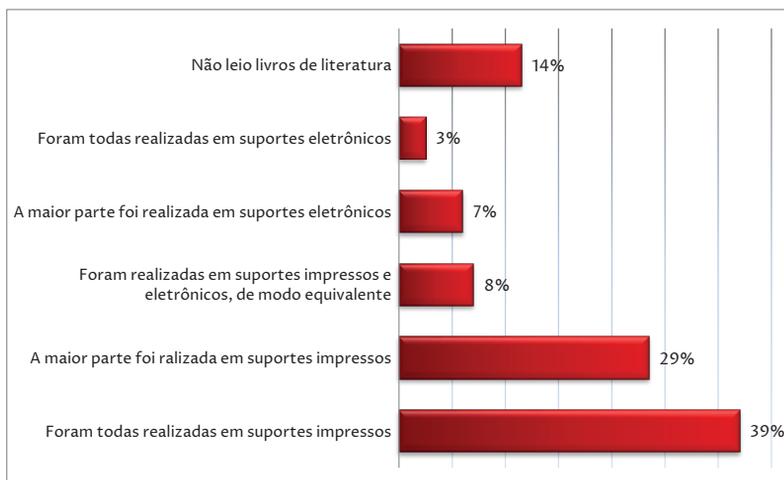
- uma vez que o questionário possibilita a participação de usuários que têm acesso a livros de maneiras outras que não por meio do acervo da biblioteca escolar, outros títulos surgem em posição de importância, como os livros do americano John Green: *A culpa é das estrelas*, *Quem é você Alaska?* e *O teorema de Katherine*;
- também indo ao encontro do já identificado nas análises documentais, há menção recorrente à saga *Harry Potter*;
- surgem títulos não localizados rotineiramente no mercado, mas facilmente identificados em comunidades virtuais de escritores, na forma de *fanfics* ou obras originais, como os títulos da brasileira Deby Incour³⁹: *Um romance em Paris* e *Uma babá nada sexy*;
- destaca-se também a ocorrência significativa de menção a títulos da literatura brasileira, principalmente *Capitães da Areia*, *Dom Casmurro* e *Vidas Secas*.

Ao cotejar os achados até o momento, mesmo considerando as limitações de acesso a certos títulos, por não estarem disponíveis na biblioteca, verifica-se uma similaridade no perfil que se pode traçar a partir dos dados levantados. A presença marcante de títulos de origem norte-americana nos dois levantamentos (análise documental e questionário) é um dos sinalizadores dessa aproximação.

O Gráfico 15, a seguir, ilustra em quais suportes foram realizadas as leituras recentes mencionadas pelos participantes da pesquisa.

³⁹ <https://www.wattpad.com/user/debyincour>

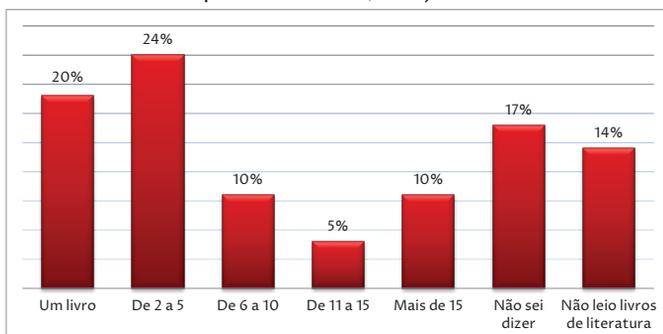
Gráfico 15 – Leituras literárias relacionadas aos suportes nos quais foram realizadas



Fonte: elaborado pela autora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

O suporte impresso está presente na realização da maior parte das leituras, entretanto, percebe-se que os leitores conhecem e têm contato com outras mídias, nas quais realizam leituras literárias. Essas experiências passam a ser então quantificáveis, tanto quanto as práticas relacionadas ao impresso, o que pode ser verificado no exposto no Gráfico 16, que apresenta as respostas relativas à quantidade de livros eletrônicos de literatura que já foram lidos pelos usuários.

Gráfico 16 – Quantos livros ELETRÔNICOS de LITERATURA, aproximadamente, você já leu?

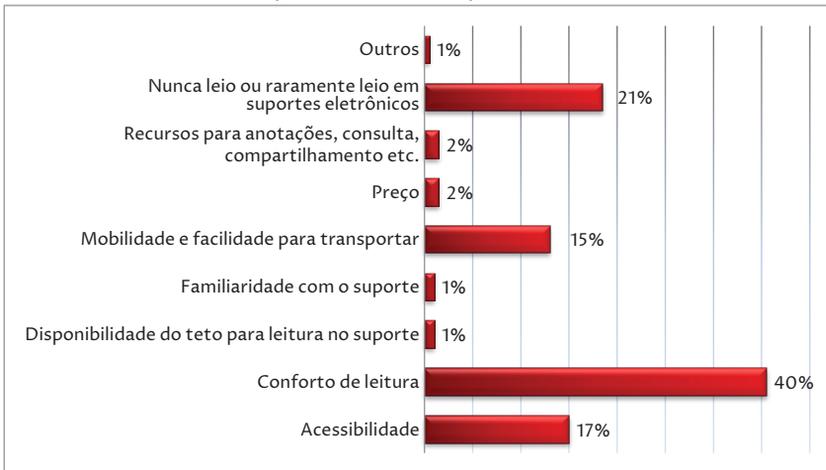


Fonte: elaborado pela autora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Certo é dizer que, com exceção dos que declararam não ler livros de literatura, os demais respondentes já tiveram experiência de leitura em suportes eletrônicos. Se essas foram suficientes ou mesmo já fazem parte da rotina dos leitores, não é possível afirmar, pois para cada sujeito há um ritmo de consumo de leitura, que afetará e poderá determinar as representações que os usuários terão desse tipo de texto e dos respectivos suportes utilizados. Para se compreender melhor a aceitação de tal suporte, talvez fosse necessário considerar quantos livros eletrônicos foram lidos num determinado intervalo de tempo cotejando tal informação com o quantitativo médio de leitura de um indivíduo.

Outro questionamento realizado foi relativo aos critérios relevantes na hora de escolher o suporte eletrônico para leitura, ou seja, o que mais importa na busca de um suporte. As respostas podem ser visualizadas no Gráfico 17.

Gráfico 17 – (Procad) Na hora de escolher o suporte ELETRÔNICO para sua leitura, quais critérios são importantes?



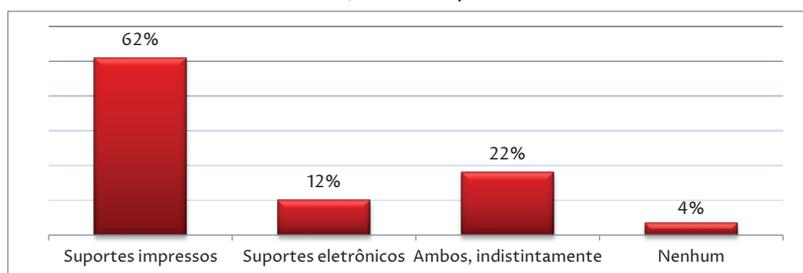
Fonte: elaborado pela autora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Acima de qualquer outro critério de escolha identifica-se a busca de “conforto de leitura” (40%), o qual pode estar relacionado com

situações como a de conforto visual, por vezes limitado se considerada a luminosidade típica das telas de vários suportes eletrônicos. Acessibilidade (facilidade de se obter) e mobilidade (facilidade de transportar), porém, também se mostram importantes para os leitores.

O Gráfico 18 mostra o posicionamento geral dos respondentes quando são perguntados, diretamente, sobre a preferência de um suporte para leitura, se impresso ou eletrônico.

Gráfico 18 – (Procad) Qual o seu suporte favorito de leitura?



Fonte: elaborado pela autora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Sobressai-se a opção pelo suporte impresso, com 62% de predominância. Os 22% que indicam não haver preferência não desabonam o formato tradicional, mesmo que tais participantes estejam inseridos numa comunidade que tem contato e conhecimento, em níveis variados, dos usos de dispositivos eletrônicos contemporâneos, também voltados à leitura.

Querendo exemplificar situação similar, apresenta-se o caso de publicação feita na página do Facebook, “Eu amo leitura”⁴⁰, que perguntava aos seus seguidores, sujeitos inseridos digitalmente, qual seria o suporte de leitura preferido (QUAL..., acesso em 26 ago. 2015): das primeiras 700 postagens de resposta, somente 31

⁴⁰ Trata-se de uma página temática do Facebook que, embora não tenha sido criada e direcionada a leituras literárias, tem nesse segmento a base para a maior parte de suas publicações e comentários.

afirmavam preferir ambos os suportes e 10 escolheram o eletrônico. Os comentários se repetiam em relação ao apelo sensitivo do impresso, havendo várias afirmações sobre nada se comparar ao cheiro, ao contato físico e ao relacionamento corporal mais direto com esse tipo de objeto.

A manifestada preferência dos alunos pesquisados pelo impresso e o exemplo das postagens da página “Eu amo leitura”, também voltadas para essa mesma escolha, vão ao encontro do disposto por Chartier (2010, p. 63) ao afirmar que:

[...] Continua existindo uma profunda brecha entre a obsessiva presença da revolução eletrônica nos discursos e a realidade das práticas de leitura, que continuam estando, em grande medida, apegadas aos objetos impressos e que não exploram senão parcialmente as possibilidades oferecidas pelo digital.

Focando-se novamente nas respostas dadas pelos participantes do Estudo de Usuários da biblioteca do campus São Mateus, demonstra-se no Quadro 4 uma visão condensada das justificativas pelas escolhas dos suportes favoritos.

Quadro 4 – Qual o seu suporte favorito de leitura? Aponte o motivo de sua preferência.

OPÇÃO DE RESPOSTA	PANORAMA DAS RESPOSTAS SUBJETIVAS
Ambos (impresso e eletrônico) indistintamente (22% - 36 usuários)	<ul style="list-style-type: none"> ● 20 dessas respostas apresentaram reais motivos de preferência pelos dois tipos de suporte, seja exaltando as qualidades inerentes a cada um dos tipos (mobilidade, aspectos sensitivos dos impressos, acessibilidade) ou igualando-os em importância enquanto veículo do conteúdo que os interessa. ● Os demais ou manifestaram-se de forma contraditória à resposta, enaltecendo as qualidades de um ou outro suporte, especificamente, ou constituindo-se de afirmações que não iam ao encontro do solicitado.
Nenhum (4% - 7 usuários)	<ul style="list-style-type: none"> ● 4 respostas não iam ao encontro do solicitado e as 3 restantes foram: “Nenhuma pois eu não leio nenhum tipo de livro”; “Prefiro video game”; “Não sei ler, sou semianalfabeto, só sei ler imagens”.

<p>Suportes eletrônicos (12% - 20 usuários)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● 16 dessas respostas trouxeram como motivos da preferência do suporte eletrônico algumas características apresentadas antes, quando discutida a questão da influência do ambiente na escolha do suporte, tais como: <ul style="list-style-type: none"> ○ Mobilidade: “Posso carregar diversos livros ao mesmo tempo em um único aparelho”; “Facilidade de locomoção”; “Facilidade de transporte”. ○ Acessibilidade: “Facilidade, uma vez que na atual conjuntura, faço várias leituras”; “Facilidade de acesso a vários livros”. ● Algumas respostas denotaram confusão em relação ao que seria um suporte e um texto eletrônico, dizendo dos pontos positivos da leitura eletrônica;
<p>Suportes impressos (62% - 102 usuários)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● 13 dessas respostas não apontavam motivos, apenas reafirmavam a preferência pelo impresso; ● 1 respondente deixou claro que somente preferia o impresso por não possuir um eletrônico para comparação; ● Outro respondente disse apenas não ter interesse em suportes eletrônicos; ● As fundamentações apontadas nas demais respostas enalteciam uma ou mais características inerentes ao suporte impresso, de acordo com a avaliação dos respondentes, como: <ul style="list-style-type: none"> ○ Segurança (2 menções): “... posso carregar em qq lugar com menor risco de ser assaltada”; “Pois não há dificuldade de locomoção e perigo de ser roubado”. ○ Acessibilidade (4 menções): “Acessibilidade à qualquer momento”; “Prefiro ter o material em mãos e assim facilitando o acesso e leitura não me deixando dependente de outros meios”. ○ Mobilidade (9 menções): “O suporte impresso permite maior mobilidade e um contato maior entre o leitor e a obra”; “Facilidade para levar o material para vários ambientes.”; “Suportes impressos são mais fáceis de transportar e mais confortáveis de ler”. ○ Hábito e/ou tradição (10 menções): “Minha geração é da era do papel e giz”; “Sou romântica”; “Pois não vejo graça nenhuma em ler livros de suportes eletrônicos. O respeito voltou”. ○ Maior concentração na leitura (11 menções): “Interação e concentração mais fácil”; “Me concentro melhor usando o suporte impresso”; “Eu prefiro o livro na mão do que ele no computador, pois desvio muito a atenção”; “Prende mais a atenção do leitor, diferente dos recursos digitais”. ○ Sensação tátil/olfativa (25 menções): “Prefiro segurar o livro, admirar a capa e manusear as folhas”; “Há uma sensação de relacionamento direto com o texto e sua totalidade, ir de uma página a outra é algo que se dá de forma dinâmica”; “É melhor, e tem o cheirinho de livro novo, que não tem no suporte eletrônico”; “Por meio do suporte impresso, consigo ter acesso ao que estou lendo, integralmente: posso tocar, cheirar, manusear diretamente. Enfim, é possível sentir o livro e seu conteúdo” ○ Conforto (43 menções, sendo 22 especificamente conforto visual): “A leitura em meio eletrônico é cansativa”; “Eletrônico me causa dor de cabeça”; “Sinto minhas vistas cansadas quando leio em suportes eletrônicos”; “Não cansa os olhos”.

Fonte: elaborado pela autora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Observando as motivações dos usuários que preferem os suportes impressos, duas demandas são mais exponenciais: a necessidade de ser propiciado conforto ao leitor (principalmente o visual) e a manutenção de uma “relação” de satisfação decorrente do toque, do cheiro e do formato apresentado pela unidade do livro impresso, como se o despertar de sensações táteis e olfativas fossem tidas como complementares para a garantia de compreensão do texto, residindo também nesse pressuposto a importância de se observar a materialidade que permite que os textos circulem, indo ao encontro do que diz Chartier (1999b, 2010).

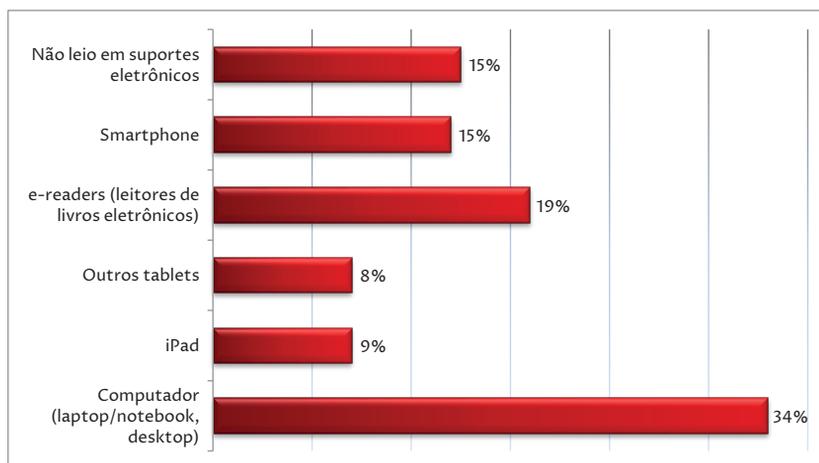
Não que os suportes para os textos eletrônicos não possam ser observados enquanto objetos culturais, mas o distanciamento entre texto e leitor, que é característico dessa tecnologia, pode ser motivo da resistência de alguns leitores em fazerem seu uso, pois afasta-se da representação já solidificada da fisicalidade do livro, como exposto por Baron (2015, p. 133, tradução nossa):

Outras diferenças envolvem as formas como nos engajamos mentalmente com o que está dentro [do livro]. A disparidade mais acentuada entre livros tradicionais e *e-books* é se o conteúdo está fisicamente na mão ou se permanece longe das vistas. Mesmo um livro fechado se insinua em nosso pensamento, exibindo sua capa, seu peso, sua forma. Um *cartoon do New Yorker*⁴¹ nos lembra de quão poderosa a presença física de um livro pode ser. Dois homens estão sentados na praia. Um vira para o outro e diz: “Eu me cansei de ‘Moby Dick’ zombando de mim da minha estante, então eu o coloquei no meu Kindle e não tenho pensado nele desde então”. [...] Os livros eletrônicos vivem fora da vista e fora da mente. Mas os livros impressos têm corpo, presença.

Voltando-se especificamente aos suportes eletrônicos, perguntou-se qual desse tipo de suporte seria o favorito dos usuários para a leitura literária, cuja totalidade das respostas encontra-se ilustrada no Gráfico 19.

⁴¹ Cartoon de William Haefeli, disponível em: <http://www.newyorker.com/magazine/2012/09/03/teen-titan>.

Gráfico 19 – Considerando somente os suportes ELETRÔNICOS, qual seria o seu favorito para a leitura LITERÁRIA?



Fonte: elaborado pela autora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

A maior parte dos respondentes optou pela leitura feita no computador (34%). Entretanto, considerando-se que a maioria dos participantes manifestou clara preferência pelos impressos, poderia ser argumentado que estes tenham optado por não experimentar uma variedade de suportes eletrônicos, atendo-se à opção de suporte que lhes fosse mais familiar. Nessa perspectiva, não se pode desvalorizar os 19% de optantes pelos leitores de livros eletrônicos que, habitualmente, apresentam tela com controle de luminosidade, oferecendo mais conforto à leitura, o que parece ser, ao fim, um dos maiores interesses dos leitores. Esse quantitativo também se aproxima daqueles 22% de respondentes que afirmaram preferir os suportes textuais eletrônicos aos impressos.

Ao final do terceiro bloco de perguntas, foi solicitado que os respondentes indicassem um livro de literatura que o tivesse interessado/sensibilizado em particular, devendo também oferecer uma justificativa para tal, o que resultou no seguinte cenário:

- 20% das respostas foram invalidadas (20 confirmações de que o usuário não lia literatura e 13 constituíam-se de informações que fugiam ao contexto);

- 27,9% das respostas não apresentavam justificativas (um dos respondentes chegou a manifestar dúvida se o título que indicava era realmente “literatura”, uma obra de ficção Norte-Americana);
- 6,7% das respostas apresentavam resumo do livro (em alguns casos se tratavam de cópias da internet) ao invés de uma justificativa pela escolha;
- 1,8% dos títulos indicados não eram de literatura;
- 43,6% dos respondentes apresentaram efetivamente justificativas para a escolha dos títulos que informaram, sendo possível categorizar as motivações de preferência da seguinte forma:
 - ◆ **Identificação com o autor** (2 menções): respondentes justificaram a indicação dos títulos por gostarem dos trabalhos dos autores;
 - ◆ **Tema interessante** (15 menções): “O Caçador de Pipas, pois mostra a realidade de uma outra cultura e a inocência das crianças”; “O Segredo de Jasper Jones - Craig Silvey, é um livro cativante, com uma temática adulta e com discussões sobre o comportamento da sociedade atual e a do século passado, intercalando com críticas quanto aos preconceitos por raça ou aparência”; “Vidas Secas, por ser um livro que retrata a vida no Nordeste”.
 - ◆ **Identificação com experiência pessoal e/ou emocional** (17 menções): “Indico o livro Poliana⁴², escrito por Eleanor H. Porter, pois é um livro que me ajudou a superar as dificuldades da vida, me fazendo sempre procurar o lado bom de tudo”; “Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres, - Clarice Lispector. Esse livro foi muito importante pra mim, pois eu me identifiquei muito com ele na minha busca de quem sou eu e de como ser mulher, no momento que eu estou na minha vida (de transição para a faculdade).”; “A moreninha. Joaquim M. de Macedo. Porque foi o primeiro livro que eu ganhei, (da minha tia) e que eu me lembro de ter lido porque eu quis,

⁴² A grafia correta do título do livro é: *Pollyanna*.

sem ser trabalho de escola e na época eu adorei a história romântica”.

- ♦ **Trama interessante/envolvente** (39 menções): “Julietta - Anne Fortier. O livro é envolvente, com cenas românticas e de ação, prendendo a atenção a todo instante”; “O Código da Vinci, Dan Brown. Um dos melhores livros que eu já li. Conta com informações verídicas e fictícias, mas me despertou interesse pois o autor faz com que todo o enredo prenda o leitor à história e tem um final surpreendente”; “Capitães da Areia, de Jorge Amado. Já faz bastante tempo que o li, duas vezes. A forma como o autor ele relata a vida de cada um dos personagens, menores de rua, é muito fascinante, fazendo com que você termine a leitura e descubra se cada um deles alcançou seus sonhos e desejos”.

A quantidade de respostas invalidadas e sem justificativas condizentes ao solicitado frustraram um pouco a intenção de traçar um quadro mais apurado em relação às representações da leitura literária própria de cada usuário ao escolher um título específico que o tivesse interessado. Contudo, foram esclarecedoras as informações dispostas pelos demais usuários.

No âmbito das representações, é possível dizer que os leitores participantes desse Estudo de Usuários buscam certas especificidades nos livros que leem, aqui manifestadas nas categorizações atribuídas em prol desta pesquisa (identificação prévia com o autor, tema interessante, identificação com experiência pessoal e/ou de cunho emocional e trama envolvente).

A atribuição de significados à leitura levará, então, às apropriações específicas, influenciando nas práticas inerentes à aquisição e à busca de novas leituras, como no caso dos leitores que indicaram livros por já terem construído uma “relação” com o estilo autoral.

O fato de que leitores tenham indicado títulos que tenham influenciado sua vida de algum modo, ensinado alguma coisa, leva à uma compreensão de literatura como uma extensão da própria vida,

uma representação da verdade própria de cada um. O que também poderia ser dito daqueles que destacaram como justificativas de suas preferências algum detalhe relativo à trama, seja nos modos de construção, nas inserções de assuntos que são relevantes ao leitor, ou no entrecruzamento dessas e outras características, pois, ao fim, tais usuários buscam algo com o que se indentifiquem em certa medida, tendo como consequência a determinação de certas práticas de consumo literário. Sobre essa possibilidade de representação do real a partir da literatura, afirma Eco (2003, p. 14-15):

[...] o mundo da literatura é tal que nos inspira a confiança de que algumas proposições [no âmbito da literatura] não podem ser postas em dúvida; que ele nos oferece, portanto, um modelo, imaginário tanto quanto se quiser, de verdade. [...] O mundo da literatura é um universo no qual é possível fazer testes para estabelecer se um leitor tem o sentido da realidade ou é presa de suas próprias alucinações.

No cômputo geral de títulos indicados, em comparação com as análises de relatórios de empréstimos e com os dados provenientes de questões do Estudo de Usuários, a respeito dos títulos lidos pelos usuários nos últimos três meses, confirma-se a preferência pelo consumo de Literatura Norte-Americana (53 menções), de títulos tais como: *A culpa é das estrelas*, *Quem é você Alaska?* e *Cidades de papel*, de John Green; *A cabana*, de William P. Young; *Fortaleza digital* e *O código Da Vinci*, de Dan Brown; *As vantagens de ser invisível*, de Stepehn Chbosky; *The walking dead*, história em quadrinhos (*comic book*), de Robert Kirkamn; *Um homem de sorte* e *Querido John*, de Nicholas Sparks; e outros.

A maior parte dos títulos mencionados já foram adaptados para o cinema e/ou televisão, podendo dizer que estão inseridos numa proposta de narrativa transmidiática (JENKINS, 2009), a qual, de acordo com Gabriela Oliveira (2013, p. 185), favoreceria a leitura entre adolescentes, ocupando, relativamente, o imaginário desse público no que diz respeito às adaptações que dão condições de existência às diferentes versões em diferentes mídias.

Diferentemente dos levantamentos mencionados anteriormente, nessa questão, ocuparam o segundo lugar em quantidade de menções (38) os livros de Literatura Brasileira, com os seguintes títulos: *Um aprendizado ou o livro dos prazeres* e *A hora da estrela*, de Clarice Lispector; *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* e *Capitães da Areia*, de Jorge Amado; *O auto da barca do inferno*, de Gil Vicente; *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubras*, de Machado de Assis; *O vendedor de sonhos*, de Augusto Cury; e outros.

Em relação aos títulos indicados, chamou atenção o fato de ter havido recorrência de menção ao título *O auto da barca do inferno*. Embora os respondentes não tenham informado sobre a forma da leitura do texto, originalmente escrito em português arcaico (disponível nessa versão na biblioteca do campus São Mateus), foi a fala de um dos usuários que levou a uma possível compreensão dos motivos dessa leitura específica, na qual afirma-se o interesse pelo título em decorrência da realização de uma apresentação teatral de versão da história, como atividade acadêmica da disciplina de Língua Portuguesa e Literatura, ou seja, a adaptação suscitou a curiosidade dos leitores que, de alguma forma, apropriaram-se do enredo, identificando espaços de diálogos entre o representado e as realidades por eles vividas.

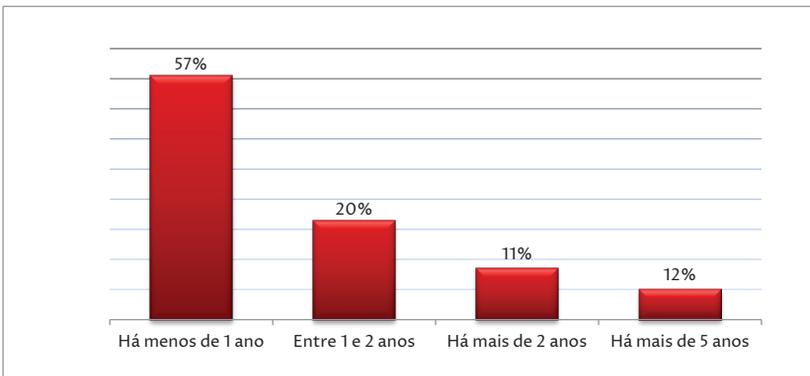
Destacaram-se também os títulos *Dom Casmurro* (6 menções), cujas justificativas apontam para a classificação da trama como interessante, e *Capitães da Areia* (5 menções), o qual somente um usuário soube explicar a preferência (os demais escreveram resumos), havendo uma experiência pessoal relacionada. Essa apresentação não permitiu maiores inferências a respeito da peculiaridade dessas escolhas de títulos nacionais.

A Literatura Inglesa (incluindo países diversos que falam a mesma língua, com exceção dos Estados Unidos da América) também teve boa representação (16 menções), estando presentes títulos já mencionados anteriormente, como: *As crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis; *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak; *O Senhor dos anéis*, de J. R. R. Tolkien; a saga *Harry Potter*, de J. K.

Rowling, e outros. Todos os títulos mencionados tendo sido adaptados para o cinema ou recebido algum outro tratamento de narração transmidiática.

Uma vez exploradas as situações de preferência dos usuários, pediu-se que, complementarmente, informassem qual tinha sido o tipo de suporte que propiciou a leitura dos títulos que, de certa forma, marcaram o público pesquisado, e, também, quando teriam realizado a primeira leitura destes. Nesses moldes, 84% dos declarados leitores de leitura literária disseram terem lido os títulos indicados num suporte impresso e 16% no suporte eletrônico (porcentagem de amostragem na qual já estavam excluídos os não leitores). No Gráfico 20 é possível perceber o cenário final em relação a quando foram realizadas as leituras.

Gráfico 20 – (Procad) Quando o leu pela última vez?



Fonte: elaborado pela autora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Reforçando que a maior parte dos usuários potenciais da biblioteca do campus São Mateus é constituída de adolescentes e de jovens, situação essa que se repete na amostragem de respondentes do Estudo de Usuários, diria o senso comum que as leituras literárias desse público seriam realizadas em maior quantidade nos suportes eletrônicos, por tal segmento etário já estar inserido de modo mais orgânico no mundo tecnológico. Os dados coletados, porém, mostram que tal premissa não vai ao encontro da realidade

dessa comunidade, pois, não somente a maioria dos participantes da pesquisa declarou optar pelo suporte impresso, como parte maior ainda registra que suas leituras mais marcantes foram feitas no mesmo tipo de suporte.

Essas práticas não se distanciaram no tempo, ao contrário, 57% delas aconteceram tendo decorrido menos de um ano, contado a partir da data da resposta, o que faz que sejam suscitados questionamentos sobre essas experiências e consequentes apropriações de textos literários no formato impresso, pois o mercado do livro eletrônico não é incipiente, tendo experimentado forte crescimento nos últimos cinco anos (PROCÓPIO, 2010, 2013; BARON, 2015).

3.3 ENTRE RELATÓRIOS E QUESTIONÁRIO

A partir da análise dos relatórios de empréstimos e também das questões do Estudo de Usuários potenciais da biblioteca do campus São Mateus, consolidaram-se algumas nuances relativas ao perfil dos membros da comunidade interpretativa de leitores literários desse ambiente.

Dentro das possibilidades de equiparação de dados de análise, já que os relatórios de empréstimo se apresentam de forma mais limitada e não há neles qualquer possibilidade de abordagem relativa aos tipos de suportes pretendidos ou mais usados, diagnostica-se um segmento de leitores literários composto na maioria por adolescentes, com idade média para ingresso no Ensino Médio e por jovens, com limite de faixa etária até os 23 anos de idade. Outras faixas etárias se apresentam, mas em menor quantidade e por vezes identificando servidores e/ou alunos dos cursos Técnicos Concomitantes.

Tanto a predominância de usuários reais do gênero feminino quanto o maior quantitativo de empréstimos realizados por essas usuárias (ambos perceptíveis nos dados referentes aos dois biênios observados) vão ao encontro do perfil do leitor brasileiro na atualidade, o qual indica que as mulheres leem mais do que os homens, fato apresentado nos achados das duas últimas edições da

pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2008, 2012). Entretanto, seja nos relatórios de empréstimo ou nos dados do Estudo de Usuários, não se identifica proeminência de gêneros literários direcionados ao gênero feminino, tal como os títulos considerados *Chick literature*⁴³, pois as ocorrências de empréstimos e manifestações de títulos lidos abordam temas diferenciados e, por vezes, com temáticas que um ou outro poderia dizer ser, erroneamente, “livros para garotos”, como as sagas bélicas, nas quais são facilmente enquadradas as *Crônicas de gelo e fogo*, muito procuradas por leitores e leitoras.

No que se refere ao suporte, é notório que há amplo conhecimento dos diferentes suportes para o livro eletrônico, todavia, de alguma forma, a representação de leitura literária dessa comunidade está marcadamente relacionada ao impresso, do qual se apropriam de forma orgânica, sendo os sentidos somados ao ato de decodificação dos signos para complementação da experiência de leitura. Esta se constitui de práticas de envolvimento corporal mais amplo, em busca da percepção do tato, das formas e dos jeitos, indo ao encontro do que descreve Sutherland (2014, p. 74, tradução nossa) sobre o envolvimento corporal e os usos do impresso, doravante:

O livro impresso já dura há mais de 500 anos. [...] Mas encontra-se o livro no final de sua vida, no século XXI? Será que o e-book assumirá o seu lugar, como o códex assumiu o lugar do rolo de papíro? Ninguém sabe ao certo. Mas algum tipo de coexistência parece provável. Há algo maravilhosamente físico sobre o antigo suporte. Você usa suas pernas para caminhar até a prateleira, seus braços para pegar o volume, o polegar e o dedo indicador para virar a página. É um envolvimento corporal que você não sente com um Kindle ou iPad. Meu palpite é que a “sensação” (o toque, e até mesmo o cheiro) do livro impresso vai continuar a dar-lhe um lugar duradouro – se não necessariamente o primeiro lugar – no mundo da literatura por algum tempo ainda por vir.

⁴³ Ferris e Young (2006, p. 12, tradução nossa) afirmam que “Chick lit é simultaneamente ficção sobre e para a ‘nova mulher’, a leitora contemporânea de nossa cultura pós-feminista, e uma nova ‘ficção de mulheres’, uma forma de literatura popular (em grande parte) escrita por mulheres para um público feminino”.

A preferência pelo uso do impresso para leitura de literatura, identificada como prática comum da comunidade pesquisada, encontra identificações com a realidade de outros países, como evidenciado nos dados da pesquisa “*American University Reading Habits Project*”, conduzido por Baron (2015), entre os anos de 2010 e 2013. Além disso, esses dados fazem uma comparação dos hábitos de leitura de estudantes universitários norte-americanos, com faixa etária entre 18-27 anos, com estudantes de mesmo perfil provenientes do Japão e da Alemanha. Na Tabela 3 encontram-se alinhados alguns resultados da pesquisa mencionada, relativos aos suportes utilizados ou preferidos para leitura voltada ao lazer.

Tabela 3 – Suportes para leitura: preferências e usos efetivos - dados da pesquisa “*American University Reading Habits Project*”.

SITUAÇÕES DE LEITURA	SUPORTE	PAÍS		
		ESTADOS UNIDOS	JAPÃO	ALEMANHA
Releitura para fins de lazer (preferência)	Impresso	67%	47%	69%
	Digital	18%	24%	1%
	Igual	15%	29%	30%
Leitura para fins de lazer (efetivas)	Impresso	73%	76%	69%
	Digital	27%	24%	31%
Leitura de texto longo para fins de lazer (preferência)	Impresso	85%	74%	88%
	Digital	15%	26%	12%

Fonte: elaborado pela autora a partir de compilação de dados de Baron (2015).

Respaldando-se na possibilidade de que, nas leituras realizadas para lazer, sobre as quais Baron (2015) direciona alguns de seus questionamentos, estejam incluídas as leituras literárias, seria então pertinente dizer que a situação de preferência pelo uso do impresso nesses diferentes espaços, e também no lócus da presente pesquisa, vem confirmar que as representações de leitura contemporâneas se encontram, ainda, firmemente associadas à práticas que requerem contato com o que há de material no livro.

Outro importante ponto foi a identificação de uma comunidade de leitores que prefere a leitura de títulos literários estrangeiros (principalmente as Ficções Norte-Americanas) e se insere numa proposta de convergência cultural midiática (JENKINS, 2009), demonstrando-se consumidoras, não unicamente de livros literários, mas apropriando-se, por vezes sem perceber, das narrativas transmídia já estabelecidas, frutos de tal convergência.

Essa preferência acentuada por literaturas estrangeiras em detrimento das obras brasileiras, que são valorizadas e destacadas no currículo escolar, não deve ser desmerecida, mas quiçá ser utilizada como fonte de diálogo, como afirma Pin (2014, p. 198), ao dizer das dificuldades de se trabalhar o conteúdo de Literatura no Ensino Médio com jovens que optam pelos best-sellers:

Acredita-se que a abordagem do texto literário de acordo com uma concepção interacionista, em que o aluno seja sujeito das aulas, dialogando o texto literário com outros textos, possa consistir num processo mais eficaz quanto ao desenvolvimento do componente curricular “Literatura”, no Ensino Médio. Nesse diálogo, o aluno tem a oportunidade de socializar seu mundo e conhecer outros. Um diálogo aberto, construído com a interação de alunos, professores, textos e contextos. Portanto, o estudo sistematizado de Literatura, no Ensino Médio, requer aulas que não se esgotem nas lacunas da periodicidade literária, tampouco na linguagem distante de alguns textos, mas que se tornem vivas no diálogo com outros textos, mais próximos dos alunos, os quais diminuem a distância destes com algumas obras, tão importantes para a cultura e memória do povo.

Tal constatação traz à tona o papel da biblioteca escolar, que pode contribuir ativamente nas atividades de planejamento do ensino de Literatura, seja ouvindo alunos e professores, no intuito de formar acervos que atendam aos anseios desses dois segmentos, ou promovendo estudos de usuários com regularidade, de modo a prover os profissionais envolvidos com educação literária com informações que venham a dinamizar as suas atuações.

Não menos importante foi a verificação de que os usuários participantes da pesquisa demonstram ter uma representação intimista

da literatura, atribuindo significado às suas leituras na medida em que essas vão ao encontro de assuntos que lhe são caros ou de interesse e, algumas vezes, usando as experiências de leitura como um contraponto para a própria vida, mesclando ficção e verdade, apropriando-se do mundo ficcional talvez em busca de um ambiente propício ao acolhimento, como no exemplo trazido por Jenkins (2009, p. 246) sobre as possibilidades de inclusão dos jovens leitores no mundo de *Harry Potter*:

O universo de Rowling, rico em detalhes, permite vários pontos de acesso. Algumas crianças se imaginam parentes dos personagens principais, como Harry Potter e Snape, claro, mas também de figuras menos importantes – os inventores das vassouras do quadribol, os autores dos livros didáticos, os chefes de agências citadas, colegas de classe dos pais de Harry, qualquer associação que lhes permita reivindicar um espaço especial para si mesmas na história.

A comunidade estudada tem práticas delineadas, demonstrando possuir uma visualização do real, no que se refere à literatura, de forma particular e não esperada, se a base de comparação traçada for o que se espera de uma comunidade jovem contemporânea dita digitalmente “inserida”. Nessa comunidade interpretativa, como qualquer outra, as relações de prática, representação e apropriação estão interligadas e são interdependentes (CHARTIER, 1990), sendo que a percepção de leitura literária de cada sujeito, como indivíduo, também sofrerá interferências da compreensão do interesse compartilhado pelo todo, e vice-versa.

Até então, os dados analisados propiciaram compreensões das práticas dos alunos, mas conjuntamente trouxeram à tona vozes de servidores que constituem o corpo de usuários potenciais da biblioteca do campus São Mateus, mesmo que em menor escala, já que constituem porção de pouca expressão na comunidade como um todo. No próximo capítulo, faz-se um detalhamento de atividade de coleta de dados complementar, um grupo focal, que teve como fito principal tentar identificar mais claramente representações possí-

veis de suportes de leitura contemporânea por parte de sujeitos alunos da instituição pesquisada.

4 GRUPO FOCAL: FALAM OS LEITORES

Os achados provenientes da pesquisa documental (análise dos relatórios da biblioteca) e do questionário, aplicado no Estudo de Usuários da biblioteca do campus São Mateus, lançaram luz sobre vários questionamentos a respeito das práticas de leitura literária dos usuários dessa unidade informacional, assim como permitiram um vislumbre das formas de apropriação de literatura desses leitores. Entretanto, pensou-se na realização de atividade complementar de coleta de dados, sob formato de grupo focal, pautada na aproximação maior de alguns usuários, com intuito de melhor compreender as representações relativas aos suportes de leitura contemporâneos utilizados para efetivo consumo de textos literários, indo ao encontro do exposto por Veiga e Gondim (2001, p. 8), quando afirmam que o grupo focal, “como técnica de pesquisa qualitativa, apresenta-se como uma possibilidade para compreender a construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos acerca de um tema específico”.

Essa atividade foi realizada com auxílio de uma mediadora⁴⁴ com conhecimento teórico e prático sobre grupos focais, que também participou do planejamento e construção do roteiro das discussões do procedimento, o qual foi estruturado em acordo com as orientações de Krueger (2002) e de Veiga e Gondim (2001).

⁴⁴ A bibliotecária Maristela Almeida Mercandeli Rodrigues, mestre em Gestão Estratégica pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, atualmente responsável pela biblioteca

Os participantes, alunos, foram previamente selecionados, com base no rol de respondentes do Estudo de Usuários da biblioteca do campus São Mateus, inicialmente priorizando os que declararam preferir os suportes eletrônicos para leitura literária. Entretanto, a pouca adesão a uma continuidade de participação na pesquisa levou ao convite de usuários com preferências outras. Oportunamente, todos os participantes do grupo focal eram provenientes do curso Técnico em Eletrotécnica (dois representantes do gênero feminino e três do gênero masculino), grupo com maior quantidade de representantes de usuários reais e potenciais da biblioteca, interessados em literatura literária.

As discussões tiveram lugar em instalações do campus São Mateus, no dia 3 de outubro de 2015. A escolha do local teve como propósito manter os participantes em um espaço ao qual já tivessem se ambientado, favorecendo uma participação mais natural nas discussões.

Como ação provocadora, realizou-se inicialmente um momento de leitura dos cinco capítulos primeiros do título literário de Ficção Brasileira: *O fazedor de velhos*⁴⁵, de Rodrigo Lacerda (2008, 2013), apresentado em cinco suportes textuais diferenciados, sendo um impresso e quatro outros eletrônicos, cujas características materiais encontram-se descritas na seção que trata dos materiais utilizados durante o grupo focal, uma vez que se tem conferido importância a elas ao utilizar o referencial da histórica cultural com ênfase na materialidade do livro e práticas de leituras (CHARTIER, 1990,

do Ifes – Campus Cariacica.

⁴⁵ “Rodrigo Lacerda [...] narra neste livro a passagem de Pedro para a vida adulta. O adolescente descobre que a vida pode não ser tão doce quanto a primeira paixão e encontra na literatura um caminho para buscar suas respostas. Mas o que torna *O Fazedor de Velhos* uma novidade do gênero é sua capacidade de reavivar a ternura e o afeto como sentimentos que também participam do processo de amadurecimento. Neste romance de iniciação, Rodrigo traça o retrato de um artista quando jovem. O personagem Pedro tem dúvidas sobre seus caminhos, o que o leva a pensar em desistir da faculdade de História. Eis que conhece Nabuco, um professor que o auxilia na difícil tarefa de se colocar no mundo. E por meio dos livros conhecerá a si mesmo. Sobretudo quando aparece Mayumi, por quem sentirá uma nova forma de amor” (COSACNAIFY, acesso em 27 nov. 2015).

1998b, 1999b, 2001, 2002b, 2002c, 2007a, 2010, 2011, 2014). A decisão de utilizar um livro impresso decorreu da premissa de que, embora seja uma tecnologia que remonte ao século XVI, o uso contemporâneo é amplo e conhecido, o que é confirmado pelos achados nos dados analisados até o momento, tendo também sido considerado pertinente ter um padrão de leitura concreta.

O título utilizado na atividade de leitura, *O Fazedor de velhos* (2008, 2013), foi laureado com os prêmios: Jabuti de Melhor Livro Juvenil e Melhor Livro Jovem pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ)⁴⁶. A obra pareceu ser apropriada ao público participante do grupo focal pelos seguintes motivos: a faixa etária na qual se enquadravam os prováveis participantes indicava, inicialmente, a possibilidade de interesse por títulos de literatura juvenil; as premiações atribuídas foram vistas como um critério de validação do título no que se refere à qualidade literária; os capítulos apresentavam extensão propícia à leitura que anteciparia a discussão sem que fosse dispendido muito tempo; existindo interesse por parte dos alunos em continuar a leitura, havia exemplar disponível na biblioteca do campus Ifes São Mateus; e o tema, relacionado às questões de práticas de leitura e formação do sujeito, que, em certa medida, ia ao encontro de questões que movem os interesses desta pesquisa, tais como a tentativa de conhecer como se portam, o quê e como leem os membros de determinada comunidade cultural.

4.1 SOBRE A MATERIALIDADE DOS SUPORTES

Pautando-se no que diz Chartier (2007a) a respeito das tensões inerentes ao processo de produção dos livros e como essas vão influenciar as relações do leitor com o texto, apresenta-se uma descrição dos formatos utilizados no grupo focal (impresso e eletrônico), assim como dos suportes para os textos eletrônicos, já que a mobilidade desse tipo textual é fluída, variando de acordo com o aparato tecnológico de que dispõe o leitor.

⁴⁶ Prêmios Jabuti e FNLIJ no ano de 2009. Em 2008 recebeu o prêmio Glória Pondé de Literatura Infantil e Juvenil pela Fundação Biblioteca Nacional. Distribuído pelo PNBE 2009.

O livro impresso

O exemplar impresso do título *O fazedor de velhos* (2008) utilizado é uma nona reimpressão da primeira edição publicada pela editora Cosac Naify, um livro de pequeno porte (dimensões: 16 x 23 cm; peso: 264g) e de fácil manuseio que apresenta miolo de 136 páginas arranjadas em cadernos colados a uma capa fosca, esta traz orelhas com texto de apresentação escrito por Antonio Prata. O projeto gráfico inclui seis ilustrações de autoria de Adrianne Gallinari, dispostas na capa e no decorrer do livro, contrastadas com a utilização de cor que marca as páginas iniciais dos capítulos, como pode ser verificado no conjunto de digitalizações que seguem dispostas na Figura 2. O papel utilizado para impressão foi o Alta alvura, com 90g/m² de gramatura.

A fonte selecionada para o texto é a *Swift*, cujo formato, tamanho e disposição espacial no impresso parecem favorecer a uma leitura que propicie conforto visual.

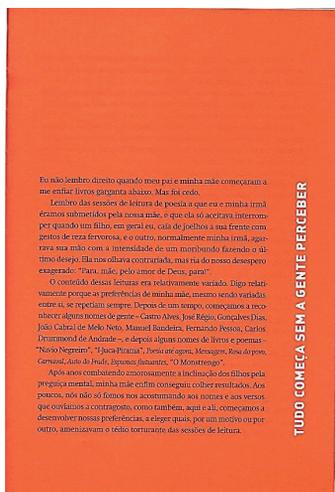
Figura 2 – Digitalizações de elementos (tamanho reduzido) do livro impresso “O fazedor de velhos”



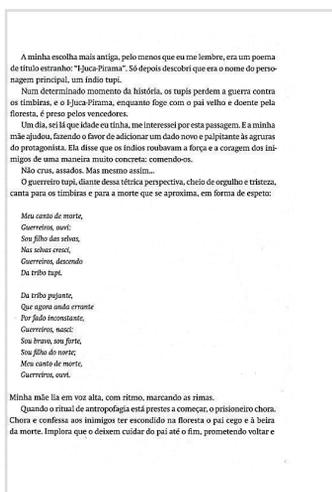
(a) Primeira capa



(b) Quarta capa



(b) Quarta capa



(d) Página subsequente ao início do capítulo

Fonte: digitalização de imagens de Lacerda (2008).

O livro eletrônico e os suportes disponibilizados para acesso

O *e-book* (*software*) utilizado (LACERDA, 2013), também de responsabilidade editorial da Cosac Naify, mantém a proposta do projeto gráfico, com os mesmos ilustradores, trazendo pequenas alterações, tais como: a apresentação das páginas de início de capítulos, que, na versão eletrônica, não tem mais texto, constituindo-se de uma imagem com a chamada do título da seção, como ilustrado nas imagens "c" da Figura 3, disposta na próxima página; não havendo mais quarta capa, o texto presente na versão impressa não se encontra em outro lugar na versão eletrônica.

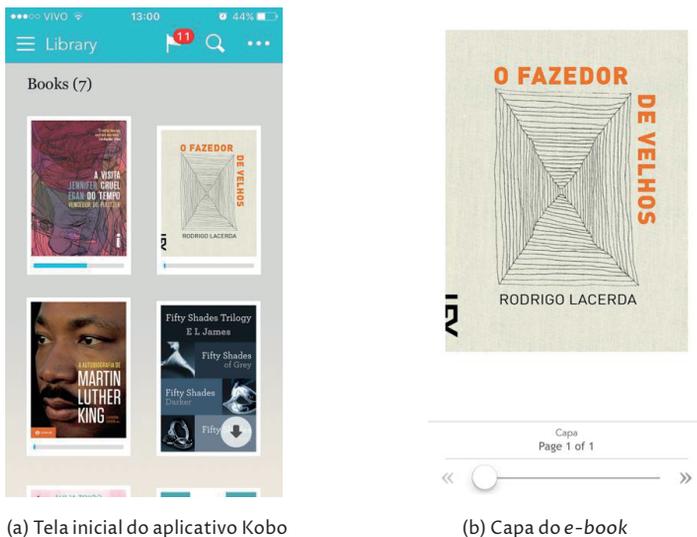
Tendo sido adquirido no ambiente virtual da Livraria Cultura, é passível de leitura tanto utilizando o *e-reader* Kobo, que é comercializado por essa empresa no Brasil, quanto o aplicativo Kobo Reader, o qual pode ser instalado em *smartphones*, em *tablets* e em computadores em geral. Complementa-se que a opção por esse local de compra e tipo de aplicativo deveu-se à possibilidade de visualização simultânea do mesmo título em vários dispositivos eletrô-

nicos, o que não é comum a todas as plataformas de comercialização de *e-books*.

Pensando nas características de um *e-book*, relativas ao *software*, abordadas por Procópio (2010, p. 26-27), observa-se que o *software* utilizado possui as seguintes funcionalidades: marcadores de página; bloco de anotações (com possibilidade de destaque de trechos); dicionário e busca por palavras, quando conectado em rede; ajuste de tipo e tamanho de fonte; ajuste de cor de fonte e de fundo de leitura, nos dispositivos que não utilizam tecnologia *E-ink*; base giratória de leitura, dependendo do suporte utilizado; acesso à livraria e biblioteca digital, serviços limitados à Livraria Cultura; compatibilidade com vários dispositivos, desde que por meio de utilização do aplicativo Kobo Reader. Algumas dessas características podem ser visualizadas na Figura 3, que apresenta telas do *e-book* *O Fazedor de velhos*, acessado com o aplicativo para iPhone.

Quanto aos *hardwares* (dispositivos/suportes de leitura), foram utilizados os que a pesquisadora já possuía, sendo: um *smartphone* e um *tablet* da Apple, um *e-reader* Kobo Glo e um *notebook* Sony, todos conectados à internet, cujas telas são ilustradas nas Figuras 3, 4, 5 e 6.

Figura 3 – Print screens de smartphone (iPhone) do *e-book* “O fazedor de velhos”

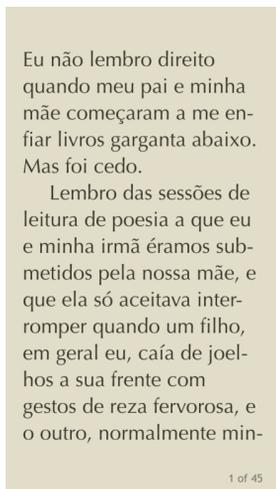




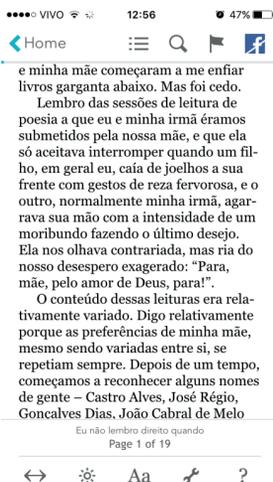
Tudo começa sem a gente perceber
Page 1 of 1



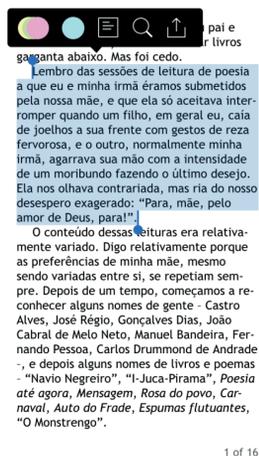
(c) Página de início de capítulo



(e) Exemplo de uma das opções de fonte (cor, tipo e tamanho) e fundo de tela



(d) Menus de configuração de tela, fontes, acesso à web (comunidade de leitores, Facebook). Apresentada no formato padrão do editor

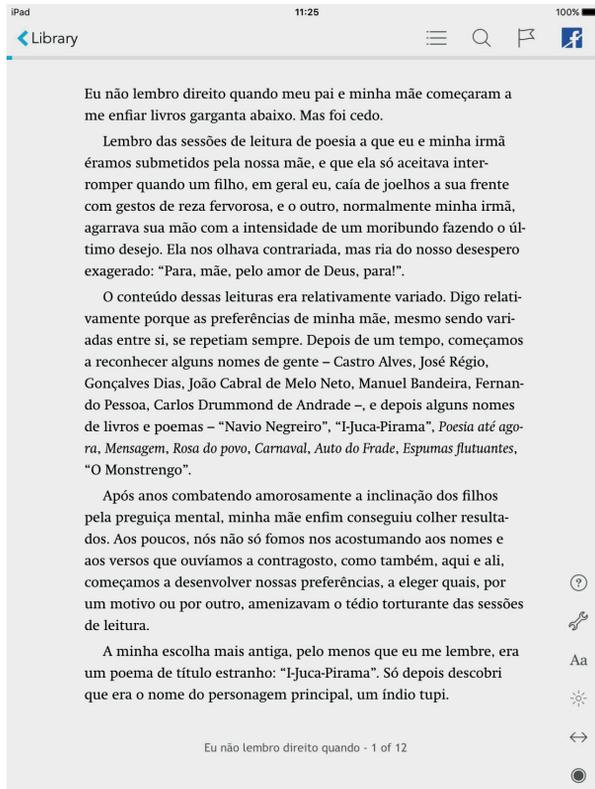


(f) Menu com ações marcação de trechos, busca on-line (dicionários, Google, Wikipedia) e opções de compartilhamento.

Fonte: captura de telas de Lacerda (2013).

O aplicativo de leitura utilizado no *tablet* possui quase as mesmas características e funções do *smartphone*, com a diferença de poder girar a base de leitura. A Figura 4 apresenta uma tela do iPad em tamanho real, na formatação de fábrica do *e-book*, na qual é possível perceber uma similaridade de apresentação com o impresso.

Figura 4 – Print screen de tablet (iPad) do *e-book* “O fazedor de velhos”



Fonte: captura de tela de Lacerda (2013).

A Figura 5 ilustra telas de leitura do Kobo Glo, que utiliza tecnologia *E-ink*, o que dificulta o registro da imagem das telas, cuja principal característica é a apresentação de textos e de imagens em tons de cinza, sem cores. Não possibilita mudar a base de leitura, mas, no geral, compartilha das demais funcionalidades relativas ao *software*.

Figura 5 – Fotos de telas do e-reader (Kobo) referentes ao e-book “O fazedor de velhos”



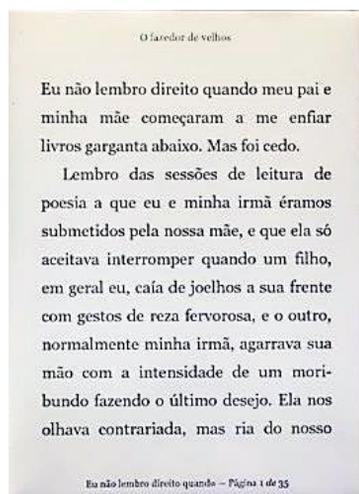
(a) Tela inicial do E-reader Kobo Glo



(b) Capa do e-book



(c) Página de início de capítulo



(d) Exemplo de página de texto

Fonte: captura de tela de Lacerda (2013) feita pela pesquisadora.

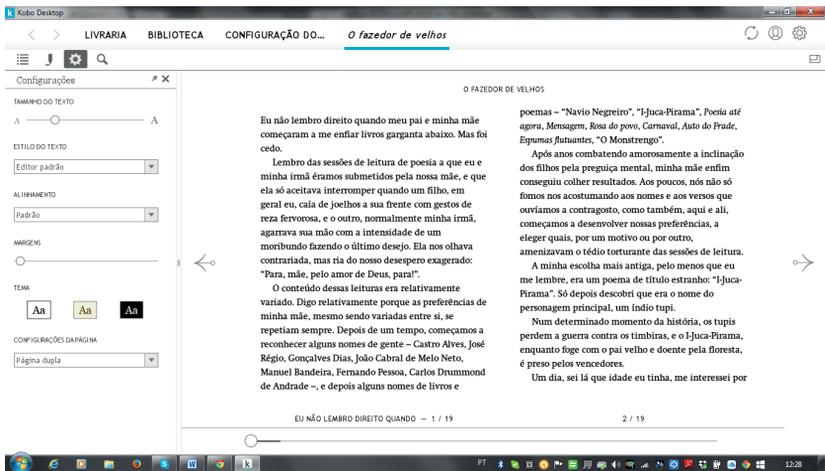
Nota: especificidades de apresentação da tinta eletrônica, recurso do e-reader Kobo Glo, não permitiram a captura de imagens com melhor resolução.

A Figura 6 traz uma tela de leitura do notebook, utilizando o aplicativo de leitura Kobo para PC, no qual o texto é exposto em colunas

(opção somente disponível nesse dispositivo). A coluna de configurações habilitada permite visualizar as opções de formatação de texto e tela disponíveis para os leitores.

Uma característica pontual de diferenciação desse suporte eletrônico, em relação aos outros, é o fato de ser necessário utilizar um *mouse*, ou mesmo o *mouse pad*, para transitar entre as telas, tornando maior o afastamento entre texto e leitor, enquanto os demais dispõem de tecnologia *touchscreen*.

Figura 6 – Print screen do aplicativo de leitura Kobo para PC, do e-book *O fazedor de velhos*



Fonte: captura de tela de Lacerda (2013).

Todas as telas apresentadas exemplificam um pouco do que, visualmente, cada participante do grupo pode perceber, não deixando de esclarecer que ficaram eles livres para alterar as formas padrão de apresentação de tela e texto, o que pode ter ocasionado novas possibilidades de visualização.

Para consolidar a compreensão das funcionalidades e limitações materiais de cada suporte eletrônico, foi elaborado o Quadro 5, disposto a seguir.

Quadro 5 – Características dos suportes de leitura de e-books

CARACTERÍSTICAS DO HARDWARE	SMARTPHONE (IPHONE)	TABLET (IPAD)	E-READER (KOBO GLO)	NOTEBOOK (SONY VAIO)
Controle de luminosidade	Não	Não	Sim	Não
Controle de brilho e contraste	Sim	Sim	Sim	Sim
Base giratória de leitura	Não	Sim	Não	Não
Tipo de armazenamento	No dispositivo em nuvem	No dispositivo e em nuvem	No dispositivo e em nuvem	No dispositivo e em nuvem
Tamanho de um livro impresso*	Não	Sim	Sim	Não
Durabilidade da bateria**	Até 10 horas em Wi-Fi	Até 10 horas em Wi-Fi	Até um mês	Até 5 horas
Tela touchscreen	Sim	Sim	Sim	Não
Dimensões da tela	4 polegadas (5,2 x 9 cm)	9,7 polegadas (15 x 20 cm)	6 polegadas (9 x 12,5 cm)	14 polegadas (31 x 18 cm)
Dimensões do suporte	123,8 x 58,6 x 7,6 mm (quadro 5)	185 x 240 x 6,1 mm	114 x 157 x 0,1 mm	345 x 230 x 0,1 mm***
Peso	112g	670g	185g	2,3kg

Fonte: elaborado pela pesquisadora observando, inicialmente, o exposto por Procópio (2010).

* Considerada possibilidade de similaridade com livros de pequeno porte e de bolso.

** Dispositivo saído de fábrica e/ou com pouco uso, tempo médio de duração. A quantidade de aplicativos em uso, simultaneamente, interferirá na duração média da bateria.

*** Para medida, considerada somente a área da tela.

Ao se observarem as especificações dos dispositivos eletrônicos amplamente, percebe-se como variam suas características, principalmente no que se refere às características que levarão a experiências táteis diferenciadas, por exemplo:

- um *notebook*, embora seja portátil, pode ofertar mais limitações nos movimentos dos leitores do que os demais. Esse suporte exige uso das duas mãos para transporte seguro e uso de uma das mãos para transição de páginas, o que levará o leitor a depositá-lo em alguma superfície para efetivo uso;
- um *smartphone*, que pode ser segurado e operado utilizando apenas uma das mãos, visto que apresenta tamanho compacto, é leve e exige apenas um toque na margem da tela para transição de páginas;
- o *tablet*, apresentando intermediário entre o *smartphone* e o *notebook*, não só permite o manuseio mais facilitado, como pode ter sua base de leitura girada para o formato paisagem e, com o

- o *e-reader*, que tem opção de luz auxiliar e utiliza tecnologia *E-ink*, propicia leitura com maior conforto visual em ambientes iluminados e facilita a leitura em ambientes mais escuros.

Essas são apenas algumas situações, pois cada usuário leitor apresentará maior ou menor desenvoltura na utilização de cada suporte, além de possuir preferências distintas em relação aos modos mais aprazíveis de leitura.

Frente ao exposto, fica claro que foram disponibilizados suportes em formatos variados, propícios a experiências diferenciadas de leitura, favorecendo um momento de discussão que trouxesse contribuições reais aos interesses desta pesquisa no que se refere à leitura literária em diferentes suportes, principalmente nos eletrônicos. A seguir, serão apresentadas análises das discussões que tiveram lugar durante o grupo focal.

4.2 DESENVOLVIMENTO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A atividade teve início com a participação de todos os cinco usuários, que se apresentaram voluntariamente, já tendo assinado previamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando o registro e utilização dos dados na presente pesquisa. O procedimento de coleta foi registrado em vídeo, tendo duração média total de 3 horas, incluindo os intervalos.

As transcrições das falas, disponíveis na íntegra no Apêndice G, foram feitas indo ao encontro das orientações de Krueger (2002, p. 15), principalmente no que se refere à tentativa de valorizar “palavra por palavra” das falas realizadas, mesmo diante das condições acústicas desfavoráveis do ambiente onde foi realizado o grupo focal, o que levou à necessidade de inclusão de algumas interpolações no texto final da transcrição.

Todo o procedimento foi dividido em etapas, como descrito no roteiro disposto no Apêndice D. Na **primeira etapa** foram prestados maiores esclarecimentos sobre a atividade e foi pedido aos alunos

que se apresentassem, informando nome, curso de origem e uma breve descrição de cada um como leitor literário. Nesse momento, todos se declararam leitores, não apenas literários. Quanto aos suportes, houve maior manifestação relativa à preferência pelos impressos, com algumas menções às sensações inerentes ao contato com tal tipo de suporte, como poder ser verificado nos excertos a seguir:

E.S.A. – [...] Como leitor, é..., quanto ao modo, é..., o objeto de leitura né, eu gosto dos livros mesmo, físicos. Eu não gosto muito dos aparelhos eletrônicos.

E.F.O. – [...] eu prefiro mais o livro físico [palavras indistintas] eu me recuo um pouco. Ainda tentei ler com outros meios, só que eu não consigo. Gosto de sentir o livro, tipo de olhar assim [palavras indistintas] “vê” que ele tá lá. Tipo, sentir o cheiro, não tem coisa melhor do que sentir o cheiro de livro, principalmente novo.

L.R.D.A. – [...] Eu vario. Eu gosto muito do livro físico, do cheiro, mesmo, eu compro vários livros, mas eu também gosto muito de ler o digital por causa das facilidades. ‘Tá’ ali com seu celular na mão [palavras indistintas] pega um aplicativo de leitura, ou no iPad, vários livros lá [palavras indistintas].

L.R.B. [...] Eu também sigo quase a mesma linha de todo mundo aí, de sentir o livro, gostar de sentir o livro, só que, ultimamente, eu comecei a [palavras indistintas] esse assunto, porque a facilidade que você tem com as, com os meios tecnológicos, infelizmente, vai crescer a cada dia, né, é... eu acho que eu comecei a... agora eu gosto de ter o livro impresso, mas também eu quero ter em versão digital, porque assim fica mais fácil pesquisar algumas palavras, algumas partes que você achou, que a gente acha principal, principais.

L.V.N. – [...] é... eu leio muito no Kindle, no livro, assim, digital. Quando eu vou ler no Kindle mesmo ou no celular, né, [é] deitado no escuro, quando não tem luz né, é... ou no livro [impresso] mesmo, que eu leio menos, ultimamente, mas eu também gosto muito de ler.

Como é possível perceber, as falas iniciais denotam uma preferência pelo impresso, ora mais acentuada, ora compartilhada com o eletrônico e, no caso do participante **L.V.N.**, uma prática já estabelecida de leitura em eletrônicos, não descartando, entretanto, o consumo do impresso. Em linhas gerais, poderia ser dito que esse

segmento de leitores literários, nesse primeiro momento, apresenta características do chamado leitor movente, “[...] leitor do mundo em movimento, dinâmico, mundo híbrido, de misturas sígnicas” (SANTAELLA, 2004, p. 19).

Outro aspecto presente na fala de quase todos é a evocação das questões táteis e sensoriais inerentes ao livro impresso, indo ao encontro do identificado em relatos feitos no Estudo de Usuários, o qual foi discutido na seção 6 desta dissertação.

Em todas as falas, os alunos pareciam estar confortáveis diante da proposta de atividade, percebendo-se que havia uma proximidade entre eles, mesmo que estudando em períodos diferentes do mesmo curso. Também não houve estranhamento diante da figura da mediadora e da pesquisadora.

Estando todos ambientados, deu-se início à **segunda etapa** da atividade: a leitura dos primeiros cinco capítulos do título *O fazedor de velhos*, nas versões impressa (2008) e eletrônica (2013), estabelecendo-se rodízio de leitura por capítulo de forma que, ao final, cada participante tivesse utilizado cinco suportes diferentes, o que se deu de acordo com o apresentado no Quadro 6.

Quadro 6 – Rodízio de leitura dos cinco capítulos iniciais de “O fazedor de velhos”

LEITOR	SUPORTE				
	1ª rodada	2ª rodada	3ª rodada	4ª rodada	5ª rodada
L.V.N.	impresso	smartphone	e-reader	notebook	tablet
E.S.A.	smartphone	impresso	tablet	e-reader	notebook
E.F.O.	e-reader	tablet	notebook	impresso	smartphone
L.R.B.	tablet	notebook	impresso	smartphone	e-reader
L.R.D.A.	notebook	e-reader	smartphone	tablet	impresso

Fonte: elaborado pela autora.

Observando o desenvolvimento do momento de leitura, algumas peculiaridades pareceram ser dignas de nota em relação ao comportamento dos leitores, uma vez que interessa dizer também dos modos que as leituras podem ser realizadas, como:

- todos se mantiverem em silêncio no decorrer de toda a leitura, mesmo nos períodos de espera pela troca dos suportes;

- a certa altura da leitura, um dos participantes (**L.R.B.**) pediu um lápis e começou a tomar notas, como se algo na narrativa tivesse chamado a atenção dele;
- um dos participantes (**E.F.O.**) deixou o *smartphone* ligado e o utilizava nos intervalos de troca de suportes;
- quando da leitura no *tablet* apenas dois alunos (**L.V.N.** e **L.R.D.A.**) manusearam o equipamento com o intuito de girar a tela de leitura;
- dois usuários (**L.V.N.** e **L.R.D.A.**) demonstraram, com maior evidência, melhor desenvoltura no manuseio dos equipamentos e do aplicativo de leitura, tomando a liberdade para fazer alterações de configurações de visualização e leitura;
- somente um participante (**E.F.O.**) solicitou orientação para utilização de um dos suportes (modo correto de passar as páginas no *e-reader*);
- dois participantes (**L.R.B.** e **E.S.A.**) deixaram transparecer certo entusiasmo ao manusearem os equipamentos da Apple (iPhone e iPad);
- dois dos participantes (**L.R.D.A.** e **L.R.B.**) demonstraram acentuada mudança de postura para cada tipo de suporte manuseado (pernas dobradas junto ao corpo com os pés sobre a cadeira, pernas esticadas e escoradas no suporte debaixo da mesa, retirada dos suportes de cima da mesa, aproximação e afastamento dos suportes da linha de visão, girar a cadeira e ficar de costas para os demais etc.).

Frente ao descrito, percebeu-se que o público participante é inserido tecnologicamente, o que se demonstra tanto pela agilidade no manuseio dos dispositivos/suportes quanto pela prática de ter sempre à mão equipamento similar. Um exemplo disso é o caso da aluna **E.F.O.**, que manteve seu telefone celular próximo não somente durante a atividade de leitura, mas no decorrer da realização do grupo focal, diferentemente dos demais, que, embora tivessem levado seus telefones, os mantiveram guardados.

Independentemente das questões de leitura literária, foi perceptível a admiração de participantes quando do manuseio de equipamentos eletrônicos que talvez pudessem não estar ao alcance do poder aquisitivo deles (dispositivos da Apple). Esse fato chamou atenção à possibilidade de serem esses os que estariam em evidência como preferidos durante a atividade, o que, em certa medida, enquadrou-se nos achados das primeiras discussões.

Não menos importante foi a observação de que os gestos e modos de leitura utilizando suportes eletrônicos parecem mime-tizar o *modus legendi* contemporâneo sobre o qual fala Petrucci (1998, p. 222), no qual o leitor não se mostra em repouso e mantendo uma distância “respeitosa” do suporte, mas o manipula livremente, parecendo querer fortalecer o vínculo com ele, aproximando-o do corpo sempre que possível, mobilizando-o espacialmente de acordo com as próprias necessidades, delimitando zonas de conforto para a leitura efetiva do texto nele contido.

O resultado das produções coletivas

Tendo a **terceira etapa** consistido de um breve intervalo, no qual os participantes fizeram um pequeno lanche e foram estimulados a começar a interagir e trocar percepções tanto a respeito da leitura quando dos suportes, deu-se início, então, à **última etapa** do procedimento, em que ocorreram os momentos de discussão coletiva e outros de participação individual, nos quais foram lançadas algumas perguntas relacionadas aos modos de leitura e apropriação dos suportes por parte dos alunos.

Para dar início ao momento de trocas, foi solicitado aos alunos que comentassem, em linhas gerais, sobre o que pensaram sobre a leitura que tinha acabado de fazer. Inusitadamente, houve uma forte identificação com a narrativa, pois um dos alunos (o que tomou notas durante a leitura) declarou-se interessado em se graduar em História, a exemplo do protagonista de *O fazedor de velhos*, o que causou uma pequena agitação no grupo, já que todos os participantes pareciam saber do interesse do aluno em questão. Entre risos

e brincadeiras, os participantes comentaram o fato, que reforçou nos alunos o interesse pelo livro. Tal experiência foi ao encontro de relatos dos respondentes do Estudo de Usuários, que pontuaram características relacionadas a uma experiência pessoal como marcantes no que se refere à leitura literária.

Essa relação entre leitura literária e verdade, ou expressão destas, é contundentemente exemplificada por Manguel (2006, p. 191) quando o autor traz um relato de uma bibliotecária⁴⁷ da Colômbia que atuava em um dos programas de incentivo à leitura daquele governo levando livros aos habitantes das regiões rurais, na década de 1990:

Além dos títulos práticos de sempre, levamos uma *Iliada* em espanhol. Quando chegou a hora de devolvê-la, os aldeões se recusaram. Decidimos presentear-los, mas antes perguntamos por que queriam ficar com aquele título em especial. Explicaram que a história de Homero refletia a sua própria história: um país dilacerado pela guerra em que os deuses desvairados decidem como querem o destino dos homens, que nunca sabem muito bem por que estão lutando ou quando vão ser mortos.

Decorrido esse momento de comentários, o grupo foi organizado em um semicírculo de modo que pudessem responder a algumas perguntas referentes à percepção dos suportes que utilizaram para leitura, tendo sido eleito um relator dentre eles. Coletivamente, eles deveriam identificar: a) similaridades e diferenças entre os suportes eletrônicos; b) relação entre os modos de ler no impresso e nos suportes eletrônicos; c) características que porventura tenham dificultado/atrapalhado a compreensão textual; d) vantagens e desvantagens da leitura em suportes eletrônicos.

A partir das diretrizes apresentadas, o grupo declarou ter facilidade de leitura em todos os suportes eletrônicos, considerando-os flexíveis no que diz respeito às mudanças de parâmetros para leitura

⁴⁷ Não foi possível referenciar apropriadamente a responsável pelo discurso, pois o autor menciona apenas uma nota dizendo ser proveniente de uma entrevista concedida a ele no ano de 2001.

(formatação de texto e telas). No que tange às diferenças entre os equipamentos eletrônicos, as mais perceptíveis foram: iluminação e tamanho da tela, transição de páginas (lenta, rápida, intermediada por mouse...), mobilidade diferenciada, esta descrita por eles como “flexibilidade o acomodamento da postura”. Delineia-se, então, o apontamento de características diretamente relacionadas à garantia de conforto visual e mobilidade, a qual é novamente evocada quando: a) o grupo elege o notebook como único a não se enquadrar no quesito “relação entre os modos de ler no impresso e no eletrônico”, mencionando questões relativas ao “acomodamento [...] carregar para todos os lugares”; b) novamente, o notebook é mencionado ao se dizer de característica que dificultou/atrapalhou a leitura e a compreensão da narrativa por ser pesado. Mobilidade e compreensão não parecem estar relacionadas, mas a recorrência em mencionar a falta da primeira, demonstra que é algo que realmente se espera de um suporte de leitura, fazendo dessa uma característica que define práticas de leitura para esse segmento de leitores contemporâneos.

Restava ainda ao grupo apontar, coletivamente, vantagens e desvantagens dos suportes de leitura eletrônicos. Todas as vantagens descritas estavam relacionadas às funções do aplicativo de leitura (pesquisas *on-line*; marcações; acesso a vários títulos; mudanças de configurações, fonte e brilho), todos relacionados a possíveis interferências por parte do leitor, que, nessa perspectiva, entremeia-se nas questões de apresentação final do texto, acentuando variações tipográficas não passíveis de alteração a partir do impresso.

Para dizer das desvantagens, os alunos argumentaram já tê-las descrito quando disseram das características que atrapalharam a leitura e compreensão do texto. Cruzando tais informações, nota-se que uma das desvantagens mencionadas está presente três vezes nas respostas da construção coletiva: a interrupção da leitura pelas notificações das redes sociais⁴⁸. Assim, a conexão do dispositivo com

⁴⁸ Tais notificações não foram desabilitadas, pois, habitualmente, leituras feitas em smartphones podem ter essa limitação e o procedimento deveria aproximar-se o máximo

a internet, que permite que a maior parte das funções tidas como vantajosas sejam possíveis, paradoxalmente apresenta-se também como ocasionadora de desvios de atenção durante a leitura.

Essa leitura entrecortada, também característica dos textos de hipermídia, pareceu ter se caracterizado como incômodo durante a leitura pelo fato de não fazer parte das configurações particulares dos dispositivos de cada leitor, uma vez que usavam dispositivos pertencentes a outra pessoa para realização da atividade. Entretanto, de modo geral, a fragmentação da leitura não poderia ser considerada uma ocorrência exclusiva ao uso dos dispositivos eletrônicos. Também ao utilizar o impresso, interrupções outras poderiam ocorrer, mesmo que com menor frequência, tais como: falta de luz, num momento de leitura à noite; início de chuva, se o leitor estiver ao ar livre; necessidade de atender uma ligação ou ver quem chama ao portão; e outras situações.

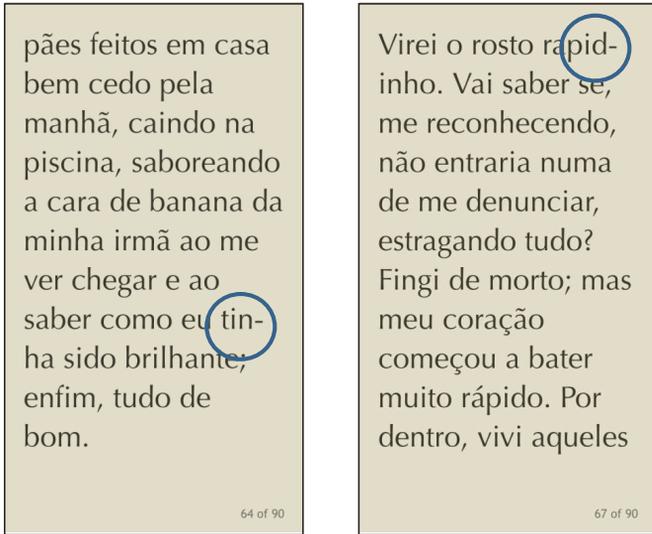
Acredita-se que a realização de multitarefas em um dispositivo de uso próprio, configurado para receber notificações de acordo com os interesses do leitor, seria mais propícia e recebida com menor estranheza.

Outra situação destacada foi que ao mesmo tempo em que o grupo diz ser uma vantagem alterar o tamanho da fonte, identifica como desvantagem a “separação de sílabas erradas”. Ocorre que, ao aumentar demasiadamente uma fonte, algumas separações silábicas não podem ser mantidas corretamente, tendo em vista as limitações de coluna ou tela, de acordo com o ilustrado na Figura 7, que mostra trechos do texto com o maior tamanho possível de uma fonte, no aplicativo do *smartphone*.

Aventa-se a possibilidade de que a menção dos problemas de separação de sílaba esteja mais relacionada à interrupção do fluxo da leitura, como no caso das notificações de redes sociais que piscam na tela ocasionalmente, implicando no aumento o do tempo total de leitura, por mais ínfimo que fosse, indo ao encontro de algumas

falas presentes durante as discussões do grupo para resposta às perguntas, nas quais a “leitura mais rápida” era mencionada.

Figura 7 – Separação errada de sílabas no aplicativo Kobo para iPhone.



Fonte: captura de telas de Lacerda (2013).

Questões relacionadas às telas também são pontuadas (reflexos, iluminação) e um “atraso” na passagem das páginas do *e-reader* é apontado como desvantagem, evento que não duraria mais do que a mudança de uma página e localização de início do texto para começo da leitura em um livro impresso. Mas esse segmento de alunos é interativo e não tem mais tempo para contemplar o texto, podendo ser classificado como o leitor imersivo do qual fala Santaella (2004, p. 181-182), esse leitor que surge impulsionado pelas TICs.

Do coletivo para o individual

Tendo atingido o objetivo da primeira parte de troca de ideias, foi desfeita a formação de construção coletiva de modo que todos pudessem discorrer a respeito de alguns questionamentos sobre

a leitura literária feita durante a atividade e fora dela, dessa vez ouvindo a todos, individualmente.

Pedi-se que cada um dos alunos dissesse qual tinha sido o suporte de leitura mais agradável e o menos agradável, apresentando justificativa para as opções. Na primeira rodada de repostas, relativa ao suporte mais agradável, todos os alunos escolheram o *smartphone* como o suporte mais agradável. As falas se repetiam e reforçavam três pontos essenciais: mobilidade (liberdade de movimentação do e com o suporte), portabilidade (facilidade de transporte do suporte) e agilidade na leitura, como pode ser percebido em alguns excertos relativos a esse questionamento:

L.V.N. – A mais agradável, desses, foi o iPhone. Porque, é... foi rápido porque a gente colocava a *screen* [tela] bem grande assim, dava pra gente ver bem, então, e.. eu não ‘tava’, eu não perdia as linhas também, quando eu ‘tava’ lendo, né. Era uma leitura mais rápida e... foi mais confortável, tipo de posição também, de peso, foi mais leve. Fiquei mais confortável pra ler.

E.S.A. – [...] porque eu consegui mudar as posições, ficar na posição que eu achava mais confortável. Você vai lendo e vai começando a cansar então você pode chegar... se aproximar mais ou distanciar e também... [...].

Ao dizer dos suportes que menos os agradaram, também, todos foram unânimes, escolhendo o *notebook* como não favorável às leituras (o que já era esperado, tendo em vistas as falas anteriores sobre esse suporte). Tal suporte foi avaliado sob a mesma perspectiva que o *smartphone*, com a diferença de não atender às necessidades de mobilidade, portabilidade e agilidade na leitura, de acordo com o exposto pelos participantes:

L.V.N. – O *notebook* foi o menos agradável, porque, assim, eu tive que manter uma posição fixa, o tempo inteiro, para conseguir ler [...].

L.R.B. – Eu também. O menos agradável foi o *notebook*, na questão que... se você for observar todos os suportes que nós utilizamos, o que nós não tivemos contato, assim, de ficar grudado foi o *notebook*. Então tinha aquele... passar de... tecla para passar página, acho que aquilo me incomodou, então foi o que... e também a letra ficou mais

cansativa

E.S.A. – Também concordo plenamente [palavras indistintas] que o *notebook*, ele foi o menos flexível assim, na questão da posição. A gente não, é... não tinha como ter outra posição, a gente tinha que colocar ali e tentar aí a melhor forma de ficar mais confortável. A questão da letra também, que era bem cansativo, o brilho da tela e a questão de uma tela bem maior, né, como... diferente do iPhone que é uma tela pequena e que você tinha aquela sensação de rapidez, ali não, você tinha uma sensação de maior lentidão.

Nesse ponto da atividade, percebeu-se que o participante **L.V.N.**, notadamente ambientado com os aparatos tecnológicos utilizados como suportes para os textos eletrônicos, parecia exercer certa influência no grupo, sendo as suas opiniões observadas com atenção pelos demais. Tal percepção fez com que a ordem das primeiras participações fosse invertida nas questões seguintes.

Prosseguiu-se perguntando aos participantes se gostariam de continuar a ler *O fazedor de velhos* e em qual suporte o fariam. Todos disseram que gostariam de concluir a leitura, interessados no desfecho, mas, mesmo que tenham sido unânimes em relação ao que mais lhes agradou, abriram espaço para a menção dos outros suportes textuais como possibilidade, com exceção do *notebook*.

L.R.B. – Ah eu queria... vou querer sim ler ele, mas eu ficaria em dúvida em qual suporte, porque todos os suportes são muito bons, tirando o *notebook*, mas os mais assim, ‘seria’ o *smartphone* e o... ‘Kombo’... Kobo, é. Os mais assim foram esses dois.

L.R.D.A. – Eu quero ler sim, até porque [palavras indistintas]. Mas é simples dizer, o iPhone e o livro [impresso], assim, o livro eu não sei se eu compraria realmente, como **E.S.A.** falou, mas eu acho que se tivesse na biblioteca para locar eu locaria e leria, no *tablet* também. Eu leria no *smartphone*... [palavras indistintas].

As participações foram se consistindo de falas únicas, de cada aluno, para cada questionamento, com exceção do participante **L.V.N.**, o qual, sempre que possível, complementava as falas anteriores frente ao exposto pelos colegas. Todavia, quando perguntados se a leitura de literatura em suportes eletrônicos era diferente

ou igual à leitura de outros gêneros textuais, também no formato eletrônico (textos curtos, notícias, *posts* no Facebook, jornais eletrônicos, artigos acadêmicos etc.), os participantes se mostraram mais falantes, mesmo que de início tivessem demonstrado afirmações um tanto incertas, parecendo precisar de um pouco mais de tempo para elaborar melhor as ideias sobre o cenário apresentado para discussão:

E.F.O. – Pra mim, na minha opinião, eu acho que é a mesma coisa! Não vejo muita diferença. Ambos você consegue... ver qual informação, o que você quer direito, lê o que você se interessa [...].

L.R.B. – Também, é... não vejo diferença, acho até melhor, porque, por exemplo, hoje em dia, revistas e esse monte de livros acadêmicos e eles acabam ocupando muito espaço, não que eles sejam desnecessários, eles são de extrema importância, mas só que, por exemplo, nos suportes eletrônicos, podemos ficar com milhares de livros, milhares de artigos, milhares de livros de literatura. Então, você mescla todos esses gêneros literários em um só dispositivo. Acho isso muito interessante.

L.R.D.A. – Não é fácil, porque, por exemplo, eu ‘num’... o horário de leitura: eu ‘num’... é, livros. Eu ‘num’, tipo, tomo meu café e ‘tô’ lendo um livro. Eu tomo meu café e leio um anúncio no jornal, no Facebook, no que seja. Mas também tem esse negócio de que eu ‘num’ preciso ‘tá’ na banca de revistas comprando jornal, posso ler a notícia ali agora e o fato tá acontecendo no momento, [...].

E.S.A. – Eu também fico nesse impasse porque eu acho têm lados que são iguais e lados que não são. [...] A literatura é um passatempo, é o que você vai fazendo pra completar o tempo, pra... sei lá, adquirir algum conhecimento, alguma coisa assim.

L.V.N. – Eu acho, eu acho... assim, eu acho diferente [risos]. Acho razoavelmente diferente [...].

As falas pareciam complementar as anteriores até que chegassem à conclusão de que há uma diferença na leitura realizada em suportes eletrônicos, dependendo do tipo de gênero. Para os alunos, por exemplo, a leitura de artigos acadêmicos ou de textos com ilustrações, tabelas etc, seria mais favorável num suporte que pudesse manter a integridade de tais elementos, tais como o *notebook* (repudiado no que se refere à leitura literária) e o impresso, levando

à implicação de que, por vezes, é preciso que o leitor tenha que se adaptar à apresentação ideal do texto, de acordo com a seguinte afirmação a respeito da leitura de artigos científicos:

L.V.N. – [...] Então, tipo, é uma leitura diferente, um tipo de leitura diferente, é um tipo de forma de ler diferente. Para ler essas coisas, esses artigos de internet, essas coisas, eu prefiro usar o computador. Por exemplo, acho que é mais flexível do que um celular ou um *e-reader* para poder ler, porque acho que você tem mais formas de se adaptar à leitura. **E é você que tem que se adaptar à leitura, não o artigo se adaptar a você.** Acho assim, mais ou menos assim (grifo nosso).

A partir dessa discussão, os alunos começaram a sinalizar mais claramente suas preferências, o que contribuiu para considerar que havendo identificação com o título literário, seja essa de ordem pessoal ou temática, maior a probabilidade de que as leituras sejam realizadas no impresso, como manifestado por uma das participantes ao dizer das diferenças entre leituras de diferentes gêneros em diferentes suportes:

L.R.D.A. – Depende de como você encara a leitura. Quando você, quando vai ler um artigo científico, você ‘tá’ mais centrado, você ‘tá’ mais sério, você ‘tá’ com a mente mais, tipo, concentrada naquilo que você quer aprender, discorrer, tipo, que é informações do artigo. Absorver! Já o livro [impresso] não, você encara com a mente aberta, e ‘cê’ entra na história, ou ‘cê’ não entra na história, acaba largando. Mas acho que é da forma que você encara a leitura, define qual a diferença.

A aluna **L.R.D.A.**, que ao mencionar: “o livro não, você encara com a mente aberta, e ‘cê’ entra na história [...]”, referindo-se ao livro impresso de literatura, reflete em sua fala algumas considerações trazidas também pelos respondentes do Estudo de Usuários, há pouco analisado, como um todo, enfatizando a existência de uma relação mais profunda entre leitor e texto quando o suporte em questão é o impresso.

Zilberman (2001, p. 118), ao dizer da esperada longevidade do suporte impresso, especialmente aquele cujo texto é de literatura, apresenta argumentação que também vai ao encontro das relações entre leitura e suporte impresso.

O aparecimento e consolidação da sociedade do livro presenciou um fenômeno único: do século XVI ao XIX, as classes dominantes temeram a leitura, na hipótese de que essa afetava de tal modo os indivíduos, que eles desejavam ser outra pessoa, a que constava do livro e só existia por força das palavras impressas.

[...] É que a literatura que aparece nos livros apresenta uma particularidade resultante do formato desse objeto: acolhendo a matéria da imaginação, estruturada em termos de narração da ação própria e alheia, ou desnudamento da interioridade do eu, ela suscita a participação, como a identificação com seres fictícios.

A autora complementa, dizendo que “[...] O tecido literário é muito fino e delicado, mas não maciço: contém orifícios, mimetizando a porosidade constitutiva do papel, e por essa superfície propensa à absorção do outro penetra o leitor” (ZILBERMAN, 2001, p. 118-119). Seguindo esse viés, uma forma de interpretar a intervenção de **L.R.D.A.** é que a aluna dá sinais de que a representação vigente de leitura literária pode estar mais relacionada à materialidade textual do impresso e a uma prática mais envolvente do que a leitura possível quando os gêneros e suportes são outros.

Reforça-se o cenário mencionado ao serem analisadas as interlocuções referentes às últimas participações dos alunos, quando esses são convidados a tecer algum comentário complementar sobre a leitura em suportes eletrônicos. As duas primeiras falas serviram para enaltecer as facilidades da leitura em suportes eletrônicos, sem desmerecer o impresso. Porém, a fala seguinte muda o curso da discussão:

L.R.D.A. – Eu acho que isso se encaixa quando você, por exemplo, não tem aquele dinheiro para comprar o livro físico [**E.S.A.** – É tipo assim!], mas aí você quer muito ler aquele livro, aí você: aí vou apelar para o modo, aqui, digital. Mas aí, quando, às vezes, você vai

no site ou na livraria e você compra aquele livro, aí você, ou o livro chega e você sai andando com o livro: ai meu filho. Ah! É livro novo! [vários participantes falando ao mesmo tempo] A sensação de abrir a película, tirar, folhear, é...

A espontaneidade do comentário e a aparente identificação com a sensação descrita pela aluna fez com que os demais que, até aquele momento, estavam compenetrados se descontraíssem e manifestassem desejo de compartilhar sentimentos similares. Todos queriam falar ao mesmo tempo. Até mesmo as posturas, outrora controladas, tornaram-se mais expressivas, mais naturais. Quando dos comentários, revelaram-se gestuais de simulação referentes ao contato com o livro:

L.R.D.A. – [...] o livro chega e você sai andando com o livro: ai meu filho [**gestos simulando segurar uma criança, participantes se identificam e se descontraem**]. Ah! É livro novo! [vários participantes falando ao mesmo tempo] A sensação de abrir a película, tirar, folhear, é...

E.F.O. – [...] Cheguei em casa vi aquela caixa em cima da cama. Meu Deus! Vem cá me abraça! [**simulando ato do abraço**].

L.R.D.A. – Aí vê depois lá na estante, assim [**indicando estante imaginária à frente**].

L.V.N. – [...] Você terminou de ler e é só uma coisa que ‘tá’ ali e ‘cê’ pode jogar fora, você pode deletar. Agora, o livro [impresso], ‘cê’ viu que você leu, ele ‘tá’ lá na sua estante, ‘cê’ pode... ‘cê’ empresta, você pode recomendar, assim, entregar na mão da pessoa [**simulando gesto de entrega**] e recomendar: esse aqui é bom por causa disso e tal...”.

Todas as manifestações, permeadas de comprometimento emocional, apontaram para a importância da presença física do livro, quicá para uma percepção de totalidade que não é possível quando considerado o livro eletrônico, cujo texto se inscreve de forma diferenciada, disposto numa tela, não sendo diretamente manuseado pelo leitor (CHARTIER, 1998b, p. 12), característica essa que foi ilustrada anteriormente com base no que diz Baron (2015, p. 133) sobre os engajamentos mentais com o os conteúdos de livros impressos.

Outras atribuições de valor podem ser percebidas nos comentários, tais como os voltados à necessidade de manter a integridade material dos livros impressos:

L.R.D.A. – Emprresta assim, né, vai, mas olha estado que ele ‘tá’, por favor!

E.F.O. – Tirar foto para ver como ele ‘tava’ antes...

L.R.D.A. – Nunca tive coragem de riscar nenhum livro meu [palavras indistintas].

L.V.N. – [Palavras indistintas] eu li a série do Harry Potter em uma semana e meia, mas eu li tipo assim, abria só um pouquinho da página, deixei ele intacto, porque... nem abertos eles estão ainda [todos dizem ser verdade]. É porque dá muita dó, sabe! [...]Você tem esse apego maior, sabe?

Encontra-se marcada uma reverência e respeito a esse suporte (o impresso) que se torna símbolo de conquistas e cujo ajuntamento apresenta-se como premiações e confirmação de leituras realizadas (E.F.O.). Não seria equívoco dizer que a posse de tais livros e a maneira como se apropriam deles, representam para esses alunos o tipo de leitor que eles almejam ser ou mesmo como querem ser percebidos por aqueles que conhecem suas coleções. Essa mesma reverência e importância dada à constituição material do livro, da qual parece exsudar importante textualidade, é exemplificada por Manguel (2006, p. 23-24).

Durante o dia, escrevo, folheio, reorganizo livros, instalo as novas aquisições, transfiro seções inteiras por conta do espaço. Os recém-chegados recebem as boas-vindas depois de um estágio probatório. Se o livro é de segunda mão, deixo intactas todas as marcas, os rastros de leitores prévios, companheiros de viagem que registraram sua passagem por meio de comentários rabiscados, um nome na página de rosto, um bilhete de ônibus marcando determinada página. Velhos ou novos, o único sinal de que sempre tento livrar meus livros (em geral com pouco sucesso) é a etiqueta autocolante de preço que livreiros malévolos pregam nas contracapas. Aquelas crostas brancas e daninhas saem com dificuldade, deixando feridas leprosas e trilhas grudentas às quais aderem o pó e a lanugem do tempo, fazendo-me desejar que seu inventor seja condenado a um inferno especial, viscoso.

Mas são as afirmações conclusivas de dois alunos que, além de dizer das reais percepções a respeito dos suportes impressos, ao mesmo tempo ilustram de fato qual é a representação de leitura em suportes eletrônicos para os participantes do grupo:

E.S.A. – [...] Mas não conta, né. Porque você está ali na pressa de ler, e como, você leu o digital, mas depois você vai lá e compra o livro [impresso] e conta.

L.V.N. – Esse negócio dessa satisfação, tipo, na internet quando você [...] ‘tá’ comprando o livro, você comprou o livro, você compra, você espera ele chegar e tem aquela satisfação. E no *on-line*, você comprou na hora, ‘cê’ leu ali e aquilo foi embora. Tipo, acho que o digital é bem mais descartável [**E.F.O.** – “É isso mesmo!”], você não tem essa sensação. Você terminou de ler e é só uma coisa que ‘tá’ ali e ‘cê’ pode jogar fora, você pode deletar.

Ao relacionarem a leitura do livro eletrônico com as expressões: “não conta”, “descartável”, “pode jogar fora” e “pode deletar”, cotejando os exemplos trazidos por eles de “relacionamentos” com o suporte impresso, pode-se dizer que esses alunos trazem bem solidificadas as representações de como se devem realizar leituras literárias das quais realmente virão a se apropriar, como parte importante das práticas que os constituem como leitores.

Todavia, não podem ser desconsideradas as contribuições dadas anteriormente, sobre as experiências de leitura literária nos suportes levados ao grupo focal, pois se encontravam essas no âmbito da ação analítica da atividade de discussão, sendo, provavelmente, avaliações reais de propostas de leitura como um todo, inclusive a não literária. Ao desenvolver-se a discussão o que se percebeu foi um amadurecimento dos posicionamentos, nos quais variáveis outras foram se sobrepondo e dando subsídios a falas mais definitivas.

No que se refere unicamente aos achados provenientes do grupo focal, pode-se concluir que esses indivíduos apresentam práticas similares às dos leitores literários caracterizados na seção anterior a esta, ou seja, estão inseridos tecnologicamente, utilizando, em diferentes níveis, suportes diferenciados para as leituras literárias,

mas não deixando de atribuir ao impresso destaque como suporte textual, estando mais propício a estabelecer relações de identificação com ele e o tendo como referência ao validar as leituras feitas ou ansiadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi realizado tendo como principal objetivo delinear como se figuram os leitores de literatura literária do campus São Mateus do Ifes, considerando as TICs contemporâneas utilizadas para suporte para a palavra escrita e tendo como aporte teórico uma matriz histórico-cultural, com destaque na aplicação dos conceitos chartierianos de prática, representação e apropriação. Os esforços de pesquisa empreendidos nesse sentido favoreceram a compreensão de práticas próprias de uma comunidade interpretativa cujos membros denotaram compartilhar determinados interesses e modos de apropriação de suportes de leitura em diferentes formatos.

Com base nessa proposta inicial, alguns objetivos mais específicos se desdobraram. Dentre eles, a necessidade de discorrer sobre alguns aspectos característicos ao objeto cultural “livro”, destacando seus diferentes formatos e transformações no decorrer do tempo, cotejando-os com leitores de diferentes épocas e membros de comunidades culturais. Com isso, foi possível visualizar como variam as práticas de leitura e escrita na medida em que também se modificam os suportes textuais, tais alterações indo ao encontro de anseios e necessidades de cada comunidade e decorrentes de práticas estabelecidas de acordo com as representações que cada qual tem desse objeto cultural.

Essa abordagem pautada nos chamados protocolos de leitura,

os quais Chartier explica estarem inscritos nos suportes de leitura, sejam eles inerentes ao texto ou aos vestígios deixados durante os processos editoriais, contribuiu para solidificar a proposta de observar como se dão as práticas de leitura do público pesquisado frente às TICs utilizadas para leitura.

Mas foi buscando atingir os objetivos específicos relacionados à análise de empréstimos, dos questionários e dos registros da dinâmica de discussão coletiva (grupo focal) – os quais foram os procedimentos de coleta de dados deste estudo –, que se deparou com informações provenientes de diferentes perspectivas que, ao serem cotejadas, proporcionaram a identificação de pontos de convergência nas práticas de leitura do público analisado.

Considerando as observações dos segmentos de usuários potenciais abordados no decorrer da investigação, evidenciou-se um público leitor de literatura predominantemente do gênero feminino, indo ao encontro do perfil de leitor brasileiro delineado por meio de pesquisas conduzidas na última década (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2008, 2012). O público mencionado é proveniente dos cursos integrados ao Ensino Médio (o que também delimita a faixa etária média de até 18 anos) e com preferência explícita por literatura estrangeira de massa (principalmente Ficção Norte-Americana), tal como os *best sellers* e títulos de franquias inseridos em uma proposta de convergência cultural, indo ao encontro do que exemplifica Jenkins (2009) a respeito da chamada narrativa transmídia, a qual proporciona narrativas múltiplas de uma enredo utilizando meios diferenciados (livro, cinema, jogos, blogs, *fanfics* etc.) e que parecem cativar os leitores, os quais estariam sempre à procura de novos olhares, novos detalhes.

Especula-se que o comportamento mencionado seja decorrente de uma busca por pontos de similaridade com gostos particulares da maioria de jovens leitores, no que se refere a tramas e narrativas, ou até mesmo simulações de pertencimento e de aceitação num processo de inter-relação com experiências pessoais, como perceptível em falas dos leitores quando se propõem a justificar as escolhas

de títulos de literatura que ocupam espaço diferenciado e/ou especial nas preferências.

Uma vez cientes desse cenário, no qual se consolida a narrativa transmídia, educadores e biblioteca escolar devem buscar estabelecer laços em prol da promoção de diálogos entre as práticas de leitura realizadas pelos alunos e aquelas pretendidas a partir do que se propõe no currículo de Literatura. Nesse mérito, o desenvolvimento de um acervo diversificado (não somente voltado ao currículo) e a busca por mídias que, atualmente, traspassam o mundo da literatura seriam ações determinantes.

Mesmo dizendo de um segmento de comunidade cultural específica, delimitada espacialmente e num contexto de uma instituição de ensino regular, as práticas de leitura literária assinaladas pelos leitores da biblioteca do campus São Mateus vão diretamente ao encontro de registros de intenções e de preferências feitos livremente em rede social de leitores na internet (SKOOB, acesso em 18 nov. 2015), o que de certa forma valida as amostragens deste estudo quanto à possibilidade de se compreender como se dão práticas de leitura de jovens em espaços outros, que apresentem características similares às da instituição e do público ora observados. Na mesma medida, uma visão em sentido contrário poderia ser favorecida, localizando os alunos observados como pertencentes não somente à comunidade de leitores literários do Ifes, mas também como membros de uma sociedade globalizada cujas fronteiras e distâncias nas interlocuções de leituras e gostos pelas mesmas são, à primeira vista, pouco rígidas.

Esse comportamento, entretanto, não se constitui em algo inusitado, principalmente no que diz respeito às escolhas de títulos para leitura. Essa percepção vem confirmar a necessidade de aceitar que as representações de leituras percebidas pelos jovens de agora seguem interesses que se harmonizam aos tempos, aos espaços e às práticas culturais contemporâneas, que são diversas e carecem de observação dedicada e específica antes que sejam tecidos pres-

supostos sobre aplicações e validade das leituras literárias decorrentes destas

O que de forma diferenciada pode ser percebido no âmbito da presente pesquisa são as apropriações dos suportes utilizados para leitura de literatura, a partir das práticas e modos declarados pelos usuários potenciais da biblioteca do campus São Mateus.

Várias foram as vantagens apontadas pelos respondentes no que tange à leitura em suportes eletrônicos, principalmente aqueles de menor porte, pelo fato de imprimirem maior mobilidade ao leitor. Funções associadas ao uso da internet também foram levadas em consideração, tais como pesquisas em dicionários e participação em redes. Todavia, transpareceu o fato de que, ao dizerem de leituras no tipo de suporte ora mencionado, havia um distanciamento do que se refere à introspecção esperada de uma leitura de literatura, pois a agilidade típica do acesso e a passagem pelo texto eletrônico foi citada de forma recorrente, sendo “condenados” os suportes que não a propiciasse.

Observando mais atentamente comentários relativos aos usos de suportes eletrônicos para leituras outras, pode-se perceber que o público pesquisado comporta-se frente a esse equipamento de forma seletiva, utilizando-o prioritariamente para leituras que exigem menos tempo de exposição, como os textos curtos (*posts* nas redes sociais, notícias, mensagens no celular etc.), associando-os a um referencial de realidade que se afasta das práticas de leitura que exigem envolvimento mais intrincado, não somente no que se refere ao suporte, mas também à narrativa, à trama e ao tema de interesse.

Esse público, perceptivelmente inteirado a respeito das TICs eletrônicas e digitais, com relato de experiência prévia de leitura nesse tipo de suporte, demonstra de forma inesperada (pois há uma hipótese velada ao se pensar em uma amostragem de pesquisa inserida em ambiente com grande apelo tecnológico) uma clara preferência pelos impressos para a realização de leituras de literatura, parecendo que as representações inerentes a essa prática estão

fortemente relacionadas a um conforto que não poderia ser propiciado a partir da leitura de um texto eletrônico, principalmente no que diz respeito ao ajuste visual frente a telas que emitem brilho.

Ao dizerem das preferências pelo impresso, os usuários ouvidos acabaram por também fortalecer uma representação de leitura “ideal”, aquela que se configura válida apenas se associada a um engajamento que é reforçado pela presença consolidada do objeto livro (BARON, 2015), cujas características e manuseio não conseguem ser plenamente mimetizadas pelos aparatos tecnológicos contemporâneos, ao menos, não por enquanto.

Dos leitores investigados pode-se dizer que transitam entre práticas múltiplas de leitura, encontrando-se receptivos a lidar com suportes diferenciados, desde que confirmam mobilidade e acessibilidade na medida dos interesses próprios a cada componente dessa comunidade cultural particular que é a de leitores do campus São Mateus. Esses sujeitos são aptos a identificar o suporte ideal para a leitura ideal, de acordo com as concepções de real que lhes são próprias, configurando-se como atores de práticas híbridas de leitura, sendo classificados tanto como moventes quanto imersivos (SANTAELLA, 2004), e que não podem ser enquadrados em perfis “engessados” de leitores em prol de qualquer tipo de ação de reconhecimento, seja no âmbito educacional ou acadêmico.

Questionários e dinâmica de grupo promoveram uma aproximação com leitores jovens, cidadãos do mundo e de uma dita aldeia global que é facilitada pela internet e pelos mecanismos de socialização e de integração nela disposta. Personagens inseridas diretamente num contexto de leituras ágeis e diferenciadas, enriquecidas pelas propostas de hipermídia e *hiperlinks*, favoráveis a solidificações de representações de leitura e leitores diretamente relacionadas às novas TICs. Na mesma medida, remetem a leitores de literatura que validam suas práticas somente quando associadas ao impresso, sendo necessário que se apropriem do objeto cultural livro, referindo-se à ele como símbolo necessário à comprovação de conquistas

de leitura, como única forma de conferir valor ao texto ao qual dá condição de existência.

A espontaneidade demonstrada pelos alunos participantes do grupo focal ao dizerem de suas experiências de leitura no impresso, mesmo que a dinâmica tivesse como fito principal coletar impressões sobre suportes eletrônicos, fortalece o exposto anteriormente, pois foi claramente perceptível o grau de “relacionamento” que tais jovens demonstraram buscar e ter com os livros que leem, que querem ler, que possuem. Essa posse que favorece um prazer contemplativo, como diz uma aluna entrevistada ao dizer de sua reação ao chegar a casa e encontrar livros recém-adquiridos: “[...] eu fiquei uns cinco minutos encarando a caixa, assim, com medo de abrir...”; e certo ciúme que leva essa mesma aluna a querer registrar o estado físico do livro antes de emprestar a alguém.

Destaca-se que não há intenção de condenar ou promover quaisquer tipos de leitura realizados em qualquer que seja o suporte, pois se acredita que as práticas e as representações resultantes dessas são permitidas e possíveis de acordo com cada tempo, cada espaço, cada arranjo social e cultural no qual o sujeito leitor estiver inserido. Em busca de melhor mediar leituras, é indispensável conceber tal cenário, buscando atribuir valor ao sujeito do processo, sem desmerecer meios que o tornam possível, mas buscando compreender de que modo se complementam e se favorecem, mutuamente.

Entretanto, não há como negar, a despeito do anunciado desaparecimento do livro como conhecido há mais de 500 anos, que a leitura literária ainda encontra tamanha ligação com o impresso, suscitando intensas sensações de pertencimento, concorrendo tais leituras com experiências pessoais diversas, ocupando o objeto livro um lugar de camaradagem com aquele que o preza, que lhe configura valor, que o acumula ou coleciona, estando representada no que se refere às leituras feitas de forma concreta, não virtual. Assim confirma Manguel (2004, p. 270), no excerto trazido como epígrafe deste trabalho, pois, como a aluna mencionada há pouco, esse assu-

mido bibliófilo também se extasia com suas prateleiras lotadas de livros, lembrando-se de momentos corriqueiros do dia a dia dos quais esse “amigo impresso” fez parte, mesmo que sorrateiramente, reconhecendo a relação intensa com os livros que constituem um inusitado inventário da vida do autor, levando-o a assumir: “[...] sei que algo morre quando abandono meus livros e que minha memória insiste em voltar a eles com uma nostalgia pesarosa”.

Todo esse sentir está inevitavelmente atrelado ao que de material o texto traz, indo ao encontro da proposta chartieriana de valorização desse critério. Assim, caberia aos que se interessam pelas relações entre leitor, leituras e suportes persistirem no intento de compreender como elas se dão, sempre considerando que nenhum cenário é único e definitivo, mas que em outros tempos, sendo favorecidos diferentes arranjos culturais, talvez possam vir à tona respostas mais claras aos questionamentos sobre a consolidação de práticas de leitura, sejam elas literárias ou não, e a constituição de leitores.

REFERÊNCIAS

ANTONIO, João. **Informática para concursos: teoria e questões**. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

BARON, Naomi S. **Word onscreen: the fate of reading in a digital world**. New York: Oxford University Press, 2015.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. Tradução João Vergílio Gallerani Cuter. São Paulo: Planeta, 2003.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **Hipertexto e literatura**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2012.

BORTOLIN, Sueli. A leitura literária em suportes eletrônicos na biblioteca infanto-juvenil. In.: BARROS, Maria Helena T. C. de Barros; BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José da. **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: Fa, 2006.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. rev. e ampl. Tradução Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). **História da leitura no mundo ocidental: volume 1**. Tradução Fulvia M. L. Moretto (italiano), Guacira Marcondes Machado (francês), José Antônio Macedo Soares (inglês). São Paulo: Ática, 1998a. (Coleção múltiplas escritas).

_____. (Org.). **História da leitura no mundo ocidental 2**. Tradução Cláudio Cavalcanti (alemão), Fulvia M. L. Moretto (italiano), Guacira

Marcondes Machado (francês), José Antônio Macedo Soares (inglês). São Paulo: Ática, 1999a. (Coleção múltiplas escritas).

CERTEAU, Michel de. Introdução geral. In: _____. **A invenção do cotidiano**: artes do fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis, RJ: 2014. p. 37-51.

CERUZZI, Paul. E. **Computing**: a concise history. Cambridge: The MIT Press, 2012. E-book para Kindle.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**. 1ª ed. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002a.

_____. **As aventuras do livro**: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora Unesp, 1998b. (Coleção prismas).

_____. **Cultura escrita. Literatura e história**: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **Os desafios da escrita**. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora Unesp, 2002c.

_____. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Tradução Cristina Antunes. São Paulo: Autêntica, 2010.

_____. **História Cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Algés: Difel, 1990.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. **A mão do autor e a mente do editor**. Tradução George Schlesinger. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

_____. Materialidade e mobilidade dos textos. Dom Quixote entre livros, festas e cenários. In: ROCHA, J. C. de C. (Org.). **Roger Chartier - a força das representações**: história e ficção. Chapecó, SC: Argos, 2011, p. 173-200.

_____. Mistério estético e materialidade da escrita. In: _____. **Inscrever e apagar:** cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII). Tradução Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora Unesp, 2007a.

_____. Os livros resistirão às tecnologias digitais. **Nova Escola**, São Paulo, n. 204, ago. 2007b. Mensal. Entrevista concedida a Cristina Zahar. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/fundamentos/roger-chartier-livros-resistiraotecnologias-digitais-610077.shtml>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

_____. **A ordem dos livros:** leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UnB, 1999b.

_____. **Do palco à página:** publicar teatro e ler romances na época moderna: séculos XVI-XVIII. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002b.

_____. (Org.). **Práticas da leitura.** São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVO [site]. Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos. **Perguntas frequentes.** [S.l.: s.n., 2014?]. Disponível em: <<http://www.documentoseletronicos.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=10>>. Acesso em: 14 jul. 2015.

COSACNAIFY [site]. **O fazedor de velhos:** sinopse. c2014. Disponível em: <<http://editora.cosacnaify.com.br/ObraSinopse/11030/O-Fazedor-de-Velhos.aspx>>. Acesso em 27 nov. 2015.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia.** Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.

DALVI, Maria Amélia. **Livro e leitura:** o medo do mato, de Rodrigo Britto, e Guido, a folha e o capim, de Paulo Roberto Sodrê. In: _____. LOPES, O.; NEVES, R. S. (Org.). **Bravos Companheiros e Fantasmas V:** estudos críticos sobre o autor capixaba. 1. ed. Vitória: Edufes, 2014, p. 217-230. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/1160>>. Acesso em: 29 abr. 2015.

DEWEY, Melvil. **Dewey decimal classification and relative index**. 22. ed. Dublin, Ohio: OCLC, 2003.

DICTIONARY [site]. c2015. Disponível em: <<http://dictionary.reference.com/browse/qr%20code>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

ECO, Umberto. Sobre algumas funções da literatura. In: _____. **Ensaios sobre literatura**. Tradução de Eliana Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 9-21.

_____; CARRIÈRE, J-C. **Não contem com o fim do livro**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **The Little World of the Book**. In: _____. *The coming of the Book: the Impact of Printing, 1450-1800*. Traduzido do francês para o inglês por David Gerard. London: Verso, 2010.

FERRARI, Márcio. Roger Chartier, o especialista em história da leitura. **Revista Nova Escola**. São Paulo, n. 2002, mar. 2009. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/fundamentos/especialista-historia-leitura-427323.shtml>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

FERRISS, Suzanne; YOUNG, Mallory. Introduction. In: _____ (Ed.). **Chick lit: the new woman's fiction**. New York: Taylor & Francis, 2006, p. 1-12. E-book para Kindle.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. Tradução Cláudia Freire. São Paulo: Unesp, 2006.

FISH, Stanley. Introduction. In: _____. **Is there a text in this class?** *The Authority of Interpretative Communities*. Cambridge, MA: Harvard University Press, ©1980.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Tecnologia de Informação Aplicada da EAESP. **26ª pesquisa anual do uso de TI, 2015**. São Paulo: FGV, 2015. Disponível em: <<http://eaesp.fgvsp.br/sites/eaesp.fgvsp.br/files/arquivos/pesti-gvcia2015ppt.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2015.

GARCÍA MARCO, Francisco Javier. Del papiro al libro electrónico: dispositivos, formatos y utilidades. In.: ____; PINTO, María; MANSO RODRÍGUEZ, Ramón Alberto (Org.) **La lectura digital en las bibliotecas públicas: promoción y gestión del cambio**. Buenos Aires: Alfagrama, 2014

GONDIM, Sonia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, São Paulo, v. 12(24), p. 149-161, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

GONTIJO, Silvana. **O livro de ouro da comunicação**. São Paulo: Ediouro, 2004.

GRUPO DE PESQUISA LITERATURA E EDUCAÇÃO [site]. **Apresentação**. [Vitória]: s.n., [2014]. Disponível em: <<http://www.literaturaeeducacao.ufes.br/>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

HENDEL, Richard. **O design do livro**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006. (Artes do livro, v. 1).

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales; MELLO FRANCO, Francisco Manoel de. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Estatística de empréstimo por classificação [2011-2014]**. [São Mateus, ES]: [Ifes], 2015a. Relatório gerado em 25 de maio de 2015 utilizando o Sistema Integrado de Bibliotecas Pergamum®.

_____. **Levantamento bibliográfico por classificação [2011-2014]**. [São Mateus, ES]: [Ifes], 2015b. Relatório gerado em 25 de maio de 2015 utilizando o Sistema Integrado de Bibliotecas Pergamum®.

_____. **Relação de material emprestado: período de 01/01/2011 a 31/12/2014**. [São Mateus, ES]: [Ifes], 2015c. Relatório gerado em 25 de maio de 2015 utilizando o Sistema Integrado de Bibliotecas Pergamum®.

_____. **Relatório de títulos mais emprestados por área de conhecimento [2011-2014]**. [São Mateus, ES]: [Ifes], 2015d. Relatório gerado em 25 de maio de 2015 utilizando o Sistema Integrado de Bibliotecas Pergamum®.

_____. Campus São Mateus. **O campus São Mateus**. São Mateus/ES, ©2011. Disponível em: <http://www.sm.ifes.edu.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=16&Itemid=21>. Acesso em: 11 nov. 2015.

_____. Campus São Mateus. Biblioteca. **Regulamento interno da biblioteca**. São Mateus/ES, 2014. Disponível em: <http://www.sm.ifes.edu.br/site/arquivo/documento/biblioteca/regulamento_bcsm.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2015.

IMDB.COM [International Movie Data Base, Inc.]. c1990-2015. Disponível em: <<http://www.imdb.com/>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2008. Disponível em <<http://www.prolivro.org.br/images/antigo/1815.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2015.

_____. _____. 3. ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012. Disponível em <http://www.prolivro.org.br/ip1/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2015.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução Susana L. de Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KRUEGER, Richard. A. **Designing and conducting focus group interviews**. St. Paul, MN: [s.n.], 2002. Disponível em: <<http://www.eiu.edu/~ihc/Krueger-FocusGroupInterviews.pdf>>. Acesso em 07 maio 2015.

LACERDA, Rodrigo. **O fazedor de velhos**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

_____. _____. São Paulo: Cosac Naify, 2013. E-book.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Das tábuas da lei à tela do computador**. São Paulo: Àtica, 2009.

LEMOS, Adriana Falqueto. **Literatura, videogames e leitura:** intersemiose e multidisciplinaridade. 2015. 165 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

LOPES, José Sérgio Leite. Algo sobre a trajetória da prática do autor científico Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger; FAULHABER, Priscila; LOPES, José Sérgio Leite. (Org.). **Autoria e história cultural da ciência**. Rio de Janeiro: Azougue, 2012. p. 17-24.

LYONS, Martyn. **Livro:** uma história viva. Tradução Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

MACKENZIE, D. **Bibliography and the Sociology of the Texts**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1999. E-book para Kindle.

MANGUEL, Alberto. Ilha. In: _____. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 178-194.

_____. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita:** história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Ática, 2002.

NOVELS. In: DAN BROWN [site]. [c201-]. Disponível em: <<http://www.danbrown.com/#books-section>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

OLIVEIRA, Danusa Almeida de. **Os editores gaúchos e o mercado do livro:** mapeando impressões e ações acerca de um campo de transformação. 2013. 137 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/76087>>. Acesso em 08 abr. 2015.

OLIVEIRA, Gabriela Rodella de. **As práticas de leitura literária de adolescentes e a escola:** tensões e influências. 2013. 377 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de

São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-31012014-121057/pt-br.php>>. Acesso em 10 abr. 2015.

PARKES, Malcolm. Ler, escrever, interpretar o texto: práticas monásticas na Alta Idade Média. In: CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**: volume 1. São Paulo: Ática, 1998, p. 103-122. (Coleção múltiplas escritas).

PESAVENTO, Sandra. J. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. 2. ed. São Palo: 34, 2009.

PETRUCCI, Armando. Ler por ler: um futuro para a leitura. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**: volume 2. São Paulo: Ática, 1998, p. 203-227. (Coleção múltiplas escritas).

PIN, Adriana. **A recepção da obra de Paulo Coelho pela crítica literária e pelo leitor**. 2014. 296 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

POTTERMORE. Disponível em: <<https://www.pottermore.com>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

PROCÓPIO, Ednei. **O livro na era digital**: o mercado editorial e as mídias digitais. São Paulo: Giz Editorial, 2010.

_____. **A revolução dos ebooks**: a indústria dos livros na era digital. São Paulo SENAI-SP Editora, 2013.

PROENÇA, Graça. **História da arte**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2009.

QUAL a sua preferência? Livro de papel ou livro digital? Publicado em 26 ago. 2015. In: EU amo leitura. **Facebook**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Eu-amo-leitura-389742681051228/>>. Acesso em 26 ago. 2015.

RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na tela: letramento e novos suportes de leitura e escrita. In: COSCARELLI, Carla Viana, RIBEIRO, Ana Elisa (Org.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 125-150. (Coleção linguagem e educação).

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, Arlene Batista da. **Literatura em libras e educação literária de surdos: um estudo da coleção “Educação de Surdos” e de vídeos literários em libras compartilhados na internet**. 2015. 196 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

SILVA, Helenice. R. da. Roger Chartier. In: LOPES, Marcos Antônio; MUNHOZ, Sidnei. J. (Org.). **Historiadores do nosso tempo**. São Paulo: Alameda, 2010. p. 301-319.

SISTEMA ACADÊMICO. **Relatório quantitativo de alunos matriculados em 2013 e 2014**. [São Mateus]: s.n., 2015. Relatório emitido em 06 de maio de 2015 utilizando o Sistema Acadêmico Qualidata.

SKOOB [site]. **Top mais**. [S.l.: s.n.], c2015. Disponível em: <http://www.skoob.com.br/livro/top_mais/>. Acesso em 18 nov 2015.

SPALDING, Marcelo. **Alice do livro impresso ao e-book: adaptação de Alice no país das maravilhas e de Atráves do espelho para iPad**. 2012. 245 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/67268>>. Acesso em 08 abr. 2015.

SOUZA, Heber Ferreira de. **Apropriações do livro didático de literatura: um diálogo com professores e alunos**. 2015. 170 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

SUETH, José Cândido Rifan et al. **A trajetória de 100 anos dos eternos titãs**: da Escola de Aprendizes Artífices ao Instituto Federal. Vitória: Instituto Federal do Espírito Santo, 2009.

SUTHERLAND, John. **A Little History of Literature**. New Haven: Yale University Press, 2014.

SVENBRO, Jesper. A Grécia arcaica e clássica: a invenção da leitura silenciosa. In: CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**: volume 1. São Paulo: Ática, 1998, p. 41-69. (Coleção múltiplas escritas).

THE EVOLUTION of the e-reader. **The Globe and Mail**. Canadá, 27 jun. 2012. Disponível em : <<http://www.theglobeandmail.com/report-on-business/rob-magazine/the-evolution-of-the-e-reader/article4257032/>>. Acesso em: 16 out. 2015.

TWILIGHT series. Disponível em <<http://stepheniemeyer.com/twilightseries.html>>. Acesso em 20 nov. 2015.

VEIGA, Luciana; GONDIM, Sonia Maria Guedes. A utilização de métodos qualitativos na Ciência Política e no Marketing Político. **Opin. Pública**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 1-15, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/op/v7n1/16930.pdf>>. Acesso em 26 nov. 2015.

ZILBERMAN, Regina. **Fim dos livros, fim dos leitores?** São Paulo: Editora Senac, 2001. (Ponto futuro; v. 3).

APÊNDICE A – PUBLICAÇÕES DE CHARTIER SOBRE A TEMÁTICA HISTÓRIA DO LIVRO E DA LEITURA ATÉ 2017

Títulos de responsabilidade de Roger Chartier, publicados no Brasil, que se enquadram na linha de pesquisa sobre a história do livro e leitura.

Continua...

TÍTULO (TÍTULO ORIGINAL)	CARACTERÍSTICAS GERAIS
Práticas de leitura – 1996 (<i>Pratiques de la lecture</i> – 1985)	<ul style="list-style-type: none"> ● Coletânea idealizada por Alain Paire e dirigida por Roger Chartier; ● Editado pela Estação Liberdade; ● Tradução de Cristiane Nascimento; ● 1 volume, 268 páginas, sem ilustrações. ● Fora de comercialização.
A aventura do livro: do leitor ao navegador – 1998 (<i>Le livre em révolutions</i> – 1997)	<ul style="list-style-type: none"> ● Publicação de entrevistas concedidas por Roger Chartier a Jean Lebrun; ● Editado pela Editora da Unesp e Imprensa Oficial; ● Tradução de Reginaldo Camello Corrêa de Moares; ● 1 volume, 159 páginas, com ilustrações coloridas. ● Disponível no mercado.
História da leitura no mundo ocidental volume 1 – 1998 volume 2 – 1999 (<i>Histoire de la lecture dans le monde occidental</i> , 1997)	<ul style="list-style-type: none"> ● Coletânea de ensaios organizados por Guglielmo Cavallo e Roger Chartier; ● Editado pela Ática; ● Tradução de Fulvia M. L. Moretto (italiano), Guacira Marcondes Machado (francês) e José Antônio de Macedo Soares (inglês); ● 2 volumes, 232 + 248 páginas, sem ilustrações. ● Fora de comercialização.
A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII – 1999 (<i>L'ordre des livres: lecteurs, auteurs, bibliothèques en Europe entre XIV^e et XVIII^e siècle</i>)	<ul style="list-style-type: none"> ● Coletânea de ensaios de Roger Chartier; ● Editado pela Editora UnB; ● Tradução de Mary Del Priori; ● 1 volume, 111 páginas, com ilustrações em preto e branco. ● Fora de comercialização.

conclusão

<p>Cultura escrita, literatura e história: conversas de Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit – 2001 (<i>Cultura escrita, literatura e historia: coacciones transgredidas y libertades restringidas – conversaciones de Roger Chartier con Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin y Antonio Saborit – 1999</i>)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Publicação de conversas/entrevistas de Roger Chartier com profissionais da leitura latinoamericanos ; ● Editado pela Artmed; ● Tradução de Ernani Rosa; ● 1 volume, 189 páginas, sem ilustrações. ● Fora de comercialização.
<p>Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna – séculos XVI-XVIII – 2002 (<i>sem informações do título original</i>)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Coletânea de ensaios de Roger Chartier; ● Editado pela Casa da Palavra; ● Tradução de Bruno Fleiter; ● 1 volume, 127 páginas, com ilustrações em preto e branco. ● Fora de comercialização.
<p>Os desafios da escrita – 2002 (<i>sem informações do título original</i>)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Coletânea de ensaios de Roger Chartier; ● Editado pela Editora Unesp; ● Tradução de Fulvia M. L. Moretto; ● 1 volume, 144 páginas, sem ilustrações. ● Disponível no mercado.
<p>À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude – 2002 (<i>Au bord de la falaise: L'histoire entre certitudes et inquiétude - 2002</i>)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Coletânea de ensaios de Roger Chartier; ● Editado pela Editora UFRGS; ● Tradução de Patrícia Chittoni Ramos; ● 1 volume, 277 páginas, sem ilustrações. ● Fora de comercialização.
<p>Formas e sentido: cultura escrita: entre distinção e apropriação – 2003</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Coletânea de ensaios de Roger Chartier; ● Editado por Mercado das Letras;

Fonte: elaborado pela autora com base no exposto por Lopes (2012) e na análise das obras impressas publicadas até o ano de 2017.

APÊNDICE B – ACERVO LITERÁRIO DA BIBLIOTECA DO CAMPUS SÃO MATEUS (ATÉ 2014)

Composição do acervo literário a partir de análise do relatório
“Levantamento bibliográfico por classificação”

Continua...

NOTAÇÃO CDD	CLASSIFICAÇÃO	QUANTIDADE			
		2011-2012		2013-2014	
		Títulos	Exem- plares	Títulos	Exem- plares
808.8	Antologias de mais de duas Literaturas	0	0	13	23
808.89	Literatura Infanto-Juvenil	139	145	139	144
811	Poesia Norte-Americana	3	3	3	3
813	Ficção Norte-Americana	80	102	152	190
813.08738	Contos de Terror Norte-Americanos	0	0	2	2
818	Literatura Norte-Americana – Miscelânea	2	2	3	3
820	Literatura Inglesa	1	2	1	1
822	Teatro Inglês (Shakespeare)	11	11	11	11
823	Ficção Inglesa	93	93	127	144
823.1	Contos Ingleses	1	1	1	1
824	Ensaio Ingleses	1	1	1	1
828	Literatura Inglesa – Miscelânea	4	4	5	5
831	Poesia Alemã	1	1	1	1
833	Ficção Alemã	3	3	4	4
838	Literatura Alemã – Miscelânea	1	1	1	1
839.31	Literatura Holandesa	1	1	1	1
839.73	Ficção Sueca	0	0	4	4
839.813	Ficção Dinamarquesa	0	0	1	1
839.823	Ficção Norueguesa	2	6	1	6
841	Poesia Francesa	1	1	1	1
843	Ficção Francesa	26	34	29	37
843.1	Contos Franceses	1	1	1	1
846	Cartas Francesas	1	1	1	1
851	Poesia Italiana	1	1	1	1
853	Ficção Italiana	4	4	5	5
853.1	Contos Italianos	1	1	1	1
862	Teatro Língua Espanhola	1	1	1	1
863	Ficção Língua Espanhola	9	9	11	11
868	Literatura Espanhola – Miscelânea	0	0	3	3
891.7	Literatura Russa	1	1	1	1
869.1	Poesia Brasileira e Portuguesa	73	114	85	135
869.2	Teatro Brasileiro e Português	11	23	14	24

conclusão

NOTAÇÃO CDD	CLASSIFICAÇÃO	QUANTIDADE			
		2011-2012		2013-2014	
		Títulos	Exem- plares	Títulos	Exem- plares
869.3	Ficção Brasileira e Portuguesa	190	335	209	368
869.5	Discursos Brasileiros e Portugueses	1	3	2	5
869.6	Cartas Brasileiras e Portuguesas	1	1	1	1
869.7	Sátiras Brasileiras e Portuguesas	1	1	1	1
869.8	Literatura Brasileira e Portuguesa – Miscelânea	128	165	149	206
880.8	Literatura Grega Clássica – Miscelânea	1	1	1	1
883	Poesia Épica Grega	4	4	4	4
889.3	Ficção Grega	1	1	1	1
891.43	Ficção Indiana	0	0	1	1
891.593	Ficção Afegã	2	4	3	5
891.7	Literatura Russa	1	1	1	1
891.71	Poesia Russa	1	1	1	1
89.73	Ficção Russa	3	3	3	3
891.731	Contos Russos	2	2	2	2
891.85	Literatura Polonesa	1	1	1	1
891.853	Ficção Polonesa	1	1	1	1
891.863	Ficção Tcheca	2	2	3	3
892.7	Literatura Árabe	2	2	2	2
892.78	Literatura Árabe – Miscelânea	1	1	1	1
893.1	Literatura Egípcia	1	1	1	1
895.63	Ficção Japonesa	1	1	1	1
Total geral		817	1097		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir do exposto em Instituto Federal do Espírito Santo (2015b).

APÊNDICE C – QUANTIDADE DE EMPRÉSTIMOS POR ÁREA DO CONHECIMENTO (2011-2012/2013-2014)

Continua...

NOTAÇÃO CDD	CLASSIFICAÇÃO	QUANTIDADE DE EMPRÉSTIMOS	
		2011-2012	2013-2014
813	Ficção Norte-Americana	890	947
823	Ficção Inglesa	883	570
869.3	Ficção Brasileira e Portuguesa	368	320
869.8	Literatura Brasileira e Portuguesa – Miscelânea	162	72
843	Ficção Francesa	89	70
808.89	Literatura Infanto-Juvenil	120	62
839.82	Literatura Norueguesa	17	40
891.593	Ficção Afegã	55	33
869.1	Poesia Brasileira e Portuguesa	55	32
839.7	Literatura Sueca	0	25
818	Literatura Norte-Americana – Miscelânea	5	20
869.2	Teatro Português e Brasileiro	17	19
863	Ficção da Língua Espanhola	17	17
839.31	Literatura Holandesa	15	13
822.33	Teatro Inglês (Shakespeare)	11	7
808.8	Antologias de mais de duas literaturas	51	7
828	Literatura Inglesa – Miscelânea	13	6
839.823	Ficção Norueguesa	6	5
811	Poesia Norte-Americana	1	5
813.08738	Contos de Terror Americanos	0	3
868	Literatura Espanhola – Miscelânea	2	3
853	Ficção Italiana	2	3
880.8	Literatura Grega Clássica – Miscelânea	0	2
883	Poesia Épica Grega	5	2
869.7	Sátiras Brasileiras e Portuguesas	0	2
841	Poesia Francesa	2	2
824	Ensaio Inglês	2	2
895.63	Ficção Japonesa	2	1
808.86	Carta – Coletânea	6	1
851	Poesia Italiana	5	1
891.863	Ficção Tcheca	2	0
891.853	Ficção Polonesa	1	0

conclusão

NOTAÇÃO CDD	CLASSIFICAÇÃO	QUANTIDADE DE EMPRÉSTIMOS	
		2011-2012	2013-2014
891.731	Contos Russos	1	0
891.85	Literatura Polonesa	5	0
891.7	Literatura Russa	8	0
846	Cartas Francesas	3	0
843.1	Contos Franceses	1	0
838	Literatura Alemã – Miscelânea	10	0
823.1	Contos Ingleses	1	0
820	Literatura Inglesa	2	0
8XX	Soma de outras classificações	97	38
Total de empréstimos			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir do exposto em Instituto Federal do Espírito Santo, (2015a).

APÊNDICE D – ROTEIRO DO GRUPO FOCAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS

“LEITURA LITERÁRIA DE ALUNOS DO CAMPUS SÃO MATEUS DO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO FRENTE ÀS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO CONTEMPORÂNEAS”

ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL⁴⁹

Pesquisador responsável: Rossanna dos Santos Santana Rubim
Mediadora: Bibliotecária Me. Maristela Almeida Mercandeli Rodrigues
Quantidade de participantes: 5 (cinco)
Local: Sala nas instalações do bairro Carapina, em São Mateus
Data e horário: 3 de outubro de 2015, das 8h30min às 12h30min
Duração pretendida: 3-4 horas.

1ª ETAPA (20-25 minutos)

Boas-vindas, apresentação do tópico a ser discutido, orientações gerais e introdução dos participantes.

Texto de boas-vindas sugerido:

Bom dia! Sejam bem-vindos a essa atividade. Obrigada por dedicarem o tempo de vocês para que pudéssemos falar um pouco sobre suas práticas de leitura literária. Meu nome é Maristela, serei mediadora desse grupo, contando com o auxílio da professora Adriana Pin, auxiliando a Rossanna, bibliotecária do campus São Mateus, na realização de sua pesquisa. Inclusive, ela estará conosco, hoje apenas como observadora.

Vocês foram convidados a estarem conosco hoje por terem respondido previamente um questionário de Estudo de Usuários da biblioteca, cujo foco era definir o perfil do leitor literário do campus, estando todos aptos a participarem das discussões que pretendemos conduzir.

Em relação ao tema a ser discutido, saibam que não há respostas erradas, apenas diferentes pontos de vista. Sintam-se à vontade para expressar os seus, mesmo que sejam diferentes de outros.

Como vocês podem perceber, e de acordo com o informado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que todos leram e assinaram, nós gravaremos (filmaremos) todos os trabalhos, já que não queremos perder qualquer um dos comentários feitos hoje. Reforçamos que nenhuma das identidades dos participantes será divulgada.

Contamos com a participação de todos na discussão e, para garantir que tudo corra bem, pedimos que não sejam feitas interrupções durante as falas. Estamos aqui para ouvir a todos!

Pedir aos participantes que se apresentem, dizendo nome, curso que fazem na Instituição e como ele se descreveria, BREVEMENTE, como leitor literário.

Recolher os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, assinados.

2ª ETAPA (50-75 minutos)

Atividade de leitura que precederá a discussão: orientações específicas

⁴⁹ Estruturado de acordo com as orientações dispostas em *Designing and conducting focus group interviews*, de autoria de Richard Krueger, professor da *University of Minnesota*.

Descrição: Leitura silenciosa de cinco capítulos do livro de literatura infanto-juvenil “O fazedor de velhos”, de autoria de Rodrigo Lacerda. Cada participante lerá um capítulo utilizando diferente suporte de leitura, realizando rodízios.

Suportes disponibilizados:

- ♦ um livro impresso;
- ♦ um *e-reader* (Kobo Glo);
- ♦ um *smartphone* (iPhone 5, utilizando aplicativo Kobo próprio para iOS);
- ♦ um *tablet* (iPad 2ª geração, utilizando aplicativo Kobo próprio para iOS);
- ♦ um *laptop*, com auxílio de *mouse* (Sony Vaio, utilizando aplicativo Kobo para PC).

Cada rodada de leitura terá duração de aproximadamente 10-15 minutos (os capítulos são curtos, apresentando média de 10 páginas cada). A mediadora acompanhará as trocas, garantindo que os leitores não repitam os suportes.

3ª ETAPA (10-15 minutos)

Intervalo para lanche e interação entre os participantes, estimulando-os a trocar ideias sobre a leitura feita.

4ª ETAPA (60-90 minutos)

Discussão pós-leitura.

a) A moderadora deverá reorganizar os participantes, em um semicírculo, diante da câmera, e pedir, inicialmente, que compartilhem em linhas gerais o que pensaram da leitura dos cinco capítulos (10 min.)

b) Ainda com o grupo organizado no semicírculo, ofertar papel e caneta e pedir que os participantes anotem as respostas decorrentes de diálogo coletivo a respeito das perguntas abaixo, sendo escolhido um relator dentre eles (20-30 min.):

- 1 Considerando somente os suportes eletrônicos, sendo possível dizer que existem **similaridades** (no que se refere ao ato da leitura) entre os experimentados durante a leitura de hoje, apontem quais seriam essas.
- 2 Considerando novamente apenas os suportes eletrônicos, apontem quais seriam as maiores **diferenças** (no que se refere ao ato da leitura) entre os suportes utilizados para leitura.
- 3 Agora, considerando todos os suportes, se possível, identifique alguma **relação** entre os modos de ler no livro de papel e nos suportes eletrônicos
- 4 Algum dos suportes utilizados apresentou alguma **característica que dificultou/ atrapalhou** a leitura e compreensão da narrativa? Quais?
- 5 Liste vantagens e desvantagens da leitura nos suportes eletrônicos

c) Convidar cada participante a responder livremente a cada um dos seguintes questionamentos (30-40 min):

- 1 A leitura em qual suporte foi a mais agradável? Por quê?
- 2 A leitura em qual suporte foi a menos agradável? Por quê?
- 3 Teriam interesse em continuar lendo o livro “O fazedor de velhos”? Em caso positivo, utilizando qual suporte? Por quê?
- 4 A leitura de literatura em formatos eletrônicos é diferente ou igual à leitura de outros gêneros textuais também em formato eletrônico (textos curtos, notícias, posts no Facebook, jornais eletrônicos, artigos acadêmicos, etc.)? Por quê?

d) Para concluir, perguntar se teriam algum outro comentário a fazer sobre a questão da leitura em suportes eletrônicos (10-20 min)

5ª ETAPA (10-15 minutos)

Encerramento.